Convergência

Agosto, Setembro e Outubro • 2020 • ANO LV

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp

Projeto gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Gratidão, Coragem e Louvor! 5

Mensagem do Papa

57º Dia Mundial de Oração pelas Vocações..... 10

Mártires e Santos

Charles de Foucauld 15

Informes

A Casa da Vida Religiosa Consagrada 17

Queridas Irmãs e Irmãos na Vida Consagrada de SC..... 26

VRC e a pandemia do COVID-19..... 29

Uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas..... 32

Uma chave de leitura para a parábola do O Bom Samaritano..... 34

"Estamos no mesmo Barco" – A outra Amazônia, onde a solidariedade ganha 37

Identidade da Vida Consagrada e sua contribuição para a vida da Igreja e do Mundo..... 39

O que o Espírito diz à Igreja no Brasil?..... 50

Artigos

A mística que favorece a consciência humana - Irmã Cleusa e a mística que orientou a sua vida! 52

Pe. José Ricardo Zonta, cp

Vida Religiosa Consagrada no pós-sínodo para a Amazônia ...62

Ir. Vânia Maria Carvalho de Sousa

Por que a geração digital não se interessa pela vida religiosa? 69
Pe. Plutarco Almeida, sj

Os jovens que batem à nossa porta 79
Ir. Mariangela Ferrari, sfa

Cultivar a mística profético-sapiencial 92
Frei Moacir Casagrande, ofmcap

Sem saudade do passado, amar o que se é 105
Pe. José Maria Guerrero, sj

Anexos

Reflexões orantes 121

Leitura Orante - As palavras da vocação 129

Resenha

Novo Testamento e Vida Consagrada 136

O elogio da sede 140

GRATIDÃO, CORAGEM E LOUVOR!

Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb

Saudações a todos e todas

Papa Francisco não caminhou sozinho naquele 27 de março na Praça de São Pedro, em plena pandemia. Como escreveu um jovem: "Aquela praça nunca esteve tão cheia, todos os olhos estavam voltados para ela". A Vida Religiosa Consagrada caminha com Francisco, consequentemente, aquela dura experiência nos ensinou e recordou mais uma vez que precisamos ser pessoas consagradas com grande espírito de GRATIDÃO a Deus. É Ele, e somente Ele, que preenche o vazio de nossas buscas e alimenta nosso peregrinar. Por conseguinte, para responder a Jesus na fidelidade criativa temos que ter CORAGEM, apesar das tempestades que às vezes ameaçam afundar o barco. Somente assim saberemos sempre ter motivos profundos para LOUVAR sem cessar em todo o tempo e lugar.

É neste espírito que a terceira edição da Convergência chega até você. Como viveremos três meses de empenho vocacional: agosto, mês vocacional; setembro, mês da Bíblia e outubro, mês das missões, é um tempo favorável para aprofundar o sentido da nossa vida consagrada em missão.

Como em todas as etapas da História da Salvação, houve um empenho para destacar a mística adequada sobre o protagonismo do Espírito, a Vida Consagrada continua tal desafio ainda hoje. No artigo, "cultivar a mística profético-sapiencial", Frei Moacir Casagrande, OFMcap, a partir da primeira prioridade da 25ª Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, ajuda-nos a cultivar a mística no contexto das rápidas mudanças na busca por uma síntese entre profecia e sabedoria.

O Sínodo Pan-Amazônico ficou marcado pela presença significativa da Vida Consagrada feminina, toda a preparação e, sobretudo, a aula sinodal reconheceu o protagonismo da mulher como sujeito e inseridas nas complexas realidades eclesiais da Pan-Amazônia. Com o intuito de mostrar este envolvimento que deve continuar crescendo, a Irmã Vânia Maria Carvalho de Souza, MCEJ, coloca à nossa disposição a reflexão sobre "Vida Religiosa Consagrada nos pós-sínodo para a Amazônia". Nas esperanças e lutas dos povos amazônica, a Vida Religiosa é chamada a abraçar mais ainda a presença profética entre os mais vulneráveis.

Com valiosas provocações em vista de uma animação vocacional que supere os preconceitos da cultura marqueteira-digital, sem perder a essencialidade do chamado de Deus que ainda hoje pode revelar aos jovens e a nós consagrados (as) a força da Vida Religiosa, padre Plutarco Almeida, SJ, apresenta a reflexão "Por que a geração digital não se interessa pela vida religiosa?" Quais são as possibilidades para uma renovação da animação vocacional? É fato que a partilha de informações e o debate aberto sobre as novas tendências devem iluminar o mistério do chamado que continua latente na Igreja.

Ainda na esteira da reflexão vocacional, a Irmã Mariangela Ferrari, SFA, desenvolve no artigo "Os jovens que batem à nossa porta" uma significativa experiência que o seu instituto realiza no acompanhamento e discernimento vocacional de jovens que buscam no diálogo aberto, num guia seguro e na experiência de vida, um processo de mergulho no mistério da vida como vocação. Os jovens sentem a necessidade de amar e compreender a própria história para acolher a si mesmos, entender a corporeidade e abandonar uma imagem ideal que os afasta da realidade e não permite ver a beleza para deixar-se seduzir pelo chamado de Deus.

Na busca de aprofundar a mística no compromisso de uma pessoa consagrada, padre José Ricardo Zonta, CP, apresenta em seu artigo a experiência de uma religiosa mártir que, inserida no contexto indígena da Amazônia, foi movida pela força do amor de Deus até dar a vida. No artigo "A mística que favorece a consciência humana – irmã Cleusa e a mística que orientou sua vida", fica evidente que a mártir Irmã Cleusa enfrentou a maldade humana porque foi movida pela força de Jesus que a levou por caminhos nunca imaginados, a uma obediência à voz interior que a ajudou a vencer o medo e a ser oferta de vida para a vida do mundo.

Na sociedade do descarte e de valore em crise a Vida Religiosa Consagrada não pode ceder à tentação de excluir ou considerar como peso os idosos (as). Por outro lado, é preciso favorecer a eles (as) a redescoberta de viver a consagrada quando as forças físicas ou uma enfermidade limitam as ações. No artigo "Sem saudade do passado, amar o que se é", padre José Maria Guerrero, SJ, com mais de 30 anos atuante no cuidado da casa de idosos jesuítas, nos proporciona uma rica experiência de como cuidar e como despertar nas pessoas o cuidado de si mesmas, evitando ficar presas no passado, mas sabendo viver o presente na perspectiva do futuro.

Com os informes, a mensagem do Papa, as resenhas e as reflexões orantes, Convergência quer fazer parte da cultura da Vida Religiosa Consagrada em tempos de maior escuta de Jesus, o Bom Vinho, neste Kairós, da pandemia ou pós-pandemia, caminhando com Francisco na contemplação da Virgem Maria e do crucificado, reavivando o Dom que recebemos.

Grande abraço a todos e todas.

DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA
TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades

1. Cultivar a mística profético-sapiencial

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.

2. Ouvir o clamor dos pobres e da terra

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.

3. Fomentar a intercongregacionalidade, a interculturalidade e a partilha dos carismas com leigas/os

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.

4. Promover relações humanizadoras e atenção diferenciada à cada geração na VRC

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.

57º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES SANTA MISSA PELA AMÉRICA LATINA

3 de maio de 2020 - IV Domingo da Páscoa

As palavras da vocação

Queridos irmãos e irmãs!

A 4 de agosto do ano passado, no 160º aniversário da morte do Santo Cura d'Ars, quis dedicar uma Carta aos sacerdotes, que todos os dias, obedecendo à chamada que o Senhor lhes dirigiu, gastam a vida ao serviço do Povo de Deus.

Então escolhi quatro palavras-chave – tribulação, gratidão, coragem e louvor – para agradecer aos sacerdotes e apoiar o seu ministério. Acho que, neste 57º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, poder-se-iam retomar aquelas palavras e dirigi-las a todo o Povo de Deus, tendo como pano de fundo o texto evangélico que nos conta a experiência singular que sobreveio a Jesus e a Pedro durante uma noite de tempestade no lago de Tiberíades (cf. Mt 14, 22-33).

Depois da multiplicação dos pães, que entusiasmou a multidão, Jesus manda os discípulos subir para o barco e seguir à sua frente para a outra margem, enquanto Ele despedia o povo. A imagem desta travessia do lago sugere de algum modo a viagem da nossa existência. De facto, o barco da nossa vida avança lentamente, sempre preocupado à procura dum local afortunado de atracagem, pronto a desafiar os riscos e as conjunturas do mar, mas desejoso também de receber do timoneiro a orientação que o coloque finalmente na rota certa. Às vezes, porém, é possível perder-se, deixar-se cegar pelas ilusões em vez de seguir o farol

luminoso que o conduz ao porto seguro, ou ser desafiado pelos ventos contrários das dificuldades, dúvidas e medos.

Assim acontece também no coração dos discípulos, que, chamados a seguir o Mestre de Nazaré, têm de se decidir a passar à outra margem, optando corajosamente por abandonar as próprias seguranças e seguir os passos do Senhor. Esta aventura não é tranquila: cai a noite, sopra o vento contrário, o barco é sacudido pelas ondas, e há o risco de sobrepor-se o medo de falhar e não estar à altura da vocação.

Mas, na aventura desta travessia não fácil, o Evangelho diz-nos que não estamos sozinhos. Quase forçando a aurora no coração da noite, o Senhor caminha sobre as águas tumultuosas e vai ter com os discípulos, convida Pedro a vir ao encontro d'Ele sobre as ondas e salva-o quando o vê afundar; finalmente, sobe para o barco e faz cessar o vento.

Assim, a primeira palavra da vocação é gratidão. Navegar pela rota certa não é uma tarefa confiada só aos nossos esforços, nem depende apenas dos percursos que escolhemos fazer. A realização de nós mesmos e dos nossos projetos de vida não é o resultado matemático do que decidimos dentro do nosso «eu» isolado; pelo contrário, trata-se, antes de mais nada, da resposta a uma chamada que nos chega do Alto. É o Senhor que nos indica a margem para onde ir e, ainda antes disso, dá-nos a coragem de subir para o barco; e Ele, ao mesmo tempo que nos chama, faz-Se também nosso timoneiro para nos acompanhar, mostrar a direção, impedir de encalhar nas rochas da indecisão e tornar-nos capazes até de caminhar sobre as águas tumultuosas.

Toda a vocação nasce daquele olhar amoroso com que o Senhor veio ao nosso encontro, talvez mesmo quando o nosso barco estava à mercê da tempestade. «Mais do que uma escolha nossa, a vocação é resposta a uma chamada gratuita do Senhor» (Carta aos Presbíteros, 4/VIII/2019); por isso conseguiremos descobri-la e abraçá-la, quando o nosso coração se abrir à gratidão e souber reconhecer a passagem de Deus pela nossa vida.

Quando os discípulos veem aproximar-Se Jesus caminhando sobre as águas, começam por pensar que se trata dum fantasma e assustam-se. Mas, Jesus imediatamente os tranquiliza com uma palavra que deve acompanhar sempre a nossa vida e o nosso caminho vocacional: «Coragem! Sou Eu! Não temais!» (Mt 14, 27). Esta é precisamente a segunda palavra que gostaria de vos deixar: coragem.

Frequentemente aquilo que nos impede de caminhar, crescer, escolher a estrada que o Senhor traça para nós são os fantasmas que pululam nos nossos corações. Quando somos chamados a deixar a nossa margem segura para abraçar um estado de vida – como o matrimónio, o sacerdócio ordenado, a vida consagrada – muitas vezes a primeira reação é constituída pelo «fantasma da incredulidade»: não é possível que esta vocação seja para mim; trata-se verdadeiramente da estrada certa? Precisamente a mim é que o Senhor pede isto?

E pouco a pouco avolumam-se em nós todas aquelas considerações, justificações e cálculos que nos fazem perder o ímpeto, confundem-nos e deixam-nos paralisados na margem de embarque: julgamos ter sido um erro, não estar à altura, ter simplesmente visto um fantasma que se deve afugentar.

O Senhor sabe que uma opção fundamental de vida – como casar-se ou consagrar-se de forma especial ao seu serviço – exige coragem. Ele conhece os interrogativos, as dúvidas e as dificuldades que agitam o barco do nosso coração e, por isso, nos tranquiliza: «Não tenhas medo! Eu estou contigo». A fé na presença d'Ele que vem ao nosso encontro e nos acompanha mesmo quando o mar está revolto, liberta-nos daquela acédia que podemos definir uma «tristeza adocicada» (Carta aos Presbíteros, 4/VIII/2019), isto é, aquele desânimo interior que nos bloqueia impedindo-nos de saborear a beleza da vocação.

Na Carta aos Presbíteros, falei também da tribulação, que aqui gostaria de especificar concretamente como fadiga. Toda a vocação requer empenhamento. O Senhor chama-nos, porque nos quer tornar, como Pedro,

capazes de «caminhar sobre as águas», isto é, pegar na nossa vida para a colocar ao serviço do Evangelho, nas formas concretas que Ele nos indica cada dia e, de modo especial, nas diferentes formas de vocação laical, presbiteral e de vida consagrada. À semelhança do Apóstolo, porém, sentimos desejo e ardor e, ao mesmo tempo, vemo-nos assinalados por fragilidades e temores.

Se nos deixarmos arrastar pelo pensamento das responsabilidades que nos esperam – na vida matrimonial ou no ministério sacerdotal – ou das adversidades que surgirão, bem depressa desviaremos o olhar de Jesus e, como Pedro, arriscamo-nos a afundar. Pelo contrário a fé permite-nos, apesar das nossas fragilidades e limitações, caminhar ao encontro do Senhor Ressuscitado e vencer as próprias tempestades. Pois Ele estende-nos a mão, quando, por cansaço ou medo, corremos o risco de afundar e dá-nos o ardor necessário para viver a nossa vocação com alegria e entusiasmo.

Por fim, quando Jesus sobe para o barco, cessa o vento e aplacam-se as ondas. É uma bela imagem daquilo que o Senhor realiza na nossa vida e nos tumultos da história, especialmente quando estamos a braços com a tempestade: Ele ordena aos ventos contrários que se calem, e então as forças do mal, do medo, da resignação deixam de ter poder sobre nós.

Na vocação específica que somos chamados a viver, estes ventos podem debilitar-nos. Penso em quantos assumem funções importantes na sociedade civil, nos esposos, que intencionalmente me apraz definir «os corajosos», e de modo especial penso nas pessoas que abraçam a vida consagrada e o sacerdócio. Conheço a vossa fadiga, as solidões que às vezes tornam pesado o coração, o risco da monotonia que pouco a pouco apaga o fogo ardente da vocação, o fardo da incerteza e da precariedade dos nossos tempos, o medo do futuro. Coragem, não tenhais medo! Jesus está ao nosso lado e, se O reconhecermos como único Senhor da nossa vida, Ele estende-nos a mão e agarra-nos para nos salvar.

E então a nossa vida, mesmo no meio das ondas, abre-se ao louvor. Esta é a última palavra da vocação, e pretende ser também o convite a cultivar a atitude interior de Maria Santíssima: agradecida pelo olhar que Deus pousou sobre Ela, superando na fé medos e perturbações, abraçando com coragem a vocação, Ela fez da sua vida um cântico eterno de louvor ao Senhor.

Caríssimos, especialmente neste Dia de Oração pelas Vocações, mas também na ação pastoral

ordinária das nossas comunidades, desejo que a Igreja percorra este caminho ao serviço das vocações, abrindo brechas no coração de todos os fiéis, para que cada um possa descobrir com gratidão a chamada que Deus lhe dirige, encontrar a coragem de dizer «sim», vencer a fadiga com a fé em Cristo e finalmente, como um cântico de louvor, oferecer a própria vida por Deus, pelos irmãos e pelo mundo inteiro. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós.

Roma, São João de Latrão, no II Domingo da Quaresma, 8 de março de 2020.

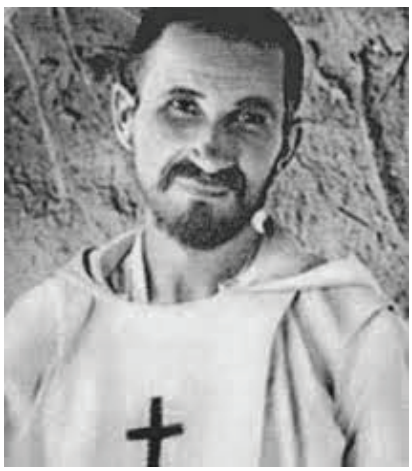
CHARLES DE FOUCAULD

Traduzido e adaptado por Nathália Queiroz.
Publicado originalmente em ACI Prensa.

O sacerdote e missionário francês Charles de Foucauld será proclamado santo depois que o Papa Francisco reconheceu o milagre atribuído à sua intercessão através da assinatura do decreto da Congregação para as Causas dos Santos.

Depois de uma primeira etapa de sua **vida** afastado da fé, Charles de Foucauld, pertencente a uma família aristocrática, experimentou uma profunda conversão depois de testemunhar a religiosidade dos muçulmanos durante uma viagem ao Marrocos e de experimentar a fé cristã de sua família na França.

Após um longo caminho em busca de sua vocação, foi ordenado sacerdote e mudou-se para a África, onde realizou intenso trabalho missionário baseado no diálogo com o Islã e na luta contra a escravidão.



O Beato Charles de Foucauld nasceu na cidade francesa de Estrasburgo, em 15 de setembro de 1858. Aos 6 anos de idade ficou órfão e cresceu com o irmão na casa dos avós. Estudou com os jesuítas em Nancy e em Paris.

Durante a sua adolescência, ele se distanciou da fé e se entregou a uma vida mundana, embora sempre demonstrasse grande força de vontade e capacidade inata de superação. Entrou para a carreira militar, uma vocação que seu avô tentou incutir nele desde

pequeno, mas foi expulso por má conduta e fugiu com sua amante.

Posteriormente, retornou ao exército, mas essa segunda experiência militar também não deu certo e renunciou para se dedicar ao estudo das línguas semitas, em concreto, o árabe e o hebreu.

Suas inquietações o levaram a uma perigosa viagem ao Marrocos de 1883 a 1884, fazendo-se passar por religioso judeu. Também percorreu parte da Argélia e Tunísia e realizou importantes trabalhos cartográficos que lhe renderam a medalha de ouro da Sociedade Francesa de Geografia.

O contato com os muçulmanos o levou a se perguntar sobre Deus. Ficou impressionado com a religiosidade islâmica e como os muçulmanos levavam a sério sua religião enquanto ele tinha se dedicado a desperdiçar dinheiro em aventuras.

De volta à França, a chama da espiritualidade acendeu nele quando compreendeu a fé cristã de sua família. Entrou em contato com o sacerdote Pe. Huvelin e, graças a ele, voltou ao cristianismo em outubro de 1886, quando tinha 28 anos.

Para aprofundar sua fé, fez uma peregrinação à Terra Santa e lá descobriu sua vocação. Durante 7 anos, morou em diferentes mosteiros trapistas, primeiro em Nossa Senhora das Neves e depois no mosteiro sírio de Akbes. Mais tarde, mudou-se para Roma para estudar e depois se retirou para morar sozinho em oração e adoração junto às Clarissas de Nazaré.

Foi ordenado sacerdote em 1901, aos 43 anos, e empreendeu uma nova viagem ao Saara, onde iniciou sua missão com os tuaregues na aldeia de Tamanrasset. Lá, evangelizou os povos do deserto e lutou contra a escravidão: começou a comprar escravos para libertá-los.

Escreveu vários livros sobre a cultura dos tuaregues e de outros povos saarauís e traduziu os Evangelhos para o seu idioma.

Em 1909, fundou a União de Irmãos e Irmãs do Sagrado Coração com a missão de evangelizar as colônias francesas na África. Os povos berberes, maioria no noroeste da África, reconheceram que a missão de Charles de Foucauld gerava sentimentos amigáveis em relação aos franceses.

Foi assassinado, em 1º de dezembro de 1916, na porta de sua ermida durante uma revolta antifrancesa na Argélia.

Do seu carisma surgiram dez congregações religiosas e oito associações de vida espiritual. Ele foi beatificado pelo Papa Bento XVI em 2005.

Vaticano, 27 Maio 2020

A CASA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

A exemplo das Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE 2019-2023), podemos utilizar a imagem da casa para refletir sobre a Vida Religiosa Consagrada (VRC). As motivações primordiais desta última, da mesma forma que a casa, consistem em quatro colunas, o piso e o teto. **As quatro colunas são a Boa Nova do Evangelho, o grito dos pobres e excluídos, o carisma do Instituto e o testemunho no interior da Igreja. O piso e o teto traduzem, respectivamente, a vida comunitária e a espiritualidade.**

Sempre com referência à metáfora da casa, as colunas se levantam a partir dos alicerces e de um piso firme e sólido, preparando-se juntas para receber a cobertura. Esta, por sua vez, somente poderá assentar-se de maneira equilibrada se as colunas se erguerem simultaneamente. Quando uma sobe mais que as outras, ou quando retarda o crescimento, não haverá possibilidade de terminar com sucesso a construção. Torna-se imprescindível a harmonia entre colunas, piso e telhado. Em outros termos, a segurança da casa está subordinada à perfeita integração entre o solo onde ela é construída, o suporte e a cobertura.

As quatro colunas

Comecemos com a coluna que representa a Boa Nova do Evangelho. A chama inicial da VRC vem, ao mesmo tempo, do apelo e do seguimento de Jesus Cristo. “O verbo se fez carne e

armou sua tenda entre nós" (Jo 1,14). O Pai revela seu amor e sua presença através do Filho. O rosto invisível de Deus ganha luz e visibilidade na pessoa de Jesus de Nazaré. Suas palavras, obras, gestos, bem como sua prática evangelizadora, descortinam para o mundo a imensa misericórdia da Trindade Santa. Após a morte e ressurreição do Mestre, seus discípulos convertem-se em apóstolos e missionários. A sequela Christi – na pobreza, na castidade e na obediência – torna-se o ponto de partida para a resposta ao chamado divino.

A pobreza é o caminho que desvenda o tesouro escondido no campo (Mt 13,44): uma riqueza imaterial que supera todo e qualquer acúmulo de bens materiais. A castidade torna-se um terreno fértil e fecundo: ao abraçar a causa dos mais necessitados, estes acabam transformando-se em uma multidão de irmãos e irmãs. A obediência é fruto direto da plena liberdade: quanto mais livres dos instintos, paixões e interesses pessoais, tanto mais aberto para colocar as próprias energias a serviço do projeto de Deus. Seguir o Mestre é ter em conta as palavras de Paulo: "Sendo de condição divina, Jesus não se apegou ciosamente a ela, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo, fazendo-se semelhante aos homens. Humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz". (Fl 2,6-8).

A segunda coluna mergulha suas raízes no solo úmido e escuro do solo. Concentra-se no grito dos pobres, excluídos e errantes da terra. Com efeito, do chão brota o "surdo clamor que brota de milhões de homens e se ergue aos céus", como alertava o Documento de Medellín, em1968 (DM, cap. 1). E o Documento de Puebla, onze anos mais tarde, continua: "o clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião; agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador" (DP, n. 89). Semelhante clamor une o céu e a terra, pois encontra repercussão no próprio coração de Deus. É dessa forma que o consagrado ou consagrada faz a ponte entre o sofrimento dos pobres e excluídos, por um lado, e a infinita misericórdia do Pai, por outro. Leva aos porões e periferias da sociedade o rosto resplandecente de Deus e, ao mesmo tempo, ergue aos céus as dores e súplicas que se levantam do sofrimento humano.

Resulta que tanto o chamado vocacional quanto a resposta a ele comportam duas dimensões indissociáveis. Se, de um lado, é o Mestre que toma a iniciativa, de outro, o seguimento leva em consideração a realidade

concreta em que vivem grande parte da humanidade. Significa isso que todo "sim" o é contemporaneamente a Deus e ao clamor do povo que sofre. Jesus mesmo já havia prevenido no chamado juízo final (Mt 25,31-46): "Toda vez que fizestes isso a um destes pequeninos, foi a mim que o fizestes". Como se vê com frequência nos relatos evangélicos, o sofrimento dos indefesos engendra a compaixão de Jesus, fazendo "estremecer suas entranhas". Por isso, Ele cria o grupo dos apóstolos e discípulos para dar continuidade à sua obra. Essa dinâmica remete ao Livro do Êxodo, onde, na imagem da sarça ardente, se lê que o Senhor "vê a aflição do povo escravo no Egito... ouve o seu clamor... conhece o seu sofrimento... e desce para libertá-lo" (Ex 3, 7-10).

Ao ver, ouvir e conhecer a situação concreta do povo, Deus desce na pessoa de Moisés, para conduzi-lo livremente à Terra Prometida. Mais tarde virão os profetas, retomando com ênfase e veemência a aliança e a promessa. Semelhante descida – ou abaixamento de Deus que "vem para servir e não ser servido" – se complementará no mistério da Encarnação. A partir deste e da pregação de Jesus, no lugar de Moisés, os apóstolos e discípulos são chamados a emprestar sua energia amorosa e profética aos que se encontram destituídos de vez e voz. Na história da Igreja, e particularmente hoje em dia, os religiosos e religiosas têm um papel preponderante em manter viva a ativa a profecia dos "novos céus e nova terra".

A terceira coluna toma em consideração o carisma de cada Instituto religioso. Dom de Deus oferecido à Igreja mediante o fundador ou fundadora, o carisma trata em geral de defender a vida e o sentido da mesma onde ela se encontra mais ameaçada. Disso resulta a preocupação e a solicitude pastoral por situações e/ou categorias sociais onde as pessoas se sentem mais frágeis e vulnerabilizadas e onde, por isso mesmo, a caridade evangélica se faz mais urgente e necessária. Por isso é que o conjunto dos carismas religiosos na Igreja comporta uma grande galáxia ou constelação, onde cada astro procura iluminar um labirinto obscuro e obtuso da trajetória humana. Nas pegadas de Jesus e com os olhos fixos n'Ele, a sequela Christi reflete o coração de Deus, o qual, pelo conceito da misericórdia, abraça e reveste de graça a miséria humana, transfigurando-a em caminho de salvação.

Ilumina-o através da oração e da contemplação, tratando de disseminar no interior da Igreja e da sociedade os raios resplandecentes do amor de Deus, os quais aquecem e dão à existência humana um significado oculto, mas

infinitamente mais profundo. E ilumina-o através de uma ação apostólica e missionária que difunde a Boa Nova do Evangelho por toda a extensão do planeta. A diversidade e pluralidade dos carismas, por sua vez, ao mesmo tempo que põem em evidencia situações específicas a serem evangelizadas, revelam a riqueza do caleidoscópio imenso que é o amor divino: luzes, cores e tonalidades se fundem para manifestar a glória da criação e o amor salvífico do Criador.

Por fim, vem a coluna do testemunho no interior da Igreja. Seguir mais de perto os passos do Mestre significa, antes de tudo, ir ao encontro das "ovelhas perdidas", o que logo nos remete à parábola do Bom Pastor. Três tarefas ocupam o pastor zeloso: encontrar bons pastos para o rebanho, defendê-lo do assalto dos lobos e mantê-lo unido. Traduzindo para a VRC e para a Igreja e sociedade: defender os direitos fundamentais à vida e à dignidade humana, combater a cobiça dos opressores e dos tiranos que exploram o povo, garantir que este último mantenha uma convivência fraterna e solidária. Tarefas que, indiscutivelmente, desdobram-se em uma série de atividades ramificadas e capilares.

O testemunho, como se pode notar, adquire distintos e variados aspectos. Estes envolvem não somente a dimensão pastoral e espiritual, mas ainda o compromisso social, político, cultural e ecológico... Compromisso que ganha particular relevância diante de situações cada vez mais injustas, assimétricas e profundamente marcadas pela desigualdade socioeconômica. Nos dias de hoje, a defesa e preservação da vida não pode ignorar a defesa e preservação do meio ambiente – ou seja, a preocupação com a biodiversidade. A exemplo do Papa Francisco, não seria exagero afirmar que, frente à velocidade e à ameaça das mudanças climáticas, todos os religiosos e religiosas, além do seu carisma específico, são convidados a incluir no seu DNA de consagrados a inspiração profética do pobre de Assis.

Não quer dizer que o religioso ou religiosa, com a respectiva comunidade ou Congregação, deva tomar sobre os ombros o peso de determinada situação socioeconômica ou político-cultural. A precariedade da vida pessoal, familiar, social e política é atualmente um problema cuja busca de soluções diz respeito à humanidade como um todo. Autoridades do governo, organismos internacionais, instituições, movimentos sociais e organizações em geral devem debruçar-se conjuntamente sobre os males que afligem a todos. Mas todo consagrado ou consagrada, no interior de sua comunidade

religiosa, tem a missão de acender uma pequena luz onde se faz mais densa a escuridão. Um sinal, um testemunho, um farol que pode alargar os horizontes, apontando outros caminhos e novas alternativas.

O piso e o teto

Piso e teto complementam a estrutura da casa. Ambos se comunicam com a ajuda das colunas. Ambos, unindo as paredes, interagem e se complementam para formar o abrigo indispensável a qualquer grupo que desenvolve uma certa convivência: família, comunidade religiosa, grupo de amigos... A casa se torna uma espécie de roupa de quem se quer bem. A roupa da família ou da comunidade. De fato, o amor verdadeiro sempre gera uma intimidade secreta, e esta necessita de um refúgio para proteger-se. Família ou comunidade sem casa é como um corpo sem roupa: nu e exposto a todo tipo de vendaval ou derrisão. Como veremos adiante, toda nudez requer boa dose de privacidade para defender seus segredos e sua dignidade.

O piso da vida comunitária

O piso firme e sólido representa, na casa da VRC, a dimensão da convivência comunitária. Trata-se de um tempo/espaço familiar, confiável e confidencial. Terreno de uma intimidade livre e aberta, sem medo e sem travas. Um lar e refúgio seguro, único lugar onde é possível a privacidade e a nudez total. Não a nudez exposta em praça pública, alvo de chacota, de olhares estranhos e da curiosidade alheia. Mas a nudez revestida de amor e carinho, na qual o cuidado com o outro prevalece sobre a indiferença e a hostilidade. Nesse chão fértil e fecundo, por mais distintas que sejam as "plantas" que aí florescem, o bem querer recíproco deve estar acima das diferenças étnicas, culturais, políticas e ideológicas. O critério de filhos e filhas de Deus supera o critério da eficiência, da produtividade e da meritocracia. O "estar juntos" não representa tempo subtraído à missão, ao contrário, é tempo que a qualifica e enriquece.

Dois conceitos se impõem com força redobrada: a vocação, pessoal e comunitária; e a noção de comensalidade. Numa comunidade harmônica, a vocação, enquanto chamado e resposta ou enquanto dom e busca, passa a ser cultivada por todos e por cada um. O individualismo e o isolamento cedem o lugar à corresponsabilidade. E esta responsabilidade partilhada se aplica

seja ao crescimento vocacional de cada coirmão ou coirmã, seja ao crescimento vocacional da comunidade enquanto tal. Longe da concorrência ou competição tensas e conflitivas, não é necessário apagar o entusiasmo do outro para que minha estrela possa brilhar. A chama de cada componente se reproduz e fortalece toda a comunidade. A luminosidade comunitária não se dá pela soma dos esforços pessoais, e sim pela multiplicação e entrelaçamento do empenho comum para vivenciar concretamente o carisma e a missão.

A noção de comensalidade nos transporta à mesa. Nesta, enquanto a comida nutre e reforça as energias do corpo, a presença do outro alimenta e fortalece a comunhão dos corações, das mentes e das almas. O maior tempero da comida passa a ser a presença do coirmão ou coirmã. E quanto mais profunda a relação entre eles, mais saborosa será a refeição. Basta ver como é indigesto comer solitariamente ou em momentos de tensão. Só os animais o fazem sem qualquer problema, aliás, brigam quando um outro se aproxima para disputar o "de comer". Do ponto de vista humano, a mesa serve de termômetro para medir a temperatura viva da comunidade. Não será exagero afirmar que, na mesa, a comunidade come e se come. Come o alimento, ao mesmo tempo que cresce na intimidade e na fraternidade recíprocas.

É isso que explica a festa. Raramente se vai a uma comemoração festiva apenas para comer ou beber. O alimento e a bebida, não raro, constituem pretexto para uma fome e uma sede bem mais profundas e existenciais: fome e sede de encontro, de partilha, de mútuo intercâmbio. É isso também que explica a prática do Mestre de entrar nas casas e sentar à mesa, inclusive diante do escândalo de muitos, chegando a ser chamado de "comilão e beberrão" (Mt 11, 19). Por isso é que, na convivência humana, muitas vezes a mesa acaba por tornar-se altar, o alimento converte-se em oferta, a refeição se transforma em celebração. Na noite precedente à sua trágica morte na cruz, o Senhor declara de forma explícita: "ardentemente quis comer esta ceia convosco" (Lc 22, 14-20). Depois, durante a refeição: "Isto é meu corpo, tomais e comei; isto é meu sangue, tomais e bebei" (Mc 14, 22-25). A partir de então, a presença de Jesus, o Ressuscitado vivo entre nós, juntamente com a comunidade reunida, faz da refeição uma festa, um banquete, uma celebração que antecipa a alegria do Reino de Deus.

O teto da espiritualidade

A imagem do teto remete à espiritualidade da VRC, lembrando o sol e o esplendor luminoso do céu azul sobre nossas cabeças. Na esteira da sequela Christi, entretanto, a imagem remete de forma especial aos relatos evangélicos da infância de Jesus, não importando aqui o seu grau de historicidade, mas o significado profundo do mistério da encarnação. Estamos diante da família de Nazaré ou, se quisermos, da comunidade de Nazaré. Ali deparamos com a "escola do silêncio e da escuta": uma fonte privilegiada de sabedoria e de aprendizado. Nascente que, ao longo dos séculos, fecunda e nutre nossa espiritualidade, ilumina e orienta nossos projetos e nossos passos. Dela é que os fundadores e fundadoras de tantos Institutos consagrados extraem as centelhas que aquecem e clareiam nossas almas.

Basta contemplar o presépio e suas personagens principais. Primeiramente José: embora jamais se ouça a sua voz nos escritos neotestamentários, representa o homem certo, sempre no lugar certo, para fazer o que é certo: defender mãe e filho das intempéries da existência e da força bruta dos tiranos. Em outros termos, defender o projeto da salvação. Homem do silêncio, mas um silêncio revestido da Palavra, capaz de escutar os anjos e interpretar os sonhos, enquanto mensageiros de Deus, e por isso mesmo obedecer à sua vontade. De Maria, diz Lucas que "sua mãe guardava e meditava sobre todos esses acontecimentos em se coração". E, coisa inédita, o evangelista o repete por duas vezes (Lc 2, 19.51). Guardar e meditar – dois verbos que, na escola do silêncio e da escuta, significam interpretar a histórias na perspectiva da fé, com os olhos fixos no plano salvífico de Deus.

Jesus de Nazaré, por seu lado, passa a infância, a adolescência e a juventude praticamente sem dizer palavras. Não se trata do mutismo estéril que é o isolamento e a negação de comunicar-se. Mas o silêncio que perscruta os desígnios indecifráveis de Deus: "Por que me procuravam? Não sabem que eu devo ocupar-me das coisas de meu Pai"? (Lc 2, 49) – replica Ele a seus pais, José e Maria, numa das poucas vezes que se ouve sua voz durante esse longo estágio. Depois, a exemplo de João, passará um período solitário no deserto, simbolicamente 40 dias e 40 noites, numa referência aos 40 anos de travessia do Povo de Israel também pelo deserto. De tudo isso, temos uma ideia da espiritualidade da família/comunidade de Nazaré: serão necessárias três

décadas na escola do silêncio e da escuta – para fazer germinar a Boa Nova do Evangelho. O silêncio é o terreno propício para o nascimento e crescimento da Palavra viva e criativa, eficaz e libertadora. Somente a Palavra que nasce em tal terreno tem raízes fortes, sábias e profundas, diferentemente das palavras ocas e vazias jogadas ao vento.

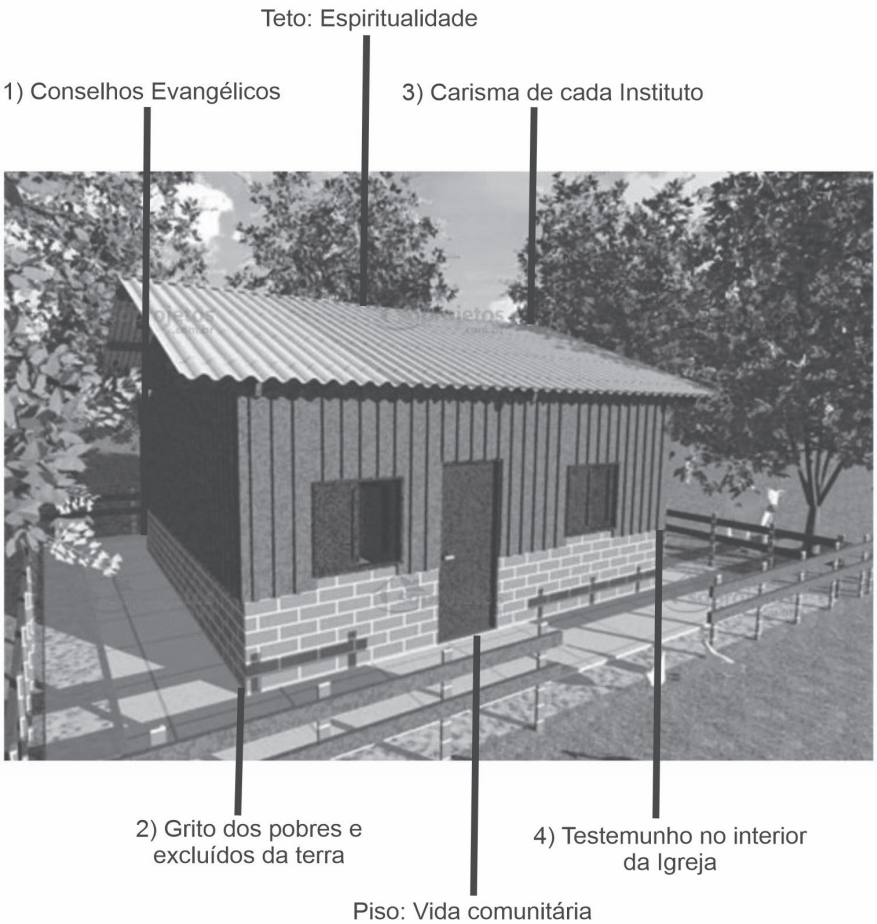
Um longo e laborioso silêncio de escuta, de oração, de reflexão e de contemplação. O silêncio que faz amadurecer a Palavra, da mesma forma que o tempo faz amadurecer o fruto. Do ponto de vista da VRC, em meio às crises que se sucedem, faz-se cada vez mais evidente que essa escola do silêncio e da escuta é a verdadeira oficina da Palavra. Oficina de Nazaré como oficina da Boa Nova! Aí ela se forja, ganha forma, conteúdo e significado. Se, como consagrados e consagradas, somos chamados a ser homens e mulheres da Palavra, antes é preciso ser homens e mulheres do silêncio e da escuta. Quem não é capaz de silenciar e colocar o ouvido à escuta do Pai e dos irmãos, tampouco será capaz de dizer algo novo e criativo. Ao contrário, em geral estará condenado a repetir a si mesmo e aos outros. E com efeito, não faltam papagaios nos institutos religiosos e na Igreja. Numa rima muito simples, quem não reflete se repete.

Retornando brevemente ao carisma específico de cada Instituto, bem como ao conjunto da VRC, o desafio está em fazer com que ele se torne, hoje aqui e agora, Boa Nova para os pobres e excluídos. Numa sociedade cada vez mais frenética, apelativa e rumorosa, como aprender na escola do silêncio e da escuta a traduzir o carisma não num ruído de palavras (plural), mas na Palavra viva, ativa e criativa (singular)? Renovação, redefinição, reestruturação, refundação, recomeço – não faltam os "re" em nossas avaliações e planejamentos. Falta talvez uma volta à dupla fonte do carisma e do Evangelho, do Mestre de Nazaré e do fundador ou fundadora. Na nascente, como sabemos, a água costuma ser mais pura, límpida e cristalina. Na escola do silêncio e da escuta, somos hoje desafiados e interpelados a interpretar os "sinais dos tempos", no sentido de traduzir o respectivo carisma no contexto da "modernidade líquida" (Zygmunt Bauman), com a feliz expressão da "fidelidade criativa".

Conclusão

A conclusão é que a casa da VRC permanecerá sempre inconclusa. A conexão das colunas entre si, e delas com o piso e o teto, comporta um processo dinâmico

e dialético, em crescente espiral, e sempre em movimento. A cada membro que passa a fazer parte ou deixa a comunidade, esta precisa recomeçar a obra desde os alicerces. Em outras palavras, na comunidade religiosa não se entra quando ela está pronta. É necessário dispor-se a construí-la num trabalho orgânico e em comum. De outro lado, basta que um dos coirmãos ou coirmãs negligencie sua tarefa contínua de acrescentar um tijolo à construção para que a comunidade se sinta enferma. Daí a relevância de momentos privilegiados de silêncio e escuta, ao lado de uma ativa vivência comunitária. Só assim será possível revigorar, contemporaneamente, a vocação de consagrados e a missão entre os "condenados da terra" (Frantz Fannon).



QUERIDAS IRMÃS E IRMÃOS NA VIDA CONSAGRADA DE SC

Equipe CRB Regional Florianópolis[1]

"Fazei tudo o que Ele vos disser (Jo 2,5)

Dirigimo-nos a vocês com uma saudação, plena de paz, de esperança e encorajamento, especialmente para este momento de calamidade pública, gerada pela pandemia do COVID-19, no Brasil e no mundo. Maria, a Mulher atenta às necessidades do seu povo, antecipa a hora de Jesus e ordena: "Fazei tudo o que Ele vos disser!" Hoje, ela nos pede que fixemos nosso olhar e coração em Jesus e prontamente façamos o que Ele nos pedir. Jesus é a única voz capaz de mobilizar e transformar nossas mentalidades em atitudes humanizadoras, em favor da vida.

Uma especial saudação, de renovado ardor, alegria e entusiasmo pela nossa vocação e missão, nesse ano comemorativo, do Jubileu de Ouro, de nossa querida CRB/Regional de SC! São50 anos de presença e missão! Essa história de fé merece ser lembrada e justamente, agradecida e engrandecida! A VRC de Santa Catarina, as Congregações que aqui estiveram e as presentes, nossa eterna gratidão e reconhecimento pelo serviço generoso, pelo bem realizado, pela fidelidade ao Evangelho e ao Carisma fundacional, pela ousadia, testemunho e profecia, nesse solo Catarinense!

1 Ir. Silvia Regina Freitas, iens - Coordenadora; Ir. Irene Lorenzetti, icjs – Secretária; Frei Edimar Fernando Moreira, o.carm – Tesoureiro; Ir. Rosiléa Aparecida Maia, idp - Conselheira

E, por conta da pandemia, o que havíamos planejado ficou em segundo plano, o foco do ano jubilar foi deslocado para cuidados necessários como higiene, recolhimento/distanciamento social, etc. Seguimos as orientações oficiais dos especialistas em saúde, para evitar-se o contágio, assim, colaboramos para preservar nossa vida e a do nosso próximo.

Vivemos num século de avanços tecnológicos e descobertas científicas nas mais diferentes áreas, no entanto um minúsculo vírus, "coronavírus", desestabilizou e desconcertou a humanidade, abalou os sistemas complexos, modificou agendas, suspendeu compromissos e ceifou muitas vidas, precocemente. Temos consciência de que, pós pandemia, acelerará a crise em nosso país e afetará ainda mais os pobres,os mais vulneráveis, os desempregados, os inúmeros trabalhadores informais, cujo número cresce, velozmente.

O cuidado e a prudência para evitar a proliferação do vírus, obrigou-nos a "ficar mais em casa", a fazer uma pausa em nossas atividades e com isso, favoreceu-nos para dar mais qualidade à vida comunitária, intensificar a experiência de Deus pela oração, silêncio, contemplação, e quem sabe, para refletir e dialogar questões, como:

- O que nós, consagradas/os, podemos aprender dessa situação?
- Quais sinais, desafios, apelos vislumbramos?
- Por onde e para onde o Espírito de Deus está nos movendo, como VRC, inserida no estado de SC?

O Ano Jubilar é uma oportunidade para crescermos na intercongregacionalidade, nas parcerias, na partilha e no diálogo para juntos, apoiar-nos na missão de consagradas/os, tornando-a ainda mais visível, no mundo de hoje. É um tempo que nos incentiva a crescer na fé, na misericórdia e no compromisso com a vida.

Após, diálogo com as Coordenações dos Núcleos e com o Comitê do Jubileu, que por sinal, merece nosso agradecimento antecipado, pelo empenho dedicado em muito bem organizar uma programação significativa para celebrarmos, com mérito, o Ano Jubilar, cabe-nos, comunicá-los que, levando em consideração a seriedade da situação atual e suas conseqüências e dos fatos acima mencionados, todos os eventos da CRB Regional-Florianópolis, programados para esse ano, foram cancelados, inclusive, o maior evento, agendado para 26 de setembro, em Lages, – Encontrão da VRC/ SC, para Celebração do Jubileu de Ouro, da nossa CRB, - foi transferido

para 2021, com data a ser agendada e confirmada.

Que as bênçãos e as alegrias do Ano Jubilar cheguem a você e a sua Comunidade religiosa e nos animem para unir-nos numa grande corrente de oração por todos os que sofrem, especialmente nossos irmãos e irmãs idosos/as, bem como os incansáveis profissionais da saúde. Debaixo da proteção de Santa Catarina virgem e mártir, de Maria, mãe e discípula de Jesus, de nossos Santos Fundadores, irmanamo-nos na luta empenhada por justiça e paz, para que o bem comum prevaleça e a dignidade de cada pessoa seja respeitada, acima de qualquer interesse.

Parabéns, gratidão, bênçãos, VRC/SC, pelo Ano Jubilar!

Forte abraço a cada uma, a cada um vocês.

VRC E A PANDEMIA DO COVID-19

Carlos Eduardo Cardozo (Cadu)[1]

Breve introdução - considerando o contexto atual:[2]

Estamos diante da maior crise sanitária que afeta diretamente o mundo todo na história contemporânea da humanidade. Está claro que esta pandemia toca todo o globo, toca todos os países, toca todas as pessoas, ela não distingue classes, não distingue etnias, não distingue religiões, porém, ela acomete ou ela é sentida de modo diferente dependendo de onde vc está... o afetar... o sentir... qual o grupo de maior vulnerabilidade?, quem está sendo mais atingido?.

Diante disso, eis alguns pontos que são moldura neste tempo:

– A crise sanitária, revela um desalinhamento político, entre os entes federados e entre os poderes governamentais, instaurando, ou catalisando uma grande crise governabilidade.
– O que é o sistema de saúde brasileiro (SUS) que em tem-

1 Mestre e Doutor em Educação pela UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). É especialista em Adolescência e Juventude no mundo contemporâneo pela FAJE e graduado em Filosofia. Pertence ao grupo de pesquisa do Núcleo Juventude: políticas públicas, processos sociais e educação. Atualmente é Gestor Educacional da Rede Filhas de Jesus e professor das pós-graduações do ISTA nos cursos de formação de formadores da Vida Presbiteral e da Vida Religiosa.

2 Esquema interpretativo organizado para a LIVE das Novas Gerações da CRB Nacional, pelo Facebook, no dia 17/05/2020

pos anteriores próximos já havia passado por um desmantelamento, com cortes milionários de verbas, e agora é a única esperança do povo mais vulnerável.

- A sociedade brasileira já polaridade a algum tempo, desde as eleições presidenciais de 2018, revela-se ainda mais divergente com as informações que chegam e sobretudo com os encaminhamentos. Fala-se em infodemia. Isso nos deixa inseguros e vulneráveis.
- No plano dos direitos humanos, e especialmente dos direitos trabalhistas, muitas empresas estão violando direitos básicos dos trabalhadores, legitimados por uma Medida Provisória (MP 927, de 22/03/2020), que defende e preocupa-se apenas com o lado do empresariado, dos CNPJ´s que poderão vir a óbito.
- No isolamento social, nota-se já um crescente número nos casos de violência doméstica contra as mulheres, e de abusos múltiplos de violências sexuais contra menores no contexto intrafamiliar.
- Soma-se a isso, o fato de as medidas de isolamento, estarem afetando a sanidade mental das pessoas potencialmente propensas a distúrbios emocionais.

Frente a esse contexto como a Pandemia vai afetando a VRC e de que maneira poderá ser re-inventada, num contexto de pós-pandemia,

- Aprofundar e cultivar uma verdadeira espiritualidade do CUIDADO - o cuidado na sua dimensão integral - cuidado em todos os níveis, pessoal comunitário e social - autocuidado - cuidado com a alteridade (na fraternidade-na comunidade, aos mais fragilizados) até o cuidado com o próprio emocional/psicológico
- Aprofundar e cultivar uma verdadeira espiritualidade do PROFUNDO - os tempos atuais exigem escolhas e opções que nos façam descer ao mais profundo de nossa humanidade, exigindo de nós e mostrando-nos a urgência de viver a partir e com o essencial.
- Rever nossa postura frente ao CONSUMO e ao trato com o PLANETA - A pandemia e as prerrogativas do isolamento social vem nos mostrar que a felicidade não está atrelado a uma postura de consumismo desenfreado e a um desgaste dos recursos naturais de nosso Planeta. A natureza está se recriando, está se oxigenando com a diminuição do impacto da ação humana.

– Rever as nossas escolhas frente a TECNOLOGIA - a vivência dessa pandemia tem sido muito diferente de outros tempos na passagem de uma comorbidade dessa natureza devido a tecnologia que temos às mãos atualmente. No entanto, o que precisamos estar atentos é com as escolhas que fazemos no plano da tecnologia, para não descartarmos o humano. A tecnologia precisa estar a serviço do humano, da missão...

– Crescer e aprofundar a nossa FÉ - em tempos tão sombrios e tão incertos, a FÉ é o que nos liga e re-liga, à ESPERANÇA. No entanto, vamos assistindo nas Redes sociais a necessidade de aprofundar a Fé com base de uma maior proximidade com a Palavra e com uma espiritualidade mais encarnada e mais enraizada na realidade.

Concluo, sem concluir com a sabedoria popular sintetizada e expressa por Guimarães Rosa, em Grandes Sertão: Veredas:

"A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?. O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando".

UMA CHAVE DE LEITURA PARA O EVANGELHO DE LUCAS

Frei Carlos Mesters, Carmelita, Ocarm[1]

1. **Como nasceram os quatro evangelhos?**
   Jesus morreu no ano 33. Lucas escreveu no ano 80-85
2. **Quem era Lucas?**
   Pagão convertido, temente a Deus, homem de busca
3. **Destinatários e Motivo do Evangelho**
   Pagãos convertidos não são cristãos inferiores; Riqueza e Pobreza: a marca terrível do Império Romano
4. **Os seis blocos da caminhada**
   Prólogo: Lucas 1,1-4: Verificar a solidez dos ensinamentos recebidos

1º bloco: Lucas 1,5-2,52: Nascimento e Infância de João e Jesus: vem do AT para o NT

2º bloco: Lucas 3,1-4,44: Passando de João para Jesus: sai do AT e entra no NT

3º bloco: Lucas 5,1-9,50: Ao redor de Jesus, cresce nova comunidade: aparece novo caminho

4º bloco: Lucas 9,50 a 19,27: A longa viagem até Jerusalém: a difícil passagem do AT para o NT

5º bloco: Lucas 19,29 a 21,38: Última semana de Jesus em Jerusalém: confronto final com o poder

6º bloco: Lucas 22,1 a 24,53: Paixão, Morte e Ressurreição: doloroso nascimento da vida nova

1 Frei Carlos Mesters é Carmelita. Doutor em Teologia Bíblica. Um dos grandes exegetas bíblicos do método histórico-crítico popular do Brasil. O presente informe foi uma reflexão elaborada para o encontro de religiosos presbíteros da regional Brasília, Luziânia e Formosa, dia 04/03/2020.

5. **Pessoas que só aparecem em Lucas**

1. Zacarias (Lc 1,5-25)

2. Isabel (Lc 1,5-25)

3. Os pastores que visitam Jesus (Lc 2,8-20)

4. Jesus Menino (Lc 2,6-7)

5. O velho Simeão (Lc 2,25-35)

6. A profetisa Ana (Lc 2,36-38)

7. A viúva de Naim (Lc 7,11-17)

8. A prostituta que beijou os pés de Jesus (Lc 7,36-50)

9. Joana, discípula de Jesus (Lc 8,3)

10. Susana, discípula de Jesus (Lc 8,3)

11. A mulher que elogiou a Mãe de Jesus (Lc 11,27-28)

12. A mulher encurvada (Lc 13,10-17)

13. Zaqueu que queria ver Jesus de perto (Lc 19,1-10)

14. O bom ladrão que entra no céu junto com Jesus (Lc 23,39-43)

15. Maria, mãe de João Marcos (At 12,12)

16. O anjo Gabriel (Lc 1,19.26)

17. Maria, a mãe de Jesus (Lc 1,26-36; 2,1-7)

6. **Parábolas que só aparecem em Lucas**

1. Do Bom samaritano (Lc 10,25-30)

2. Do Filho Pródigo (Lc15,11-32)

3. Do rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31)

4. Do juiz iníquo e a viúva persistente (Lc 18,1-8)

5. Do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14)

7. **Acontecimentos que só aparecem em Lucas**

1. A anunciação do anjo Gabriel a Maria (Lc 1,26-38)

2. A visita de Maria a Isabel (Lc 1,39-56)

3. A purificação de Maria 40 dias após o parto (Lc 2,21-24)

4. Jesus no Templo aos 12 anos (Lc 2,41-52).

5. Os 30 anos de Jesus em Nazaré (Lc 2,39-40.51-52)

6. A cura dos 10 leprosos (Lc 17,11-19)

7. A missão dos 72 discípulos (Lc 10,1-12)

8. A Transfiguração prevendo a Agonia (Lc 9,28-36; 22,44)

9. Destaque de Lucas para as mulheres

10. A oração na vida de Jesus

8. **Apresenta Jesus ensinando como devemos ler a Bíblia**

Os discípulos de Emaus (Lc 24,13-35)

UMA CHAVE DE LEITURA PARA A PARÁBOLA DO O BOM SAMARITANO

Solidariedade e ecumenismo Lucas 10,25-37

Frei Carlos Mesters, ocarm.

1. Introduzindo o texto

- O ensino através de parábolas
- O preconceito dos judeus contra samaritanos.

2. Comentando

- Lucas 10,25-26: "O que devo fazer para herdar a vida eterna?"
  a) Um doutor, conhecedor da lei, quer provocar Jesus e faz pergunta
  b) O Doutor faz de conta, finge que quer aprender. Já sabe tudo.
  c) Jesus não responde, mas faz outra pergunta
- Lucas 10,27-28: A resposta do doutor
  a) Resposta correta do doutor, citando a Bíblia.
  b) Jesus aprova e diz: "Faz isto e viverás!"
  c) Para Jesus: o próximo é a porta para Deus.
- Lucas 10,29: "E quem é o meu próximo?"
  a) Pergunta do doutor: "E quem é o meu próximo?"
  b) Para os judeus, próximo estava ligada ao clã. Quem não era do clã, não era próximo.
  c) Jesus tem outra maneira de ver. Ele conta a parábola do Bom Samaritano:
- Lucas 10,30-36: A parábola

a) O assalto na estrada de Jerusalém para Jericó (v. 30)
b) Passagem de um sacerdote e de um levita (vv.31-32)
c) Passagem de um samaritano (vv.33-35)

– Lucas 10,36-37: Quem dos três foi o próximo do homem assaltado?
a) O doutor perguntou "Quem é o meu próximo?"
b) Jesus pergunta: "Quem dos três foi o próximo do homem assaltado?"
c) Quem é o meu próximo? É só eu me aproximar, ou ele se aproximar ;de mim

3. Completando: três breves esclarecimentos

1. O jeito de Lucas contar os fatos da vida de Jesus. Ao descrever a longa viagem de Jesus a Jerusalém (Lc 9,50 a 19,27), Lucas ajuda as comunidades a entenderem melhor em que consiste a Boa Nova do Reino. Ele faz isto apresentando pessoas que vêm falar com Jesus e lhe fazem perguntas. São perguntas reais do povo do tempo de Jesus e são também perguntas reais das comunidades do tempo de Lucas. Por exemplo, um doutor da lei pergunta: "O que devo fazer para obter a vida eterna?" A resposta, tanto do doutor como de Jesus, ajuda a entender melhor o objetivo da Lei de Deus. Lendo o Evangelho de Lucas, as comunidades devem ter dito muitas vezes o mesmo que nós dizemos quando lemos o evangelho: "É que nem hoje!"

2. A origem dos samaritanos. A palavra Samaritano vem de Samaria, capital do reino de Israel no Norte. Depois da morte de Salomão, em 931 antes de Cristo, as dez tribos do Norte se separaram do reino de Judá no Sul e formaram um reino independente (1 Rs 12,1-33). O Reino do Norte sobreviveu durante uns 200 anos. Em 722, o seu território foi invadido pela Assíria. Grande parte da sua população foi deportada (2 Rs 17,5-6) e gente de outros povos foram trazidos para Samaria (2 Rs 17,24). Houve mistura de raça e de religião (2 Rs 17,25-33). Desta mistura nasceram os samaritanos. Os judeus do Sul desprezavam os samaritanos como infiéis e adoradores de falsos deuses (2 Rs 17,34-41). Chegaram ao ponto de dizer que ser samaritano era coisa do diabo (Jo 8,48). Muito provavelmente, a causa deste ódio não era só a raça e a religião. Era também um problema político-econômico, ligado à posse da terra. Esta rivalidade perdurava até o tempo de Jesus.

3. A raíz da solidariedade. Jesus disse que os dois mandamentos

do amor a Deus e do amor ao próximo são o resumo de toda a lei e dos profetas (Mt 22,40). De fato, se Deus é Pai, todos nós temos que ser irmãos e irmãs uns dos outros. Aí, já não é possível amar a Deus sem amar o próximo. Deus vem a nós no próximo. Jesus não só ensina que Deus é Pai de todos, mas ele mesmo se coloca do lado daqueles que, em nome da lei de Deus, eram excluídos da participação na comunidade. Ele os acolhe na sua comunidade. Jesus era a encarnação daquilo que ele ensinava, e os pobres o percebiam e se alegravam.

"ESTAMOS NO MESMO BARCO" – A OUTRA AMAZÔNIA, ONDE A SOLIDARIEDADE GANHA

Desafios e esperanças da missão salesiana na Amazônia. Entrevistas com a Ir. Agata Kociper e o P. Francisco Alves de Lima, empenhados na defesa dos nativos e do território amazónico por Anna Moccia

O estado brasileiro do Amazonas registrou outros 628 casos de Covid-19, num total de 10.727 casos. Foram igualmente confirmadas mais 68 mortes por doença, elevando o número total de mortes para 874. É agora o quinto Estado brasileiro com o maior número de mortes causadas pelo vírus. É neste contexto que trabalham os missionários salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, presentes na Amazônia brasileira há mais de 100 anos.

Ir. Agata Kociper, missionária da Inspetoria "Santa Teresinha", diz-nos: "Trabalhamos sobretudo no campo da educação e evangelização". "O nosso olhar está voltado para os jovens e crianças mais pobres, que se encontram em situações de risco. Por esta razão, para além das escolas, temos também trabalhos em defesa das meninas e das mães adolescentes, vítimas de abusos e de vários tipos de exploração, em defesa da dignidade e da vida. Entre as áreas em que trabalhamos, há uma muito especial, que é a região do Rio Negro, onde vivem juntos povos indígenas de 23 grupos étnicos diferentes".

Para estas comunidades já de si vulneráveis, a chegada do novo coronavírus pode ter efeitos devastadores. E teme-se que o contágio atinja as tribos mais remotas, isoladas e não contaminadas. "Tudo é precário neste momento - continua Ir. Agata -. Faltam instalações hospitalares e programas de prevenção para tratar os doentes e o pessoal de saúde com dignidade. Ainda

mais preocupante é o facto de o vírus também ter chegado a mais municípios indígenas, como São Gabriel da Cachoeira (45.000 habitantes), onde estão registados três casos de coronavírus. São Gabriel está localizada a 1000 km da capital Manaus e tem apenas um hospital militar, que infelizmente não dispõe dos instrumentos necessários para os tratamentos mais difíceis.

Como se isso não bastasse, continuam as atividades de exploração, na sua maioria ilegais, que entram nos territórios indígenas. "No passado 9 de Abril, a tribo amazónica de Yanomami registrou a primeira vítima do coronavírus, um rapaz de apenas 15 anos de idade, que morreu devido à entrada e saída ilegal de mineiros do território sem qualquer controlo.

Para enfrentar este momento delicado, a família salesiana, juntamente com a Igreja local, trabalha também na produção de equipamentos de proteção, máscaras e desinfetantes. Também recolhe alimentos para os mais necessitados e está empenhada nos campos da animação espiritual e social. "Não podemos sair de casa, mas tentamos chegar também aos corações - conclui Ir. Agatha -, rezando por nós e pelo nosso povo.

O **Padre Francisco Alves de Lima** vive em Santa Isabel de Rio Negro, uma cidade com forte presença indígena. Dirige a Ópera Salesiana e a sua paróquia é composta por oito comunidades de cerca de 7.000 habitantes no centro urbano e 26 pequenas comunidades de "ribeirinhos", que vivem ao longo dos rios. "Desde o início - diz-nos ele - as autoridades municipais e sanitárias tomaram medidas para evitar o contágio. O transporte de passageiros é proibido e as pessoas não deixam a cidade a não ser para ir trabalhar. As celebrações religiosas foram suspensas, mas preparámos material para distribuir às famílias. Tal como falámos com eles sobre a necessidade de seguir as medidas indicadas pelas autoridades. É preciso dizer que os Yanomami, que muitas vezes vieram aqui por razões de estudo, decidiram sabiamente ir mais fundo na floresta e isolaram-se. O vírus fá-los experimentar à mão e lembra-nos constantemente que "tudo está ligado", como lemos na encíclica do Papa Francisco, "Laudato si". Por esta razão esperamos que desta experiência nasça uma humanidade mais solidária e consciente, que estejamos no mesmo barco e que tenhamos de cuidar de todos, especialmente dos mais pequenos e dos mais frágeis".

(os dados estatísticos sobre o COVID-19 na região correspondem até o final do mês de abril).

IDENTIDADE DA VIDA CONSAGRADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A VIDA DA IGREJA E DO MUNDO

Card. João Braz de Aviz[1]

A Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica (CIVCSVA) recolheu num pequeno volume[1] as orientações emersas na Assembleia Plenária do dicastério de novembro de 2014 e na reflexão sucessiva. Partindo do logion de Jesus "Ninguém põe vinho novo em odres velhos; se o fizer, o vinho romperá os odres, e perde-se o vinho, e também os odres. Mas vinho novo, em odres novos" (Mc 2,22), procuramos recolher os grandes horizontes abertos pelo Concílio Vaticano II, e tomar ciência dos desafios ainda em aberto, que identificamos ao aprofundar a vocação e a identidade da vida consagrada, nas novas ofertas formativas, olhando para as relações no humanum, isto é, da reciprocidade entre homem e mulher, no serviço da autoridade e na obediência, nos modelos relacionais e no testemunho relativo à posse, o uso e a administração dos bens.

Após ver os desafios, perguntamos como preparar odres novos, buscando a fidelidade no Espírito, identificando modelos formativos e dando atenção à formação dos formadores, em

1 Prefeito da Congregação para os Institutos Religiosos e Sociedades de Vida Apostólicas. Conferência aos Salesianos no CG 28, 17/02/2020.

vista da capacidade de uma relação evangélica que se manifesta na reciprocidade e nos processos multiculturais, no serviço da autoridade em relação com os modelos relacionais, com as estruturas dos Conselhos e dos Capítulos.

1. A *renovação pós-conciliar*

Passaram-se mais de cinquenta anos desde o Vaticano II. O Papa Francisco, religioso como nós, tem-nos lançado palavras e gestos de intenso estímulo para levar adiante a renovação proposta pelo Vaticano II para a vida consagrada, tendo em conta as atuais exigências.[2] As bases teológicas e eclesiológicas da renovação foram apresentadas pelos Padres conciliares no capítulo VI (n. 43-47) da Constituição dogmática Lumen gentium. Trata-se de uma atualização espiritual, eclesial, carismática e institucional da vida consagrada na Igreja.

Hoje, podemos dizer que o Concílio Vaticano II gerou impulsos e métodos de grande eficácia para o aggiornamento. Surgiu uma nova compreensão da vida consagrada. De fato, antes do Concílio, suas manifestações e estruturas eram de uma "força compacta e operacional" para a vida e a missão de uma igreja militante que se via em contínua oposição ao mundo.

Na nova estação de abertura e diálogo com o mundo, a vida consagrada foi levada, em benefício de todo o corpo eclesial, à vanguarda na exploração das coordenadas de uma nova relação Igreja-mundo... Nesta linha de diálogo e acolhida, a vida consagrada, normalmente, embora nem sempre, abraçou generosamente os riscos dessa nova aventura de abertura, escuta e serviço.[3]

Os carismas e o patrimônio espiritual da vida consagrada, neste novo clima, foram postos com confiança à disposição dessa nova relação, mas ao mesmo tempo, pediu para correr o risco desses novos percursos.[4] Neste período pós-conciliar foram reelaborados os textos normativos e as formas institucionais para conformar-se ao novo Código de direito canônico (1983). «Um grande trabalho foi feito em cada família religiosa na releitura e interpretação da "inspiração primitiva dos institutos" (PC 2). Esse trabalho tinha principalmente duas finalidades: conservar fielmente 'o entendimento e os projetos dos fundadores" (CIC c. 578) e "repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras, como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje" (VC 37)».[5]

Hoje, podemos dizer que o Concílio Vaticano II gerou impulsos e métodos de grande eficácia para o aggiornamento. Surgiu uma nova compreensão da vida consagrada. De fato, antes do Concílio, suas manifestações e estruturas eram de uma "força compacta e operacional" para a vida e a missão de uma igreja militante que se via em contínua oposição ao mundo.

Novos itinerários formativos, a adequação de estruturas de governo e de gestão do patrimônio econômico e das atividades, foram postos em ação com muita responsabilidade e fé. Os Papas deste período apoiaram generosamente com o seu Magistério o caminho da vida consagrada, ajudando "a consolidar as novas convicções, discernir os novos caminhos, orientar com sabedoria e senso eclesial as novas opções de presença e serviço, ouvindo constantemente os apelos do Espírito".[6] De maneira muito especial, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita consecrata (1996) com a contemplação e a referência fontal ao mistério da Santíssima Trindade, ilumina o sentido da consagração, entendendo-a como confessio trinitatis, «também com o desafio da vida fraterna em virtude da qual as pessoas consagradas se esforçam por viver em Cristo com «um só coração e uma só alma» (At 4,32) (n. 21)".[7]

Neste momento, o Papa Francisco pediu à Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica (CIVCSVA) e à Congregação para os Bispos, que preparem a revisão do documento "Mutuae relationes".[8] Ao mesmo tempo, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou o documento "Iuvenescit ecclesia".[9] Essa carta faz um aprofundamento lúcido das relações entre bispos e consagrados, à luz da eclesiologia e espiritualidade de comunhão e à luz dos dois princípios coessenciais da Igreja, hierarquia e carismas. Assim, o novo texto de "Mutuae relationes", que já está em sua redação final para ser apresentada ao Santo Padre, foi providencialmente enriquecido.

A experiência do Ano da Vida Consagrada e do Jubileu da Misericórdia levam-nos, agora, a abrir novos percursos. Somos interpelados pela evolução social, econômica, política, científica e tecnológica. Setores que antes eram assumidos pelo zelo da vida consagrada, hoje são realizados pelo Estado. As novas e inéditas urgências, as novas pobrezas, a

multiplicação do voluntariado, a abertura às novas fronteiras da missão, sobretudo na fundação de novas Igrejas, tudo isso cria um novo contexto para a vida consagrada. Passamos de situações monoculturais ao desafio da pluralidade de culturas, com comunidades internacionais presentes em contextos desconhecidos ou plurirreligiosos, inseridos em contextos difíceis e em situação de risco de várias formas de violência. Em muitos casos, entraram em crise os esquemas formativos tradicionais. Essas novidades percebidas como riqueza levam também a tensões e geram uma sensação difusa de cansaço, com a consequente tentação de contentar-se com estratégias de sobrevivência. Entendemos sempre mais que sozinhos não seremos capazes de fazer essa passagem necessária.[10]

2. Desafios ainda em aberto

Falamos a partir de uma constatação bastante evidente: "Todo o sistema estável tende a resistir à mudança e esforça-se por manter sua posição, às vezes ocultando as inconsistências, outras vezes aceitando tornar opaco o antigo e o novo, ou negando a realidade e os atritos em nome de uma concórdia fictícia, ou mesmo dissimulando as próprias finalidades com ajustes superficiais. Infelizmente, não faltam exemplos de adesão puramente formal sem a necessária conversão do coração".[11]

Num momento, o atual, em que se verifica um elevado número de abandonos da vida consagrada, quer logo após o caminho formativo, quer também em idade avançada, em todos os contextos geográficos e culturais, é importante buscar as causas desse fenômeno. Não se trata apenas de crises afetivas, mas também de frustração por uma vida de comunidade sem autenticidade. Às vezes, os valores propostos não correspondem à vivência concreta, ou a quantidade de atividades é excessiva e não permite uma sólida vida espiritual. Acontece também o isolamento dos jovens em comunidades com a prevalência de idosos. Mesmo havendo em muitos jovens uma disponibilidade à transcendência, uma capacidade de apaixonar-se pelos valores do evangelho, a vida consagrada demasiadamente uniformizada os bloqueia. Então, muitas vezes, não se chega a tocar o coração e transformá-lo.

A integração entre culturas diferentes em alguns Institutos tornou-se um problema: de um lado poucos membros idosos e de outro um grande grupo de

Falamos a partir de uma constatação bastante evidente: "Todo o sistema estável tende a resistir à mudança e esforça-se por manter sua posição, às vezes ocultando as inconsistências, outras vezes aceitando tornar opaco o antigo e o novo, ou negando a realidade e os atritos em nome de uma concórdia fictícia, ou mesmo dissimulando as próprias finalidades com ajustes superficiais. Infelizmente, não faltam exemplos de adesão puramente formal sem a necessária conversão do coração".[11]

jovens provenientes de várias culturas que se sentem marginalizados, com papéis apenas subalternos. "Torna-se sempre mais claro que o mais importante não é a conservação das formas, mas a disponibilidade para repensar em continuidade criativa a vida consagrada como memória evangélica de um estado permanente de conversão da qual brotam intuições e opções concretas".[12]

No contexto de renovação da experiência de autoridade e de obediência, em meio à crise atual em vários Institutos, podemos dizer: "Não por acaso entre os

Não se trata apenas de crises afetivas, mas também de frustração por uma vida de comunidade sem autenticidade. Às vezes, os valores propostos não correspondem à vivência concreta, ou a quantidade de atividades é excessiva e não permite uma sólida vida espiritual. Acontece também o isolamento dos jovens em comunidades com a prevalência de idosos.

motivos principais dos abandonos evidenciam-se, segundo a experiência desta Congregação, o enfraquecimento da visão de fé, os conflitos na vida fraterna e a vida de fraternidade frágil em humanidade".[13]

Um campo no qual os desafios atuais estão particularmente em aberto é o das opções formativas. É notável o esforço concreto dos Institutos e das Conferências de Superiores Maiores (nacionais e internacionais). Uma das dificuldades significativas é ainda "a escassa integração entre a visão teológica e antropológica na concepção da formação, do modelo formativo e da pedagogia educativa (...) que não permite fazer interagir e dialogar entre si os dois componentes essenciais e indispensáveis de um caminho

de crescimento: as dimensões espiritual e humana".[14]

É necessária nos formadores e formadoras uma sensibilidade para os valores das várias culturas, das novas gerações, dos vários contextos de vida. E, aqui, a atenção ao discernimento das motivações vocacionais presentes nas várias áreas culturais e continentais.

As urgências das obras, em muitos institutos, sobretudo femininos, prevalecem sobre o itinerário formativo sistemático e orgânico. Além disso, cria-se muitas vezes, um desequilíbrio entre a formação teológica e a profissional e, assim, descuida-se da formação ao discipulado e à vida consagrada.

Se fixarmos o olhar nos formadores vemos que não raramente há uma insuficiente preparação,

Uma das dificuldades significativas é ainda "a escassa integração entre a visão teológica e antropológica na concepção da formação, do modelo formativo e da pedagogia educativa (...) que não permite fazer interagir e dialogar entre si os dois componentes essenciais e indispensáveis de um caminho de crescimento: as dimensões espiritual e humana".[14]

mas também um número insuficiente de pessoas. A formação dos formadores torna-se então um dos desafios atuais mais importantes. Como garantir uma pedagogia pessoal, isto é, a personalização da formação, em que, no período inicial, o formador caminha todos os dias ao lado do discípulo na confiança e na esperança, sobretudo como especialista no caminho da busca de Deus?

A comunidade tem um papel importante: "É na fraternidade que se aprende a acolher os outros como dom de Deus, aceitando as suas características positivas e também as diversidades e limitações. É na fraternidade que se aprende a compartilhar os dons recebidos para a edificação de todos. É na fraternidade que se aprende a dimensão missionária da consagração (cf. VC 67)".[15]

No que diz respeito à formação permanente ou contínua, ela ainda precisa se tornar uma verdadeira cultura, em que caminham juntas a enunciação de conceitos teóricos e a capacidade de revisar e verificar a experiência concreta na comunidade. Aqui também há uma iniciação séria ao governo, para superar a improvisação e o seu exercício inadequado e incompleto.

Estando ainda na dimensão humana dos desafios à vida

Se fixarmos o olhar nos formadores vemos que não raramente há uma insuficiente preparação, mas também um número insuficiente de pessoas. A formação dos formadores torna-se então um dos desafios atuais mais importantes. Como garantir uma pedagogia pessoal, isto é, a personalização da formação, em que, no período inicial, o formador caminha todos os dias ao lado do discípulo na confiança e na esperança, sobretudo como especialista no caminho da busca de Deus?

consagrada, um campo particularmente importante é o da reciprocidade homem-mulher. "Somo herdeiros nos modelos de vida, nas estruturas de organização e de governo, na linguagem e no imaginário coletivo, de uma mentalidade que realçava diferenças profundas entre homem e mulher em detrimento da sua igual dignidade. Também na Igreja, e não só na sociedade, muitos preconceitos unilaterais impediam de reconhecer os dotes do verdadeiro gênio feminino (cf. VC, 58) e a contribuição original das mulheres. Esse tipo de subestima tocou particularmente as mulheres consagradas mantidas à margem da vida, da pastoral e da missão da Igreja (cf. VC, 57)".[16]

Esse cenário começou a mudar a partir do Concílio Vaticano II, mas "ainda não se chegou a uma síntese equilibrada e uma purificação dos esquemas e dos modelos herdados do passado. Persistem ainda obstáculos nas estruturas e permanece não pouca desconfiança quando acontece a ocasião de dar às mulheres "espaços de participação em vários setores e em todos os níveis, também nos processos de elaboração das decisões, sobretudo no que lhes diz respeito" (VC 58) na Igreja e na gestão concreta da vida consagrada".[17]

Em nossos ambientes de vida consagrada ainda falta uma maturidade na reciprocidade entre homem e mulher, o que é particularmente necessário em nosso tempo. A distância provocada até mesmo com motivações ascético-espirituais causou um empobrecimento recíproco e a perda de sensibilidade para as diferentes visões do outro. Há um reflexo disso na vida consagrada também nas diferentes sensibilidades de jovens e idosos: "Podemos falar de uma dissonância cognitiva que ocorre entre religiosos idosos e jovens. Para uns, as relações com o feminino e o masculino são marcadas por muita reserva e até fobia, para os outros por abertura, espontaneidade e naturalidade".[18]

Em nossos ambientes de vida consagrada ainda falta uma maturidade na reciprocidade entre homem e mulher, o que é particularmente necessário em nosso tempo. A distância provocada até mesmo com motivações ascético-espirituais causou um empobrecimento recíproco e a perda de sensibilidade para as diferentes visões do outro.

Por fim, ainda precisamos assinalar "a fragilidade encontrada ad intra nos Institutos em relação a esse processo antropológico-cultural de verdadeira integração e complementaridade mútua com o elemento e a sensibilidade feminina e masculina. São João Paulo II reconheceu como legítimo o desejo de as consagradas terem "espaços de participação em vários setores e em todos os níveis" (VC 58). Corre-se, também o risco de empobrecer gravemente a mesma Igreja, como disse o Papa Francisco: "Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade" (Discurso ao episcopado brasileiro, Rio, 27.07.2013)".[19]

Outro desafio em aberto refere-se ao serviço da autoridade. Ainda hoje se encontra em várias comunidades de vida consagrada "a tendência à centralização vertical no exercício da autoridade, tanto em nível local como mais ao alto, passando por cima da necessária subsidiariedade. Poderia ser suspeita, em alguns casos, a insistência de alguns superiores sobre o caráter pessoal da própria autoridade quase a esvaziar a colaboração dos Conselhos, convictos de responder (automaticamente) à própria consciência. De aqui, uma frágil ou ineficaz corresponsabilidade na prática de governo ou, no caso, a ausência de delegações convenientes. O governo não pode certamente centralizar-se nas mãos de apenas uma pessoa, evitando assim as proibições canônicas (cf. CIC, c. 636). Em diversos Institutos ainda existem superiores e superioras que não levam na devida consideração as decisões capitulares". [20] Maiorias pré-concebidas, uso da lógica dos alinhamentos para resolver questões graves são comportamentos de governo fora de qualquer lógica evangélica. Superiores que se fossilizam no poder a ponto de, em alguns casos, alterar também as Constituições, produzem grande mal aos seus carismas e neutralizam o crescimento de muitos outros irmãos e irmãs que poderiam ajudar mais a comunidade.

Ainda hoje se encontra em várias comunidades de vida consagrada "a tendência à centralização vertical no exercício da autoridade, tanto em nível local como mais ao alto, passando por cima da necessária subsidiariedade. Poderia ser suspeita, em alguns casos, a insistência de alguns superiores sobre o caráter pessoal da própria autoridade quase a esvaziar a colaboração dos Conselhos, convictos de responder (automaticamente) à própria consciência.

Hoje, é indispensável a conversão de muitos superiores e superioras para realmente poderem ajudar a discernir a vontade de Deus. Em alguns casos mais extremos, há superiores que queimam a maturidade de toda uma geração de pessoas consagradas, construindo relações doentias de dependência e escravidão. No Dicastério, precisamos intervir com frequência para sanar essas situações.[21]

Falando ainda do serviço da autoridade "deve-se ter presente que a verdadeira obediência não pode deixar de colocar em primeiro lugar a obediência a Deus, tanto da autoridade como de quem obedece, como não pode deixar de referir-se à obediência de Jesus: obediência que inclui o seu grito de amor Meus Deus, meu Deus, porque me abandonaste? (Mt 27,36) e o silêncio do amor do Pai".[22]

Por último, entre os desafios da vida consagrada de hoje devemos dizer uma palavra sobre a gestão dos bens eclesiásticos dos Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica na Igreja.

Foi o Papa Francisco a chamar a atenção da vida consagrada sobre a administração dos bens eclesiásticos. Nos últimos anos a CIVCSVA realizou em Roma dois Simpósios sobre o tema com a finalidade de aperfeiçoar e atualizar sobre o cuidado dos bens vindos à posse da vida consagrada no mundo. Pelo número

Superiores que se fossilizam no poder a ponto de, em alguns casos, alterar também as Constituições, produzem grande mal aos seus carismas e neutralizam o crescimento de muitos outros irmãos e irmãs que poderiam ajudar mais a comunidade. Hoje, é indispensável a conversão de muitos superiores e superioras para realmente poderem ajudar a discernir a vontade de Deus.

de participantes pudemos medir o interesse verificado. Do primeiro simpósio (2014) foi publicado parte do conteúdo.[23]

"No decorrer da sua longa história a vida consagrada tem sido capaz de se opor profeticamente, cada vez que o poder econômico corria o risco de humilhar as pessoas, sobretudo as mais pobres. Na atual situação global de crise financeira, para a qual o Papa Francisco nos chama a ser verdadeiramente fiéis e criativos para não faltarem a profecia da vida comum internamente e da solidariedade para com o exterior, sobretudo em relação aos mais pobres e mais frágeis.

Passamos de uma economia doméstica para processos administrativos e de gestão que quase escapam ao nosso controle, evidenciando a nossa precariedade e, antes disso, a nossa falta de preparação. Não podemos adiar a nossa renovada centralização na transparência em matéria econômica e financeira, com um primeiro passo para recuperar o autêntico sentido evangélico da comunhão real de bens no interior das comunidades e da sua partilha concreta com quem vive ao nosso lado".[24]

Conclusão

Três indicações do Vaticano II, em particular, estão no centro da reforma da vida consagrada neste nosso momento da história: a sequela Christi vivida à luz das palavras de Jesus com transparência de testemunho; o retorno ao núcleo central do carisma dos nossos fundadores e fundadoras, descartando as coisas que não são essenciais; o diálogo contínuo com o homem e a mulher de hoje para nos atualizarmos continuamente sobre as questões do nosso tempo.

"No decorrer da sua longa história a vida consagrada tem sido capaz de se opor profeticamente, cada vez que o poder econômico corria o risco de humilhar as pessoas, sobretudo as mais pobres. Na atual situação global de crise financeira, para a qual o Papa Francisco nos chama a ser verdadeiramente fiéis e criativos para não faltarem a profecia da vida comum internamente e da solidariedade para com o exterior, sobretudo em relação aos mais pobres e mais frágeis.

Um papel central, nessa passagem necessária, cabe à espiritualidade de comunhão vivida com intensa generosidade e convicção em todas as direções dos nossos relacionamentos.

Três indicações do Vaticano II, em particular, estão no centro da reforma da vida consagrada neste nosso momento da história: a sequela Christi vivida à luz das palavras de Jesus com transparência de testemunho; o retorno ao núcleo central do carisma dos nossos fundadores e fundadoras, descartando as coisas que não são essenciais; o diálogo contínuo com o homem e a mulher de hoje para nos atualizarmos continuamente sobre as questões do nosso tempo.

Este Capítulo que começa hoje para vós salesianos pode ser verdadeiramente um momento de graça para impulsionar a renovação da Sociedade de São Francisco de Sales.

Notas:

[1] CIVCSVA, Para vinho novo, odres novos. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações, Cidade do Vaticano, LEV 2017. (Obs.: as páginas citadas desse documento são do texto em italiano usado pelo autor e a tradução é nossa).

[2] Cf. Decreto Perfectae caritatis, 1.

[3] Para vinho novo, odres novos, cit., pp. 18s.

[4] Cf. idem, p. 19s.

[5] Para vinho novo, odres novos, cit., p. 20.

[6] Ibidem.

[7] Idem p. 22.

[8] SCIVCSVA, Critérios diretivos para as relações mútuas entre os bispos e os religiosos na Igreja, Cidade do Vaticano 1978.

[9] CDF, Iuvenescit ecclesia, carta sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, LEV, Cidade do Vaticano 2016.

[10] Cf. Para vinho novo, odres novos, cit. pp.23-31.

[11] Idem, pp.33s.

[12] Idem, p.37.

[13] Idem, p.56.

[14] Idem, pp.37s.

[15] Idem, p. 41.

[16] Idem, p. 43.

[17] Idem, p. 45.

[18] Idem, p. 46.

[19] Idem, p. 47.

[20] Idem, p. 47s.

[21] Cf. idem, pp. 50-52.

[22] Idem, p.55.

[23] Sequela Christi, La gestione dei beni ecclesiastici degli Istituti di vita consacrata nella Chiesa, 2014/01, Studi e commenti, pp. 89-148.

[24] Per vino nuovo otri nuovi, cit. pp.58s.

O QUE O ESPÍRITO DIZ À IGREJA NO BRASIL?

Frei Luis Felipe C. Marques, OFMConv.

Leitura profética dos sinais dos tempos segundo Dom Walmor[1]

Quando questionado sobre as ameaças e oportunidades da Igreja católica no Brasil, nos próximos 5 anos, Dom Walmor usa palavras com tons e timbres proféticos.

Palavras lúcidas, por isso, iluminadoras. Palavras proféticas que precisam serem escutadas, meditadas e discernidas. Clarividência! Análise pertinente e clara, sem meias palavras, que já geram reações pelo alimentadores obscurantistas de um ódio fanático.

De fato, sendo palavras que expressam plenitude, exigem de nós respostas novas. Temos que refletir melhor para não continuarmos dando respostas medíocres para situações sombrias. É fato que toda "crise esconde boas notícias que devem ser ouvidas refinando a audição do coração" (AL 232). É preciso "recompor o esgarçado tecido da nossa sociedade brasileira". Isso requer de nós sabedoria, prudência e compromisso comum, para que tudo o que já foi feito até agora, não seja inútil.

Digo mais, a Igreja no Brasil, se não correr contra o tempo, tem o risco de ser totalmente gnóstica e pelagiana. Tomara Deus que não! Elementos esses, inclusive, já profetizados pelo papa Francisco não somente para o Brasil, mas para toda a Igreja.

Vemos crescer cada vez mais uma gama de formadores, sobretudo, virtuais, que estão prestando um des-serviço à fé e a Igreja. Constroem e confirmam inverdades. Alguns inclusive usurpam-se

1 Segue o texto de Dom Walmor para quem interessar: https://bit.ly/2ZNHbGN

de uma autoridade que não têm ou de uma autoridade anacrônica, com uma paralisante nostalgia de um passado distante.

Uma Igreja gnóstica e pelagiana, a partir de uma compreensão distorcida do sacerdócio comum, do ministério ordenado e da vida religiosa. E assim, perderá o sentido da história e não saberá para que serve, preferindo os caminhos da hipocrisia, da autorreferencialidade e da distração mundana, perdendo a relação com o ser humano e com Deus. Por que o hipócrita? Porque este é aquele que faz da sua contradição um heroísmo trágico e uma devoção particular, onde busca perpetuar o engano e a falsidade para se auto justificar, para atrair e para criar uma impressão que não existe.

Então, poderemos ver um catolicismo alimentado por uma tradição que não é tradição, correndo o risco de ser mágica-pagã ou neo-pagã. Uma tradição distorcida. Aliás, não só distorcida, mas paralela, e talvez, por odiarem a palavra, e sem querer, "protestante", bem entre aspas, porque a única coisa que lhes interessa é o próprio "protestar" a favor de um narcisismo espiritual e de uma destruição do outro, até mesmo, velada e obscurantista.

Enquanto não nos dermos conta disso, vamos continuar preocupados somente com as mãos limpas, as vestes cândidas, as falsas espiritualidades, as piedades supérfluas, com um ritualismo vazio, com uma ideia perversa de fraternidade, com políticas perversas,assumindo formas que destroem, onde escolhemos estratégias sem a luz do evangelho.

Enfim, o mais difícil é perceber que essa gente foi denunciada por Jesus no evangelho, "se apegam as tradições humanas, matam os profetas e depois os homenageiam [...] filtram o mosquito e deixam passar o camelo".

Portanto, ouvirmos essas palavras, o pedido de abrirmos uma reflexão, de envolvermo-nos nessa tarefa, enquanto a Igreja se prepara para a solenidade de Pentecostes, renova a nossa fé e a nossa certeza de que o Espírito sopra aonde quer, você ouve ruído, mas não sabe de onde nem para onde vai.Que a graça de Deus nos dê disposição para ouvir, refletir, re-aprender e discernir.

É urgente, porque urge do Espírito.

A MÍSTICA QUE FAVORECE A CONSCIÊNCIA HUMANA - IRMÃ CLEUSA E A MÍSTICA QUE ORIENTOU A SUA VIDA!

Pe. José Ricardo Zonta,CP

Resumo

O místico faz uma experiência autêntica do Mistério porque toma consciência do que é e para o que está destinado. Movido por Cristo, descobre um horizonte de humanização longe do qual não conseguirá mais viver! A experiência da Ir. Cleusa foi a do perigo e a da perícia. Uma educadora que se debruçou em cuidados para com as populações indígenas e pobres que não tinham a quem recorrer. Ir. Cleusa não vivenciou o perigo porque queria. Ela enfrentou os maus e a maldade humana porque Jesus possuiu o seu coração, o seu corpo frágil e revestiu a sua missão com o cuidado amoroso, levando-a, muitas vezes, onde certamente ela não queria ir, para cumprir aquilo que a fé verdadeira produz: obediência a Deus - o fruto maduro da consciência humanamente mística!

Palavras-chave: Mística, martírio, seguimento, religiosa.

Introdução

A vida da Irmã Agostiniana Recoleta Cleusa Carolina Rody Coelho, possui a luminosidade da entrega, do cuidado, por isso, pode ser revisitada inúmeras vezes, especialmente neste tempo em que a Amazônia entrou em evidência e participa da favorável rota da evangelização e da ecologia integral.

Este artigo, visa apresentar Ir. Cleusa no horizonte da mística, mas antes precisamos compreender bem este termo, sua relação com o processo de humanização e a vida da Igreja.

1. A Mística: única perspectiva de autêntico seguimento

O mundo evoluiu enormemente ao longo dos seus milhões de anos. Peter Russel nos ajuda a perceber que usamos o nosso mundo de uma maneira que nenhum outro ser o fez. E o que tornou isso possível? O desenvolvimento do cérebro, é lógico, mas com o auxílio de uma coisa pequena, contudo, muito significativa: "a mão humana".[1] Com a argila modelamos formas, semeamos, desenvolvemos a agricultura, construímos abrigos, cavernas artificiais, domesticamos o fogo, implementamos novos transportes.

Em termos de compreensão do mundo nossa percepção deu saltos enormes com o desenvolvimento do cérebro, todavia, em outros aspectos, estamos muito adormecidos. Ainda conhecemos pouco sobre como pensamos. Muitos não são conscientes de seus sentimentos. Nosso ser interior permanece tão misterioso quanto sempre.

Por isso, a grande fronteira que ainda nos espera segundo Russel, não o é o espaço exterior, mas o interior: a consciência; não uma evolução biológica e técnico-científica, mas a evolução da consciência. E nós completamos, uma consciência que cresce à medida em que se aprofunda a nossa experiência de Deus. Uma descoberta que pode revelar-se como a mais surpreendente, admirável e valiosa de todas as nossas explorações.

É o que Teilhard de Chardin chamou de "Ponto Ômega", a culminância da evolução humana, onde se reconhecerá que "[...] Cristo é o princípio da consistência universal. Nele o universo subsiste, para Ele, o ponto ômega, converge o movimento do mundo, ele é o Christus Evolutor. [...]"[2]

1 RUSSEL, Peter. *O Buraco Branco No Tempo*. São Paulo, Cultrix, 1985.

2 SCHNEIDER, Theodor (org.). Manual de dogmática. (Vol 1) Petrópolis, Vozes, 2002, p. 186.

1.1 Mística e evolução da consciência

O tema da espiritualidade é tão atual em nossos dias que, com precisão, Rahner afirmou: "o cristão do futuro, ou será um místico, 'alguém que experimentou o mistério santo de Deus,' ou não será cristão."

O termo mística é de etimologia grega e significa "fechar a boca",[3] numa atitude de silenciar e acolher com 'admiração, temor, desejo, pergunta, o Mistério que transcende a natureza própria e as faculdades da pessoa.'[4]

Ligado a mística está a palavra Mistério que também deriva do grego 'myo myxa'. Pastro nos ensina que a expressão significa 'olhos fechados'. Ou seja, quando estávamos fechados para o raio de luz, Deus nos envolveu.[5] O relacionamento com Deus é Graça, sem mérito nosso.

Assim, existe convergência entre mística e Mistério, entre Mistério e experiência. Para o autor Bove, "mística é a experiência de Deus" que nos concede "um conhecimento e uma percepção do Eterno com notável profundidade".

O místico faz uma experiência autêntica do Mistério porque toma consciência do que é e para o que está destinado. Movido por Cristo, descobre um horizonte de humanização longe do qual não conseguirá mais viver! Por isso, a mística amplia a consciência de si, do mundo e de Deus! Ela foi desde sempre uma iluminação, entretanto, nunca foi tão necessária quanto em nossos dias "líquidos" e superficiais!

Sem mística - experiência de Deus, fica difícil atingir o grau de consciência necessário para o seguimento de discípulo. Mas a mística não se aprende como se aprende conceitos ou teoremas, sem o envolvimento do coração. A gente aborda o que ela invoca, mas não se compreende o seu profundo significado sem se deixar guiar, maravilhar, provocar por Jesus. Ela é experiência! "Senhor, que eu veja", é a súplica de quem se encontra com o Sentido da Vida.

O termo mística é de etimologia grega e significa "fechar a boca", numa atitude de silenciar e acolher com 'admiração, temor, desejo, pergunta, o Mistério que transcende a natureza própria e as faculdades da pessoa.

3 BOVE, G. Mística. In: Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo, Loyola, 2003, p. 500.

4 KAUFMANN, Christine. Mística. In: Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. São Paulo, Paulus, 1999, p. 489.

5 PASTRO, Cláudio. O Deus da beleza. São Paulo, Paulinas, 2008, p. 55.

Santa Tereza de Ávila propôs quatro graus da vida mística:

> 1) quietude, em que o espírito repousa sem estar ainda livre de todas as distrações;
> 2) estado unitivo, em que é vivo o sentido da presença contínua de Deus;
> 3) o êxtase, como cessação da atividade dos sentidos;
> 4) mística esponsal, a alma começa a desfrutar a presença de Deus, envolvendo também o corpo e isto irrompe em um conhecimento e visão beatífica de Deus, que se expressa como irrupção amorosa."[6]

Nesta perspectiva, a mística promove uma entrega que culmina com um conhecimento de comunhão tão profundo de Deus, onde se percebe que já não se pode viver sem Ele, fora Dele. Esse estado de graça, cristifica o místico de tal sorte que viver é não estar em si, é ser com Cristo. Por isso, um místico, uma mística, não se pode compreender, apenas admirar. Eles vão aonde muitas vezes resistimos ir. Adquirem uma consciência plenamente humana onde tudo o que fala de compaixão, lança raízes em seus peitos. Aprendem o que significa uma obediência ousada e, por vezes rebelde, para não negarem a vontade do Senhor que lhes roubou o coração e dominou as suas mentes. Os místicos são as mãos de Cristo a tocar o mundo com a ternura de Deus. Tornam-se, pelo abandono, a consciência pulsante, pungente do Salvador que vive entre nós!

6 BOVE, 2003, p. 500.

2. Toda experiência de Deus é mística?

O livro Curso de Espiritualidade[7] apresenta a complexidade do termo experiência. Os autores lembram que os tratados clássicos sobre espiritualidade, não abordavam a questão da experiência propriamente dita, dado que, os grandes místicos, não mencionavam nada sobre Deus que, de alguma forma, já não haviam experienciado. O que de Deus eles falavam, era o que de alguma forma experimentavam.

Sobre o termo experiência, Leonardo Boff propõe:

> *[...] A palavra experiência possui duas partes: a preposição*

7 SECONDIN, Bruno e Tullo Goffi (org). Curso de Espiritualidade: Experiência - Sistemática - Projeções. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 27-30.

ex com o verbo antigo periri que significa tentar, experimentar (conari), correr perigo (pericum)[...]; Experiência conecta ainda com peritia (perícia, habilidade), scientia e notitia (conhecimento, informação) [...].[8]

A experiência de Cleusa foi a do perigo e a da perícia. Uma educadora que se debruçou em cuidados para com populações indígenas e pobres que não tinham a quem recorrer. Seu conhecimento científico e espiritual promoveu uma unidade com o Senhor de modo que ela sentia um fogo abrasador em seu peito: não conseguia parar quando Jesus lhe pedia para prosseguir. Foi assim que ela enfrentou os perigos com a ciência do amor e não só com o conhecimento formal. Esposada do seu Mestre e Senhor, era conduzida por caminhos que outros a desaconselhavam percorrer. Isto não pode ser compreendido só por quem estuda as verdades da fé. Estes nunca vão sentir que Jesus ainda continua a agir no mundo por meio da Igreja e a morrer com a Igreja em favor do mundo!

Cleusa não vivenciou o perigo porque queria. Ela enfrentou os maus e a maldade humana porque Jesus possuiu o seu coração, o seu corpo frágil e revestiu a sua missão com o cuidado amoroso, levando-a, muitas vezes, aonde certamente ela não queria ir, para cumprir aquilo que a fé verdadeira produz: obediência a Deus - o fruto maduro da consciência humanamente mística!

Sendo assim, podemos afirmar, com toda certeza, que muitas experiências religiosas não são experiências de Deus. Estas últimas têm que necessariamente humanizar, sensibilizar o coração e levar a assumir a condição do outro para arrancá-lo da Cruz, como afirmava Sobrino.

Quando o místico suplica: "Senhor, que eu veja!", ele o diz a partir do lugar do outro - no Calvário, onde Jesus assume a sua existência e, como Espírito e Vida, favorece a experiência de ver por dentro, pela íris da

A experiência de Cleusa foi a do perigo e a da perícia. Uma educadora que se debruçou em cuidados para com populações indígenas e pobres que não tinham a quem recorrer. Seu conhecimento científico e espiritual promoveu uma unidade com o Senhor de modo que ela sentia um fogo abrasador em seu peito: não conseguia parar quando Jesus lhe pedia para prosseguir.

8 BOFF, Leonardo. Graça e Experiência humana: A graça libertadora no mundo. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 63.

compaixão, onde a consciência se amplia e ele se sente uma coisa só com Deus.

2.1. *O Termo experiência numa perspectiva teológica*

O termo experiência é polêmico. O problema é o caráter positivista que este adquiriu, como se só pudéssemos dar por válido o que foi experimentado, investigado; e não somente isto, como se o experimentado fosse válido por um esforço humano e não por um dom de Deus, que pode se manifestar ou calar, assim como pensava Rahner. Contudo, o receio da palavra não vai acabar com a sua força, pois ela é expressão de algo vital: nós não fazemos experiência, nós somos experiência.

Em teologia se prefere partir da palavra discípulo, dado que todos os batizados são imersos numa realidade que já é seguimento. Entretanto, o Evangelho é cheio de citações que não deixam dúvida sobre o discipulado como experiência. Por exemplo, o famoso convite: "vinde e vede" [Jo 1, 35ss].

O proêmio da DV afirma que toda a Revelação foi uma experiência vivida pelos apóstolos e recebida como tal, pela Igreja: "vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão conosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo" [1 Jo. 1, 2-3]." Ou seja, tudo o que o Concílio Vaticano II afirmou é a experiência da Igreja, sobretudo, porque ele se fundamenta sobre o pensamento Bíblico-Patrístico.

A experiência na GS é apresentada como uma capacidade [72], um conhecimento [46, 62], um sentimento interior [10], é quase sinônimo de vida, de tudo o que se vive. O determinante é experimentar à luz da Revelação. Não há contradição entre uma experiência autenticamente humana e a Revelação. É por isso que a GS afirma que, em Cristo, o homem e Deus se encontram [n. 22].

A Revelação não é apenas uma doutrina a ser transmitida, mas uma resposta a ser dada. E toda resposta não pode ser vista senão como experiência mística.

Continuemos a aprofundar este tema à luz da vida de Irmã Cleusa, martirizada em favor da causa indígena e do processo de humanização, onde a consciência se expande e evolui para um mais, ao ser formada pelo Amor e a Justiça que se busca em favor do irmão que sofre!

3. Cleusa e os sinais dos tempos

Irmã Cleusa é filha do Vaticano II, ela cresce no seio da Igreja

e da Congregação procurando receber o que o Concílio afirmou como sendo relevante para o mundo de hoje.

Não mais como no Vaticano I, hoje a Igreja é chamada a perceber os sinais dos tempos e não tanto os sinais de credibilidade (milagres). O grande sinal dos tempos para a Igreja é o chamado à santidade que passa necessariamente pelo sentir as dores e as angústias, as alegrias e as esperanças das pessoas de hoje.

O testemunho é o sinal de credibilidade por excelência que a Igreja Mística oferece ao mundo. Nele, brilha a glória de Deus, apresentam-se as Marcas de Cristo, opera o Espírito do Ressuscitado. E foi isto que irmã Cleusa fez durante a sua consagração religiosa: procurou estar em sintonia com a Igreja e o mundo que requer sempre mais o testemunho do amor e da solidariedade.

Perseguindo os sinais dos tempos, Cleusa encontrou-se com o Senhor! Experimentando a bondade de Deus, ao dar-se compassiva à causa dos pobres, irmã Cleusa descobriu que o Eterno é-terno. Nós somos apenas na ternura.

3.1 Cleusa, toda ouvidos!

A experiência da escuta é a mais profunda no horizonte da fé. A acolhida dos mandamentos e do Mistério de Deus só é possível quando sabemos ouvir! O "ir e ver", acontece depois do escutar que promove a aceitação do convite!

"*Fechando a boca*", irmã Cleusa acolheu o convite: escutar o grito angustiante de quem sofre as enormes injustiças em meio à floresta Amazônica: povos ribeirinhos, povos indígenas, trabalhadores rurais, presos, doentes,...

O grito talvez seja a mais expressiva oração de um coração desolado, desamparado, que procura Deus. Escutar o grito do aflito é sentir Deus possuindo o nosso coração com uma sensibilidade que consola e ampara.

Os sinais dos tempos entraram dentro de Cleusa com a força do "shemá Israel"! Atenta aos apelos que chegava do mundo dos excluídos, ela viu e ouviu Deus falar sobre os Rios, as Florestas e profetizar sobre as choupanas e casebres. Cleusa fez eco ao "grito dos pobres": uma oração

Cleusa encontrou-se com o Senhor! Experimentando a bondade de Deus, ao dar-se compassiva à causa dos pobres, irmã Cleusa descobriu que o Eterno é-terno. Nós somos apenas na ternura.

de desamparo e de confiança, movida pelo Espírito que consola e fortalece!

Escutando e acolhendo os sinais dos tempos, "a mulher da escuta, fez-se boca" em favor de uma causa que sempre assume a nossa carne, quando de fato nos encontramos com o Senhor que indica as discípulas e aos discípulos: "dai-lhes vós mesmos de comer"! [Lc 9, 13]

Ser a voz de Deus no deserto ou nas águas é o destino do místico. Na Palavra que se fez carne, somos também nós uma carta escrita pelo Deus vivo. [Cor 3, 3] Como ouvintes da Palavra eterna, tornamo-nos uma voz que clama e anuncia a Boa-Nova. Uma voz compassiva, ao chegar aos ouvidos do mundo, manifesta Deus: "quando a voz de Maria chegou aos ouvidos de Isabel"; quando a voz dos mártires, especialmente a de Cleusa, chega aos nossos ouvidos; quando acolhemos o Verbo, o mundo-menino vibra, uma nova consciência é gestada.

3.2 Irmã Cleusa viu o rosto de Cristo!

Ela viu o Mistério no rosto do pobre; viu o Crucificado nas curvas dos rios, com as mãos vazias de pão e de educação: "onde houver índio, ribeirinho nu, preso, com fome, com sede, Eu estarei sofrendo neles". [Mt 25, 35-45] Cleusa viu o rosto de Jesus no rosto dos excluídos, especialmente na região explorada e injustiçada da Amazônia.

Irmã Cleusa foi "ver" e angustiou-se ao perceber que o Crucificado que levava no peito, também sofria no irmão. Cleusa viu que o Senhor não tinha

onde reclinar a cabeça, como milhões de "filhos dos homens" que sofrem nos lugares onde as Agostinianas Recoletas são chamadas a chorar com os excluídos; porque as lágrimas do Amor são a Graça que abre os olhos dos cegos, que não aceitam Deus como luz dos olhos e da fé.

Segundo o evangelista João, ver e crer são sinônimos. Quem crê, só este vê. E quem vê, não deixa de acreditar. Cleusa viu e creu, tocou as chagas do seu Senhor nas chagas dos seus irmãos. E assim, ela nos ensinou que a estrada aberta pela lança, no lado trespassado de Cristo, só pode ser percorrida por meio da misericórdia de quem vê e crê na transformação operosa do amor.

3.3. Cleusa participou do Reino!

Irmã Cleusa fez a experiência da fé verdadeira, ao testemunhar o amor até as últimas consequências, ao dar a vida pelos irmãos!

Qual consagrada que viveu em sintonia com o seu tempo, iluminada pela Gaudium et spes, Cleusa participou do Reino da vida ao promover o bem dos pobres indígenas, a ecologia e a educação integral! Sempre compreendeu que a fé está mais vinculada ao amor que a um conteúdo; que ela se transmite mais pela via da atração que da imposição; que a fé é mais um

Cleusa viu que o Senhor não tinha onde reclinar a cabeça, como milhões de "filhos dos homens" que sofrem nos lugares onde as Agostinianas Recoletas são chamadas a chorar com os excluídos; porque as lágrimas do Amor são a Graça que abre os olhos dos cegos, que não aceitam Deus como luz dos olhos e da fé.

dom de ternura e de fraternidade, que um tesouro estático de "verdades" que não libertam o mundo, nem transformam a realidade em que vivemos!

Nesta perspectiva, irmã Cleusa entrou na "ciranda da vida", na roda dos índios, experimentando o Mistério de Deus por meio da Mística da Cruz, que exala o perfume do Salvador e o consolo da Mãe dos aflitos!

4. Cleusa e a expansão da consciência humana

Ao contemplar o seu testemunho, percebemos que a consciência da humanidade sofreu uma evolução: para irmã Cleusa, o outro nunca foi visto como descartável; o pobre sempre foi considerado gente; o diferente

nunca foi impedimento para o encontro com Deus; a vida na natureza e pulsante nos irmãos, possuía uma comunhão indissociável; a casa comum na Amazônia ou em qualquer outro lugar, foi um convite para deixar fluir em nós o cuidado!

A intimidade com o seu Senhor, a sua mística solidária, trouxe para o mundo um jeito mais bonito de conceber a vida. O seu testemunho intrépido, enfrentando perigos com a ciência do amor e da sabedoria, mostra que ela estava a frente de nós. Os místicos sempre estão um passo a nossa frente. Eles chegam a uma consciência unitiva, arrebatadora, esponsal e inquieta, que só descansa quando repousa em Deus! Esta consciência Agostiniana é uma consciência evolutiva, mística, dado que só quer ouvir e ver a Deus!

Conclusão

Nesse tempo onde somos chamados a crescer misticamente permitindo que a nossa consciência evolua, acolhamos a experiência luminosa de Cleusa, a consagrada que sentia o coração arder e pulsar, desejando servir sempre que o Senhor a encontrava, falava e segurava pela mão, moldando-a na misericórdia! No altar das matas, onde a água viva corria, conduzindo a sua existência, ela professou a fé de Cristo: "Eu vim para que todos tenham vida!" [Jo 10, 10] Por isso: "Vale a pena arriscar-se pela vida!"

Arriscando-se, ela perdeu uma mão que nunca foi encontrada. A mão com a qual os homens evoluíram e construíram casas, semearam, fizeram grandes descobertas científicas, foi perdida no momento de evolução da sua consciência. "É melhor perder uma mão do que, com as duas, ir para o inferno." [Mc 9, 43] Para fazer uma experiência mística que oferece uma consciência ampla do divinamente humano, será necessário perder. Cleusa não teve este receio! O místico sempre saberá perder, pois, no esvaziamento de si, encontra-se o senhorio de Cristo, algo fundamental para a experiência cristã, mas muito caro para uma Agostiniana Recoleta.

Quem se arrisca pela vida, como irmã Cleusa o fez, sente que a sua consciência evoluiu, por meio de uma união ímpar e esponsal com o Senhor. Arrebatado pelo desejo de vida para todos, o místico, a mística, se consomem por uma causa que se faz carne, por uma carne divinamente humana que é a nossa carne e também o Corpo de Cristo Sofredor, por uma consciência é-terna onde resplandece o Belo Pastor Jesus!

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NO PÓS-SÍNODO PARA A AMAZONIA

Ir. Vânia Maria Carvalho de Sousa[1]

Resumo

O Sínodo abriu novos horizontes e sonhos para a Vida Religiosa Consagrada. O protagonismo da mulher consagrada, unida à voz de tantos homens, foi um sinal eloquente de mudança e de um novo olhar para a escuta atenta da mulher na missão eclesial. Com este artigo pretendo mostrar as novas possibilidades, a necessária conversão para uma justa e profética consciência dos desafios que pedem repostas urgentes, porque tudo esta interligado entre nós e os povos da terra Amazônida.

Palavras-chave: Amazônia. Sínodo, protagonismo, religiosa

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) marcou presença significativa no Sínodo para a Amazônia. Das 38 mulheres participantes houve um número expressivo de religiosas dos

1 Missionária do Coração Eucarístico de Jesus. Mestra em Ciências da religião. Especialista em Estudo Bíblico e atualmente é Diretora do Instituto de Pastoral Regional da CNBB Norte 2 (IPAR).

nove países que compõe a Pan-Amazônia que contribuíram com as discussões realizadas durante o Sínodo. Alguns temas pertinentes foram discutidos no decorrer do evento, entre eles, a crescente violação dos direitos humanos, como a violência doméstica, o feminicídio, o tráfico humano e a falta de valorização da mulher na vida eclesial. Os textos que foram apresentados na assembléia sinodal trazem reflexões que contribuem com a ecologia integral e as populações que habitam na Amazônia, esse chão sagrado, mas que é tão disputado por empresas que querem saquear esse território, pois como se sabe a Amazônia tem rosto pluricultural, formada por indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos e, dentre eles, mulheres lutadoras e resistentes.

Foram trazidos à baila, enquanto lutas e sonhos, o desejo da terra sem males, o cuidado da casa comum, a resistência de mulheres portadoras de práticas ancestrais, como guardiãs que garantem a continuidade de saberes ligados à terra e de suas diversidades. O protagonismo feminino deve estar presente nos processos de inclusão social. Na assembléia sinodal, foi garantido o reconhecimento da mulher como sujeito de sua própria história, alguém que cuida da vida em todas as dimensões, defensora dos direitos dos povos e de seus territórios. São mulheres audaciosas, corajosas em defesa da vida e de sua ancestralidade. Doam suas vidas, seu tempo, sua sabedoria para garantir a vida na Amazônia.

Durante o Sínodo, houve um momento que marcou a presença da VRC: A canonização de Ir. Dulce como "Santa Dulce dos Pobres". Uma mulher religiosa, simples, humana, e que fez de sua vida uma verdadeira entrega, dedicando-se aos pobres e excluídos na capital baiana. Esse reconhecimento, tão importante da mulher no enfrentamento da exclusão e da marginalização, exige de nós, organização e resistência para assim seguirmos numa Igreja sinodal.

O Sínodo para a Amazônia abriu novos caminhos e novas possibilidades para a "Igreja em saída". Foram momentos de graça, nos quais a Igreja foi convocada a olhar para a Amazônia a partir de suas diversidades culturais, religiosas, étnicas e, sobretudo, dos povos tradicionais que nela habitam. A Amazônia, durante muito tempo, foi explorada e continua, até hoje, das mais variadas formas, sobretudo pela exploração de suas riquezas. Desde a sua origem, essa terra tão rica já era ocupada pelos povos aborígenos e posteriormente pelos que a ocuparam por meio do processo de colonização.

Foram tempos sombrios nos quais a cultura e a religiosidade dos povos amazônicos sofreram grandes repressões por parte de missionários(as) que, em nome da evangelização, suprimiram o respeito a essas populações e seus territórios.

O Sínodo foi um verdadeiro kairós, onde aconteceram momentos de reflexões e partilhas sinodais, elencando temas importantes que falam de nossa realidade cultural e eclesial, levando-nos a ser presença junto aos que mais são prejudicados nestas terras ricas de vida e de saberes. Dessa forma, a Vida Religiosa Consagrada quer continuar sendo presença profética e audaciosa junto aos ribeirinhos, indígenas, quilombolas, crianças que são exploradas sexualmente; quer ser presença também entre homens e mulheres que acreditam que outro mundo é possível. O Sínodo foi ainda uma oportunidade para voltarmos "às fontes", "ao primeiro amor" e reconhecermos que Deus é fiel e acredita em nossas riquezas pessoais e em nossos carismas fundacionais.

O tema "Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral" abriu novas possibilidades e reflexões para conhecer a riqueza, os saberes e a diversidade desta região; para reconhecer as lutas e resistências dos povos que habitam nesta terra, que são ameaçados por grandes projetos que tentam destruir a floresta e seus recursos naturais. O Sínodo foi também fonte de riqueza e de contribuição salutar para conhecer e defender a Amazônia com seus biomas e modos de vida. A esse respeito, a Vida Religiosa também é chamada a refletir sobre os novos caminhos de evangelização que deve ser realizado para com o povo de Deus que habita em todo território amazônico.

> O Sínodo para a Amazônia abriu novos caminhos e novas possibilidades para a "Igreja em saída". Foram momentos de graça, nos quais a Igreja foi convocada a olhar para a Amazônia a partir de suas diversidades culturais, religiosas, étnicas e, sobretudo, dos povos tradicionais que nela habitam.

A VRC e novos caminhos para a Igreja

Com este grande acontecimento na vida eclesial, busca-se compreender o caminho trilhado pela Igreja ao longo de sua história. O

Concílio Vaticano II (1962–1965) abriu novos caminhos para que a Igreja fosse sinodal, ou seja, uma Igreja que escutasse os clamores dos povos da Amazônia. O Papa Francisco fala da importância da sinodalidade, do caminhar juntos, pois é o Espírito Santo que fecunda os nossos passos. Ser uma Igreja sinodal exige de todos nós: homens e mulheres, vida consagrada, cristãos leigos e leigas, compromisso profético para com todos os rostos amazônicos, sobretudo dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e todos os pobres que são massificados pelo sistema excludente. A resposta da VRC deve emergir dos rincões mais distantes da Amazônia, por meio da escuta, das visitações e de toda forma de evangelização.

Os temas que foram discutidos durante o Sínodo ajudam- nos em nossa missionariedade, pois eles têm um papel importante, uma vez que dão orientações para nossas práticas pastorais, bem como para termos atitudes de escuta profética, a fim de caminharmos juntos. No texto final são apresentados os seguintes temas: conversão integral, pastoral, cultural, ecológica e sinodal. Enquanto VRC, temos que ter consciência dos graves problemas que afetam a Amazônia, desta forma, a palavra conversão foi repetida por diversas vezes na assembleia sinodal, pondo em evidência a necessidade de uma conversão integral.

Na Amazônia, a vida está interligada, os povos da terra têm a floresta e tudo o que nela contém como sustento da vida. A Amazônia também é um lugar de dor e sofrimento. O desmatamento e a violência contra os povos amazônicos ferem diretamente o planeta, trazendo consequências drásticas contra a vida dessas populações. Por outro lado, os povos indígenas com seus saberes ancestrais nos ensinam a cultura do bem-viver, tal prática sempre foi muito bem desenvolvida pelos povos da Amazônia. A floresta como fonte de saber e sobrevivência alimenta seus sonhos, revigora suas vidas e os cura de qualquer enfermidade. A terra é a nossa mãe, como bem nos indicam os povos indígenas, pois para eles, a riqueza provém da terra e de tudo o que nela contém.

Outras propostas complementares do Bem Viver são: lutar contra o individualismo, potencializar o viver em coletivo, a solidariedade e o respeito ao próximo e à natureza. Porque para essa construção coletiva é imprescindível que a cidadania conheça seu país, seu passado e seu presente, sua riqueza e seus direitos; essa é uma das formas de conseguir que entre todos haja um mundo mais respeitoso

com a mãe terra e com a cultura que os povos amazônicos construíram ao longo dos séculos.

Como novos caminhos para uma Igreja sinodal, temos que passar por esse processo de conversão ecológica, cultural, pastoral e integral. Como Vida Religiosa Consagrada, devemos nos inserir em todos os âmbitos da vida humana, sobretudo dos povos mais vulneráveis da região Amazônica. O convite de uma Igreja em saída deve ecoar em nossa prática missionária, como presença profética e solidária; conscientes de nossa missão e do compromisso evangélico à luz da Palavra de Deus, que é vida plena para todos.

Esperanças, lutas e profecias no pós-sínodo

Diante do apelo da Igreja e do Papa Francisco, a Vida Religiosa Consagrada é convidada a abraçar com muito carinho as provocações que nos vêm por meio da assembleia sinodal. Reconhecendo que num mundo plural a presença da Vida Consagrada deve ser profética e audaciosa, enfrentando os sistemas geradores de morte que tiram a vida dos povos amazônicos. A VRC deve ser também sinal de uma "Igreja em saída", como bem expressa Papa Francisco na Evangelii Gaudium, é necessário uma Igreja de discípulos missionários que saiam de suas zonas de conforto para levar a "Boa Nova do Reino" onde a vida pulsa e também é ameaçada, onde os direitos são negados a irmãos e irmãs que estão à mercê da sociedade.

Com este Sínodo, reavivamos nosso sim diante de tantos clamores vindos da Amazônia, gritos que ecoam em nossa ação missionária. Hodiernamente, vemos tantos religiosos/as nas regiões mais longínquas de nossa Amazônia, sendo sinal de esperança e profecia junto aos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, agricultores, homens e mulheres que lutam e sonham por um mundo melhor.

A VRC deve ser também sinal de uma "Igreja em saída", como bem expressa Papa Francisco na Evangelii Gaudium, é necessário uma Igreja de discípulos missionários que saiam de suas zonas de conforto para levar a "Boa Nova do Reino" onde a vida pulsa e também é ameaçada, onde os direitos são negados a irmãos e irmãs que estão à mercê da sociedade.

Remando por estas águas que nos conduzem a esses povos, sentimos o apelo de Deus através de tantos rostos que são marcados pela violência, falta de emprego, educação, saúde e habitação. Como é bonita a presença da Vida Consagrada junto a esses povos tão sofridos, pobres que comungam dos nossos sonhos e que lutam, enfrentando as maresias da vida para sobreviverem. Nesses últimos anos, a VRC tem dado respostas significativas a esses clamores, a partir de seus carismas fundacionais, porque acreditam na inspiração e opção preferencial pelos pobres, fazendo acontecer o Reino de Deus aqui e agora.

Como se vê, a Vida Religiosa Consagrada tem contribuído com as lutas e as causas dos povos amazônicos e continua sua itinerância nas regiões mais conflitivas e desafiadoras; onde acontecem a exploração sexual, perseguições e grandes conflitos de terra; sempre convém lembrar o testemunho de Vida de Ir. Dorothy Stang e tantos outros que derramaram seu sangue para salvar a vida de nossos povos. Com esse Sínodo, acolhemos as vozes de tantos religiosos e religiosas que estão trabalhando na Amazônia. Diante de tantos desafios já mencionados e enfatizados, cabendo aqui salientar tais problemáticas como: essa região é ameaçada pela destruição e exploração do seu ecossistema, pela violação dos direitos humanos e pela demarcação de terras sem consulta prévia. Essas ameaças provêm de interesses econômicos e políticos de setores dominantes que têm grandes interesses em tirar os povos tradicionais de suas terras para implementar em projetos nacionais e internacionais.

Conclusão

É preciso ressignificar a nossa história, plantando a semente da paz, da esperança e da justiça, alimentando sonhos e lutando juntos por uma Igreja sinodal e uma ecologia integral; reconhecendo em nossos irmãos/as a presença de Jesus de Nazaré que se fez pobre e veio morar no meio do povo. O planeta é nossa casa comum, por isso devemos cuidar desse bem tão precioso dado pelas mãos do Criador. Que sejamos sal da terra e luz do mundo, e que Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia, interceda por todos nós, para bem vivermos nosso profetismo onde Deus nos chama a amar e servir.

A proposta do Papa Francisco abre uma nova visão de mundo e de Igreja, possibilitando caminhos para o diálogo e comunhão eclesial, ajudando-nos

a sair da autoreferencialidade, bem como de nossas práticas de comodismo que não geram vida. Por outro lado, observa-se que a floresta, a mãe terra, e os povos que fazem parte deste universo, continuam resistindo em suas lutas, juntamente com a Vida Religiosa Consagrada, como sinal de esperança e profecia, para que as populações tenham seus direitos assegurados. O Sínodo foi grande acontecimento na vida e missão da Igreja, que o espírito sinodal nos ajude a manter a chama da esperança e da profecia sempre acesas, para continuarmos lutando contra todos os males que assolam nossa Amazônia; garantindo o direito e a justiça aos povos e a todo o planeta, nossa casa comum.

PARA REFLETIR

1. Dos clamores que vêm da Amazônia, o que estamos fazendo como VRC, na potencialização e humanização da vida?
2. O Sínodo se desenvolveu ao redor da vida: do território, dos povos, da Igreja e do planeta. Quais os sinais de esperanças e profecias que podemos elencar a partir de nossas práticas pastorais?
3. A Assembleia sinodal se transforma em um sinal de esperança para o povo amazônico e para a humanidade inteira. Quais são as perspectivas enquanto VRC que almejamos a partir deste evento?

CONVERGÊNCIA • ANO LV • Nº 530 • AGOSTO • SETEMBRO • OUTUBRO DE 2020

POR QUE A GERAÇÃO DIGITAL NÃO SE INTERESSA PELA VIDA RELIGIOSA?

Plutarco Almeida, SJ[1]

Resumo

O artigo nos coloca diante da busca de significado numa sociedade de muita informação e pouca reflexão. Saturado marketing de tudo, um grande mercado, inclusive da fé, e a pouca consistência de sentido e compromisso. A questão é o que nós, vida religiosa consagrada, oferecemos aos jovens que ainda nos procuram? Nossas vivências são de significado? O que estamos oferecendo a uma geração que recebeu e recebe tudo, bebe de tudo e se alimenta de todo tipo de comida, sobretudo das mídias? São questões que precisam nos sacudir e ajudar a pensar.

Palavras-chave: geração digital, geração Y e Z, marketing, experiência.

Envelhecemos, e daí?

Muitas vezes, religiosos e religiosas se veem diante de perguntas como esta: por que será que a nossa vocação, o nosso modo próprio de viver os valores do

1 Plutarco Almeida é padre jesuíta, jornalista e pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco. Dirige o campus da mesma universidade em João Pessoa-PB. Contato: plutarco.almeida@unicap.br

Evangelho, já não encanta mais os jovens? Por que são tão arredios? Por que não conseguimos conquistar esta geração digital? Estudos, congressos, seminários, pesquisas, debates acontecem em todo o planeta buscando uma resposta que seja mais ou menos aceitável e faça sentido. Muita tinta e muito papel são gastos diariamente com objetivo idêntico. De fato, analisando a situação atual dá para perceber que a VRC já não consegue atrair a geração da chamada Era Digital. Hoje abre-se mais casas de saúde do que centros de formação! Pelo andar da carruagem, salvo raras e honrosas exceções aqui e ali, nossas ordens, congregações e institutos parecem condenados a desaparecer daqui a pouco. É fato pacifico que as gerações "Y" e "Z", conhecidas como gerações digitais, essa turma que nasceu mergulhada de cabeça nas novas tecnologias da informação e da comunicação, não manifestam o menor interesse por essa vida que levamos nós. Desse modo, envelhecemos sem perspectivas de que alguém mais tarde vá empunhar nossas bandeiras, seguindo o mesmo caminho que um dia decidimos trilhar. Salvo raras exceções, as nossas famílias religiosas, sobretudo as maiores e mais tradicionais, passam por um momento de grandes incertezas.

Palpites

Bem, talvez neste momento seja interessante lançar alguns "palpites". Prefiro utilizar esta palavra, em primeiro lugar porque sei que a conjuntura atual é muito mais complexa do que imagina a nossa vã filosofia. É claro que para questões desse tipo não existem soluções simples e fáceis. Por isso mesmo, nem eu nem ninguém seria capaz de explicar exaustivamente o que está acontecendo, e muito menos ainda de entregar aos interessados e interessadas a receita certa das soluções ideais. Estou convencido, aliás, de que não existem receitas, apenas indicações, palpites, repito! Uma vez esclarecido este ponto, vou tentar alinhavar aqui algumas reflexões que talvez possam ajudar-nos a abrir um pouco mais a nossa mente e alargar nossos horizontes. Peço licença, então, aos que me prestigiam com esta leitura para lançar mão de um tipo de literatura talvez pouco conhecida por religiosos e religiosas. A cada dia me convenço mais de que nos dias de hoje é preciso fugir um pouco do nosso "quadrado referencial", ou seja, trazer para a cena de reflexão referências teóricas e práticas de outros campos do conhecimento humano para podermos, quem sabe, compreender

melhor determinadas situações. Sim, a "transdisciplinaridade" pode ser extremamente útil quando se busca analisar os variados e complexos fenômenos da modernidade. Trocando em miúdos, quando se trata de vocações, por exemplo, já não basta ouvir os "especialistas". Na mesma roda de conversa devem ter assento o antropólogo, o psicólogo, o comunicador social, assim como o gestor de marcas, produtos e serviços, comumente chamado de "marqueteiro". Atrevo-me a acrescentar este último pelas razões que mais adiante tentarei explicar.

Marketing da fé?

Por favor, não se assustem! O diabo não é tão feio quanto se pinta! Realmente, a palavra marketing, especialmente o marketing político, e mais ainda o termo "marqueteiro", sofreu um enorme desgaste, de modo particular no Brasil, em virtude do envolvimento de certos profissionais com a corrupção política que quase devastou o país nos últimos anos. Assim, toda vez que se pronuncia essa palavra as pessoas a associa a roubalheira, desvio de dinheiro público, e por ai vai. Todavia, apesar disso, no ambiente eclesial especificamente, o marketing tem sido introduzido pouco a pouco, embora ainda existam algumas resistências. É fato que determinadas congregações religiosas não escondem, pelo contrário, admitem abertamente o uso de certas ações mercadológicas não apenas para comercializar produtos e serviços (livros religiosos e escolas confessionais, por exemplo), mas também para promover as pastorais, inclusive a pastoral vocacional.

Também é fato corriqueiro hoje no Brasil a presença de "padres cantores", sobretudo, disputando palmo a palmo a preferência dos "consumidores da fé". Os shows são superproduções e nos locais onde se realizam vende-se de tudo, de camisetas com a imagem do artista até vidrinhos com água benta. O fato é que, apesar de ser ainda estigmatizado em certos ambientes de Igreja, tem crescido muito nos últimos anos o uso de determinados princípios de marketing por parte de grupos, movimentos, pastorais e também pelas nossas ordens e congregações religiosas. Nada leva a crer que esta tendência diminua daqui para frente.

Tirando o véu

Peço ao leitor ou leitora que procure colocar de lado algum resquício de preconceito que

O fato é que, apesar de ser ainda estigmatizado em certos ambientes de Igreja, tem crescido muito nos últimos anos o uso de determinados princípios de marketing por parte de grupos, movimentos, pastorais e também pelas nossas ordens e congregações religiosas.

ainda insista em permanecer na sua cabeça a fim de que possamos falar mais sobre o assunto. Afinal, o que é marketing? O termo começou a ser usado após a 2ª. Guerra Mundial, no início dos aos 50, pelas indústrias americanas em busca de novos mercados. Para Theodore Levitt (1990), um dos primeiros a estudar o assunto, "um produto não seria um produto se não fosse facilmente comercializado, pois nesse caso ele seria apenas uma peça de museu". Sergio Zyman (2007), executivo da Coca Cola, acrescenta: "Marketing é uma atividade estratégica centrada na importância de se conseguir que mais consumidores comprem o seu produto mais vezes, para que sua empresa ganhe mais dinheiro". Trata-se, então, de promover e incentivar cada vez mais a compra de produtos e serviços para conquistar um número sempre maior de pessoas dispostas a consumir o que precisa e até mesmo o que não precisa! Mas, esse conceito original evoluiu com o passar dos anos. Agora não se trata mais de convencer os consumidores a comprar mercadorias e serviços simplesmente para aumentar o lucro dos produtores. Marketing hoje é definido como "a arte de criar valor genuíno para os consumidores" (CARLOS JUNIOR 2016) Trata-se de oferecer aquilo que as pessoas mais precisam, ou seja, produtos e serviço que agregam valor realmente. A mercadoria ou serviço deve carregar em si um valor real e tangível a ser repassado ao consumidor.

Essa evolução conceitual do marketing, na virada do milênio, segundo Manoel Carlos Junior, "preconizou as bases de uma nova era que está influenciando o presente e certamente as próximas décadas" (2016). Agora entramos no tempo da experiencialização ("Experiential Marketing"), expressão criada por Bernd H. Schmitt (2000)

> *O marketing de experiência baseia-se em estratégias para sensibilizar a emoção e a sensação dos consumidores, através de ações ancoradas na experiência afetiva e sensorial, coo formas de trabalhar uma marca e de seduzir, engajar e fidelizar verdadeiramente os clientes. Quando uma*

> *empresa nos faz sentir únicos, ela consegue alcançar todos os seus objetivos (SCHMITT, 2004, p. 98)*

O consumo não é mais um gesto repetitivo e mecânico, algo desprovido de sentimentos, de afetividade. É como se os produtos ou serviços fossem bem mais do que isso. Portanto, já não basta apresentar as suas qualidades e mostrar suas vantagens, é preciso fazer com que o consumidor "sinta", "experimente", "identifique-se", "apaixone-se" por elas! As pessoas hoje querem fazer uma experiência de consumo, e que ela seja prazerosa. Para o Prof. Carlos Junior

> *A partir daí, as sensações e emoções começaram a ser um elemento fundamental para associar determinada marca de produto ou serviços a determinados atributos, causas emoções a ponto de se criar empatia e uma adesão por aquela marca de forma a se criar mais valor (CARLOS JUNIOR, 2016, p. 29)*

O Marketing nos salvará?

Ora vejam só, ao chegar a esse ponto da leitura talvez alguém esteja pensando que o artigo foi escrito para tentar de algum modo convencer os religiosos e as religiosas a aderirem ao marketing como uma espécie de "tábua de salvação" que haveria de nos livrar do naufrágio iminente. Ledo engano! Não creio absolutamente que devamos agora transformar a Igreja e a VRC num shopping multicolorido onde tudo se vende e tudo se compra. Aliás, esse risco existe, mesmo quando o assunto é pastoral vocacional. É preciso ter cuidado. Pegar simplesmente os conceitos do marketing e aplicalos sem qualquer discernimento ao âmbito religioso-pastoral não me parece correto. Defendo a tese de que o marketing, ou pelo menos essa forma de utiliza-lo, não é a saída que buscamos para a crise de vocações atual. O religioso e a religiosa não podem ser confundidos com "mercadores da fé". Vocação "pop star" não é vocação, é pura ilusão! Isso nos faz lembrar a parábola do semeador, mais exatamente aquela semente que foi semeada na superficialidade dos pedregulhos à beira da estrada, e que por não ter raízes morreu sem florescer (Cf. Mt 13,5) Pode ser que a intenção seja muito boa, mas os resultados geralmente são péssimos.

Compartilhar saberes

Agora quero voltar ao segundo parágrafo deste artigo, mais especificamente ao termo "transdisciplinariedade". Esta

palavra tem sido bastante utilizada em muitos campos das ciências humanas, sobretudo. Um estudo "transdisciplinar" é aquele que não se contenta apenas com um tipo de abordagem, mas procura dialogar com outros prismas de observação e analise da realidade. O diálogo que se estabelece entre os vários pontos de vista pode vir a ser fortemente enriquecedor para todos os que participam do debate. Na verdade, ninguém sai perdendo, ao contrário, todo mundo sai fortalecido! E aqui não estamos falando de um certo modismo que hoje aparece e amanhã não existe mais. Na sociedade digital e multifacetada em que vivemos, ninguém detém o conhecimento total das coisas. Aquele velho conhecimento enciclopédico que os mestres possuíam foram para o túmulo com eles (e elas).

Na sociedade digital, a forma mais usual de se obter informação é através do compartilhamento permanente de informações. Hoje mais do que nunca o isolacionismo vaidoso conduz à ignorância. Desse modo, por meio do compartilhamento de informações, um mesmo fenômeno pode ser analisado sob múltiplos aspectos. Se quisermos progredir na procura de soluções, temos que ouvir opiniões e pareceres de estudiosos de áreas afins, num continuo processo de compartilhamento de informações e troca de saberes. Isso vale, creio eu, também para o tema das vocações e, consequentemente, do futuro da VRC. É claro que tudo isso exige de nós, religiosos e religiosas deste século, atitudes mais abertas, mentes mais arejadas e muita ousadia apostólica. Além do mais, faz-se necessário um exercício permanente de discernimento, pois é enorme a quantidade de joio misturado ao trigo. Separá-los criteriosamente é o dever nosso de cada dia.

O que ainda temos a aprender?

Então, imaginemos agora uma roda de conversa para a qual foram convidados profissionais de diversas áreas do conhecimento e, por suposto, representantes da VRC interessados em discutir a questão que foi colocada acima, qual seja, a pastoral vocacional e o futuro das nossas instituições. Considerando que todos os convidados têm uma contribuição positiva a oferecer ao grupo, pergunto: um profissional do marketing possivelmente diria o que? Qual seria, afinal, o contributo do "marqueteiro"? É evidente que nenhuma das pessoas seriamente interessadas em discutir ideias e buscar saídas para a crise vocacional e o declínio da VRC entraria nessa reunião

achando que bastaria adquirir um manual de marketing para que todo o problema se resolvesse de repente.

Apesar disso, estou convencido de que o profissional de mercado teria muitas coisas boas a compartilhar, sobretudo algumas técnicas e dinâmicas interessantes que nos ajudariam a trabalhar melhor com os jovens dessa era digital. Embora ninguém estivesse obrigado a seguir os seus "conselhos" ou ler na mesma cartilha, até pelas razões que já coloquei antes, alguns pontos com certeza mereceriam a atenção dos religiosos e religiosas presentes. Gostaria de destacar apenas dois: o primeiro é o conceito experiência do cliente, do qual falei e agora pretendo retomar de uma forma um pouco mais ampla. Assim como o primeiro, o segundo ponto também é um conceito novo na ciência do marketing: Storytelling, assim descrito por Carlos Junior:

> *Todas as empresas e negócios sem exceção têm a sua própria história. Especialmente em um país como o Brasil que, a maioria das vezes, são histórias de superação, de lutas, frustações e conquistas.*
>
> *Para que se possa começar a criar uma identificação emocional forte com o seu público-alvo, é preciso contar essa história para ele. Por isso, faz-se necessário usar técnicas profissionais para alcançar o melhor resultado, o chamado storytellig (CARLOS JUNIOR 2016, p. 44)*

Esses dois conceitos são, na verdade, duas grandes "chaves conceituais", isto é, dois horizontes através dos quais podemos enxergar melhor os novos modos de ser e de viver das pessoas na era digital, principalmente as gerações Y e Z. Se quisermos entender um pouco da cabeça dos jovens, sobretudo, é imprescindível levar em consideração essas duas chaves que os estudos de marketing têm colocado atualmente.

Experiência do cliente[2]

Seria bem interessante poder elencar nesse momento as diversas experiências vividas por aquelas pessoas que tiveram a chance de se aproximar de Jesus. Como foi essa experiência? O que foi que mudou na vida dessas pessoas? Infelizmente o espaço aqui é pequeno para isso. Convido, então, o leitor a leitora a fazer esse estudo assim que for possível. É o nosso dever de casa! (Cf. Mc 2, 14; Lc 2, 1-5; Mt 9, 9; Mc 14, 3-9; Lc 9, 37-43,

2 Continuo a utilizar essa palavra, mesmo considerando as suas limitações (e perigos) quando nos referimos à Vida Religiosa.

apenas para citar alguns) Bem, é lógico que Jesus não considerava como "cliente" nenhum ser humano. O seu olhar não era o olhar de um mercador ávido por seduzir e conquistar consumidores. O olhar do Mestre era o olhar da misericórdia e da compaixão. Entretanto, em cada encontro há sempre uma experiência de vida sendo feita, experiência que envolve necessariamente algumas sensações (o toque, a visão, o olfato, o gesto) e diversos tipos de sentimentos (medo, angustia, gratidão). Essas experiências com toda certeza tiveram um enorme impacto na vida das pessoas. Vidas foram totalmente mudadas, como a vida de Zaqueu, por exemplo (Lc 19, 1-10) enquanto outras nem tanto: o jovem rico (Mc 10, 17-22) De qualquer maneira foram experiências incrivelmente fortes e definitivas na história de cada um e de cada uma.

E nós? Quais são as experiências que de fato estamos proporcionando aos jovens, sobretudo, que procuram hoje as nossas casas e obras? São experiências de fé suficientemente robustas, capazes de cativar, seduzir, "apaixonar" e conquistar? Desculpem-me, mas o que temos a oferecer a esta geração digital além de uma vidinha calma e segura para o resto de suas vidas? A vivencia comunitária, o modo de nos relacionarmos é atraente? Nossas posturas diante de tantas injustiças e situações de morte é coerente com a nossa pregação? A maneira como encaramos a pobreza, a obediência e a castidade é convincente? A experiência que vivemos no passado e que nos motivou a ingressar na Vida Religiosa poderia motivar outras pessoas hoje?

Para o estudioso de marketing Carlos Junior (2016), "experiência do cliente é possibilitar a experiência de momentos de valor emocional único". Então, qual é o valor emocional que a VRC oferece hoje aos nossos jovens? Comunidades religiosas que mais parecem hospedarias cheias de homens e mulheres que mal se cumprimentam, que não se reúnem às vezes sequer para rezar porque não se sentem bem quando estão juntos, ao contrário, vivem falando mal de todo mundo. Essa é a experiência que temos a oferecer? E muitas vezes basta uma só experiência desse tipo para afastar definitivamente os jovens de qualquer futuro pensamento vocacional. Isso vale também para as nossas casas de formação. Pode ser que a formação seja na verdade uma negação de tudo aquilo que foi propagandeado pela Pastoral Vocacional. É o que os marqueteiros chamam de "propaganda enganosa". Nesse caso a experiência do(a) formando(a) será tão nefasta que jamais resultará

num(a) religioso(a) minimamente equilibrado(a). O mais provável é que ele ou ela não persista na vocação, o que às vezes é bem melhor! Deus nos livre e livre também os nossos jovens de experiências desastrosas como essa.

Storytelling

Segundo o Professor Manoel Carlos Junior, apesar de ser um conceito bastante novo, os jogadores ("players") que disputam o gigantesco mercado mundial cada vez mais estão recorrendo a ele, não só para atrair, mas também para cativar e fidelizar clientes. Assim, o produto não é apenas um produto, é mais do que isso: ele carrega em si a história e a tradição do seu fabricante. É essa história envolvente que o consumidor leva para casa e que muitas vezes o torna fiel à marca. "Todas as empresas e negócios sem exceção têm a sua própria história. Especialmente em um país como o Brasil que, na maioria das vezes, são histórias de superação, de lutas, frustações e conquistas" (CARLOS J UNIOR, 2016)

Ouso, então, perguntar: seria válido aplicar o conceito de storytelling a VRC nos dias atuais? Creio que, uma vez salientadas as devidas diferenças e respeitados os limites já citados anteriormente, o conceito poderia ser levado em consideração sim. É certo que toda ordem, congregação ou instituto tem uma boa história para contar. Somos herdeiros (as) de um patrimônio riquíssimo, histórias escritas muitas vezes com sangue, suor e lágrimas por amor ao Reino de Deus. Então, por que não contarmos tudo isso aos jovens da Era Digital? Talvez sim, estejamos contando, mas será que da forma mais apropriada, com a linguagem dos novos tempos, respeitando a cultura desses novos tempos? O desejo de querer entrar para a Vida Religiosa pode nascer de uma história bem contada, algo que leve os nossos jovens a se identificarem mais profundamente com os valores contidos nessa história. Não é preciso inventar nada, apenas contar com convicção, criatividade e sobretudo com alegria a história dos nossos antepassados, aquela mesma história que um dia nos seduziu e cativou. Claro, não apenas contar, mas principalmente viver no hoje os valores perenes dessa mesma história!

Os grandes desafios

Talvez o primeiro deles seja entender a cabeça desta novíssima geração. Neste ponto quero ressaltar a necessidade

dos estudos interdisciplinares já mencionados neste artigo. É preciso abrir o debate, isto é, sair do âmbito estritamente religioso e assumir cada vez mais a lógica do compartilhamento de informações com todas as áreas que tenham algo a nos dizer. O segundo desafio é discernir em meio a essas contribuições o que poderia realmente ser útil, mas não somente útil e sim coerente ou não discrepante com os princípios do Evangelho.

Enfim, esses dois conceitos que foram colocados, a "experiência do cliente" e a "storytelling", podem ser utilizados na Pastoral Vocacional? De que modo? Não é possível simplesmente transporta-los do âmbito do marketing para o âmbito da VRC. Então, faz-se necessário examinar com cuidado para aproveitar o que pode ser aproveitado e descartar aqueles elementos que estejam frontalmente em desacordo com a nossa fé. É possível fazer isso? Penso que sim. É fácil? Tenho certeza que não. De qualquer modo, não resta dúvida de que a Vida Religiosa hoje tem que ser ousada porque sem ousadia não se vai a lugar nenhum. Se ficarmos nos lamentando, ou o que é pior, amaldiçoando as novas gerações abreviaremos o fim. Se nos recusarmos a dialogar abertamente com o mundo ele vai nos sepultar. A esse respeito não resta a menor dúvida.

Bibliografia

CARLOS JUNIOR, Manoel, Experiencilize, os 7 passos para transformar produtos e serviços em experiências. Taubaté, SP: M. Books, 2016

ZYMAN, Sergio. O fim do marketing como nós conhecemos. S. Paulo: Campus, 2007

SCHMITT, H. Bernd. Gestão da experiência do cliente. S. Paulo: Bookman C. Ed., 2004

Para refletir

1. Que avaliação estamos fazendo acerca das experiências oferecidas aos jovens da Era Digital, sobretudo nas casas de formação?
2. Que esforços temos feito no sentido de abrir e manter o debate interdisciplinar sobre essas questões?

OS JOVENS QUE BATEM À NOSSA PORTA

Ir. Mariangela Ferrari, sfa[1]

Resumo

O artigo em questão narra a experiência vocacional das religiosas Franciscanas Alcantarinas, cujo carisma é acompanhar jovens que buscam discernir a vontade de Deus. De qualquer forma, eles chegam, antes ou depois, conscientes ou inconscientes, com resistências, contemplando nos outros também a inquietação inicial e até certo constrangimento por se hospedarem em casa de religiosas. Os jovens querem ajuda para aprender a amar a própria historia, para acolher a própria identidade, a própria corporeidade, e ter a coragem de abandonar a imagem ideal de si que na verdade não existe. Às vezes, eu penso que, de forma inconsciente, eles dizem no coração: "é o teu rosto, Senhor que eu procuro, não escondas o teu rosto", porque quando reconhecem o rosto de Deus na experiencia atual, eles erguem o olhar, ficam curados e escolhem de crescer.

Palavras-chave: discernimento, vontade de Deus, busca, acompanhamento.

1 Texto publicado na revista italiana Vitaconsacrada, Milão, ano 55 2019/4, outubro-dezembro, p. 293-303. Tradução Padre João Mendonça, sdb. O fundador das Franciscanas Alcantarinas foi o bispo Vicente Gargiulo, italiano (1834-1895), homem simples, pastor zeloso e dedicado aos pobres. Com a colaboração da madre Maria Inês da Imaculada, deu início em Castellammare di Stabia/Itália, ao Instituto das Franciscanas Alcantarinas. Em 1932, o primeiro grupo de 11 irmãs chegaram ao Brasil lideradas pela madre Eugênia Catalano. Aqui o belo carisma produziu muitos frutos.

Introdução

Quais são as características e as perguntas dos jovens que se aproximam da nossa realidade de consagradas?

No artigo em questão, como religiosa Franciscana Alcantarine, segundo a nossa experiencia e proximidade com os jovens, tentarei descrever a realidade dos jovens que encontramos em nossa realidade.

A nossa história, como Instituto religioso, do final do século XIX, 1870, desde o seu início deixou-se interpelar a partir da vida de numerosos jovens. No início, nossos contatos foram com os mais pobres que, tendo menos possibilidade de futuro e em risco social, renunciavam às suas potencialidades e possibilidades, com a sensação de não ter as condições de um chamado vocacional para a vida religiosa. De outro lado, procuramos sempre estar em contato com os jovens de qualquer estrato social porque acreditamos que qualquer pessoa tem dentro de si a pergunta de sentido que pode ajudar a responder o projeto de vida vocacional.

Ajudar a cada pessoa a encontrar o valor da própria vocação!

Este apelo encontra-se sempre no coração e nos lábios de muitas de nossas irmãs que dedicam a vida aos outros, a tantos outros, para que encontrem o sentido da própria existência.

"É Jesus que buscas, quando encontras a felicidade"

Estas palavras, que há muito tempo ecoaram com força no coração da Igreja através da voz de São João Paulo II, são o retorno claríssimo da síntese profunda de todas as diferentes perguntas, implícitas ou explicitas, que hoje os jovens levam no coração e nos fazem, mesmo quando não buscam claramente o Senhor, até mesmo quando a própria busca e as perguntas são apenas um desejo de ver a própria vida realizada ou até ameaçada no risco do niilismo.

Os jovens procuram por quem lhes ajudem a permanecer vivos, protagonistas da vida em movimento, mesmo quando, na maior parte do tempo, estão desorientados, confusos, sem clareza na meta, sem conhecimento do caminho e sem força suficiente para recomeçar o caminho a partir do lugar em que estão.

"Qual é a estrada para ser feliz?", é a pergunta que aparece

> Os jovens procuram por quem lhes ajudem a permanecer vivos, protagonistas da vida em movimento, mesmo quando, na maior parte do tempo, estão desorientados, confusos, sem clareza na meta, sem conhecimento do caminho e sem força suficiente para recomeçar o caminho a partir do lugar em que estão.

como pano de fundo e emerge de todas as tentativas até desastrosas, falidas, cheia de erros, desilusões ou simplesmente das insatisfações de cada jovem.

Quando eles batem à nossa porta, muitas vezes trazem estas perguntas marcadas pelas feridas da vida, acompanhadas da busca de sentido, de um desejo de saber o que são, de colocar ordem, clareza, realização pessoal; porque a vida os feriu com muitas fragilidades e tornou-se insuportável.

A primeira pergunta que eles nos fazem é se estamos dispostas a escutá-los, vê-los, considerá-los, porque são filhos de uma geração sem tempo, sem pai e mãe, sem referências. A contra partida deles é a disponibilidade a saber confiar e a deixar-se conduzir.

Depois desta busca, emerge uma necessidade de serem ajudados a reencontrar a verdade de si mesmos: "quem sou eu?"; "que posso ser?"; "qual é o meu lugar no mundo?"; " a minha vida tem sentido para os outros?"; "alguém se importa comigo?". Muitas vezes, o próprio jovem se identifica com seus próprios erros, com a própria história perdida, com aquilo que não é de fato. Isso gera confusão, alimenta a convicção de que não é importante para ser considerado, para que alguém cuide dele, dedique tempo, escuta e energia para ajudá-lo a crescer.

É assim que essas perguntas de sentido abrem espaço para outra interrogação, mais forte e frágil ao mesmo tempo, aquela que nasce do desejo de descobrir que é amado e pode ainda amar. Amados a partir de uma história que leva consigo uma contrapartida que pode envolver, desde dentro, do contrário, que não é possível ser amado deste jeito, gratuitamente; amados por aquilo que se é não obstante o que foi anteriormente.

Os jovens querem ajuda para aprender a amar a própria historia, para acolher a própria identidade, a própria corporeidade, e ter a coragem de abandonar a imagem ideal de si que na verdade não existe. Quando um jovem, desejoso de fazer um caminho significativo de busca, chega em nossa realidade, procura uma palavra nova para sua vida,

Os jovens querem ajuda para aprender a amar a própria historia, para acolher a própria identidade, a própria corporeidade, e ter a coragem de abandonar a imagem ideal de si que na verdade não existe.

muito diferente daquela que até o momento teve espaço e que não ajudou, procura então, uma outra possibilidade, a beleza perdida ou ainda não conhecida, que pode ver em nossa pobre existência... pobre, porém bela, porque revela o nosso rosto.

Há um desejo de beleza que atrai os jovens, uma beleza que eles não conseguem de principio dar um nome, mas da qual sentem o fascínio, a doçura, a força. Esta força ao mesmo tempo levanta a auto estima e também encontra uma grande fraqueza, ou seja, os limites humanos, que às vezes parece tornar impossível a realização do desejo. Filhos do nosso tempo, caracterizado pela provisoriedade, da falta de pensamento forte, da ausência de uma projetualidade e de valores que façam valer a pena lutar. Os jovens carregam consigo os sinais desta instabilidade, que se revela na incapacidade de pensar a própria vida a partir de um projeto, de fazer escolhas definitivas e serem perseverantes no caminho do discipulado.

A pergunta que surge é uma busca de segurança, de uma estabilidade na qual depositar a escolha, o futuro, muitas vezes marcado de dúvidas e de medos. Medo de serem traídos, desiludidos, rotulados, abandonados, manipulados, de não saber reagir no confronto com o mundo externo, no qual é difícil confiar de forma incondicional.

Os jovens, em geral, têm um olhar limitado sobre o presente, sentem dificuldade em sonhar o futuro, estão habituados a antecipar seus desejos com respostas imediatas, materiais, que saciam o momento, mas desperdiçam a pergunta e deixam uma fome muito mais profunda. Habituados à velocidade das mudanças, às vezes, correm o risco de ver no hoje a realização do amanhã, que, ao contrário, se constrói no tempo. Consequentemente, são pouco atentos à espera, manifestam uma impaciência, muitas vezes dolorosa. Os jovens pedem confiança, pedem de serem sustentados na fragilidade de fé e nas pequenas e grandes escolhas. Pedem de nós a paciência do agricultor, que sabe esperar, e, enquanto espera, cuida e faz crescer, com amor.

Estimulados continuamente por motivos externos, muitos jovens aceitam com curiosidade

a possibilidade do conhecimento sobre si mesmos, porém, caem no risco de se contentarem com um saber superficial, com a ilusão de saber tudo. No caminho de fé, isso acaba sendo um grande limite, porque brota a presunção de conhecer a Deus, sem abrir-se a uma verdadeira experiência de encontro com ele.

Torna-se frágil a coragem de dar uma volta decisiva na vida, fortalecendo hábitos desordenados e mortais. Muitas vezes, vence o medo de atravessar um tempo de passagem entre o modo velho de viver e a nova existência, que desperta o desejo de que tudo seja resolvido velozmente.

Os jovens levam no coração perguntas de totalidade, de radicalidade, de coisas grandes que dêem sentido à vida; querem a possibilidade de dedicar tempo no serviço e na partilha, de poder apostar numa escolha forte, de proximidade. Tem dentro de si um grande desejo de ser um dom para os outros, porém tudo isso vai na contra mão do tempo de férias, da normalidade, dos pequenos passos, das pequenas escolhas de cada dia, que são o caminho através do qual passa o concretamente o dom de si. Os jovens têm muitas perguntas, muitas que estão dentro deles mesmos; a própria existência é uma pergunta de sentido, que não corresponde necessariamente às nossas respostas, mas a nossa atenção, a nossa ajuda para mantê-las latentes, para saber caminhar no presente com um passo no futuro.

"O que chega até nós.... o que acrescenta"

Como fraternidade Franciscana Alcantarina, seguindo o carisma do nosso fundador, Pe. Vicente Gargiulo, que é trabalharmos com a opção vocacional dos jovens, em muitos lugares desenvolvemos um serviço especifico de pastoral juvenil-vocacional. Chegam até nós jovens que oriundos de vários tipos de experiência, de movimentos eclesiais, animadores de oratório, como também jovens sem nenhuma experiência de fé, às vezes até agnósticos, não batizados. Muitas vezes aparecem jovens que queimaram etapas da própria vida e da juventude.

A todos eles anunciamos "a finalidade com a qual foram criados, ou seja, o sentido vocacional". Uma palavra que os ajude a encontrar o modo de amar melhor. Sentimos forte este mandato e vemos durante o ano os frutos na seriedade daqueles que acolhem o anúncio da salvação e se decidem a colocar-se em caminho no conhecimento do

Os jovens levam no coração perguntas de totalidade, de radicalidade, de coisas grandes que dêem sentido à vida; querem a possibilidade de dedicar tempo no serviço e na partilha, de poder apostar numa escolha forte, de proximidade. Tem dentro de si um grande desejo de ser um dom para os outros, porém tudo isso vai na contra mão do tempo de férias, da normalidade, dos pequenos passos, das pequenas escolhas de cada dia, que são o caminho através do qual passa o concretamente o dom de si.

chamado a amar. Os jovens chegam com perguntas existenciais, com forte desejo de compreender suas dores, a frustração diante do futuro.

A crise econômica tem grande influência na vida dos jovens, tornou-se uma crise relacional, uma fonte de conflitos em muitas famílias. Uma geração na qual as figuras de filiação (pai e mãe) são instáveis, inconsistentes, muito mais ainda a figura paterna. Esta referência paterna tornou-se mais frágil no âmbito familiar, e hoje é a figura que provoca maior insegurança. Essa instabilidade de fundo faz com os jovens procurem outros modelos, alienando-os ou gerando relações temporais, que não comprometem e não ajudam a colocar em jogo a própria história, ainda mais quando estão demasiado feridos.

Os jovens, quando chegam, sempre perguntam: "por quê?". Muitas vezes, trata-se de ajudá-los a mudar esta pergunta em: "para quê?", ou, "O que o Senhor quer me dizer?", "Qual significado tem tudo o que estou passado?". Isso é válido porque tudo o que vivemos tem sempre um novo significado, à luz daquilo que é iluminado.

Antes mesmo da questão da fé, os jovens se permitem encontrar pelo amor, o amor crucificado e ressuscitado, que ao ser acolhido é capaz de realizar o reino de Deus em cada etapa da vida, em cada tempo histórico, mesmo nesta cultura de pecado que, às vezes, é profundamente e estruturalmente presente dentro da vida dos jovens. Depois da experiência inicial de libertação, de salvação, depois de ter compreendido que se trata de um bem a acolher, um amor que se deve abraçar e deixar-se amar, nasce no coração o desejo de que a libertação, a experiência de salvação, possa ser para sempre e não relegada a alguns dias da vida ou a momentos particulares.

Os jovens, quando chegam, sempre perguntam: "por quê?". Muitas vezes, trata-se de ajudá-los a mudar esta pergunta em: "para quê?", ou, "O que o Senhor quer me dizer?", "Qual significado tem tudo o que estou passado?". Isso é válido porque tudo o que vivemos tem sempre um novo significado, à luz daquilo que é iluminado.

É o momento em que eles compreendem o significado de ser discípulos de Jesus. Aí começam a chamar "Deus" amor acolhido, "fé" amorosa que desejam viver. É o tempo em que a Palavra, a vida sacramental e os irmãos tornam-se as colunas fundamentais da vida de um jovem. É o tempo em que brotam perguntas sobre a própria vocação, um canal mais livre para se questionar: "Qual é o modo amar melhor para mim?".

Com essa pergunta libertadora surge o medo, porém quando o jovem é acompanhado e ajudado a viver uma relação sempre mais profunda e autêntica com Deus Pai, também o medo torna-se um modo de se conhecer melhor para conhecer a vontade do Espírito Santo que conduz todos os caminhos.

O que se fecha dentro da pergunta fundamental?

Todos nós, que colaboramos com a obra de Deus neste delicado campo vocacional, estamos de acordo em dizer que os jovens e as jovens que se aproximam de nós desejam ver o Senhor! Eles não querem apenas vida plena, desejam felicidade duradoura, certezas e nós somos chamadas a dizer a eles que tudo isto tem um nome: Jesus Cristo! Não porque ele seja a resposta imediata para todas as perguntas, mas é certamente aquele que dá significado a cada uma delas.

No encontro com os adolescentes, percebemos que eles se fecham dentro de fortes emoções; com os jovens, ao contrário percebemos às vezes as grandes desilusões e as dores da vida, é preciso entendê-los para caminhar junto. Dentro de cada um está a mesma pergunta de sentido, de plenitude, de beleza. Precisamos ter a capacidade de ajudá-los a decodificar o nome de Deus neles mesmos e em seus sentimentos e rostos.

Alguns entre eles chegam de uma experiência paroquial com certa intimidade em pronunciar o nome de Deus, mesmo não tendo verdadeiramente encontrado. Eles desejam entender em

que Deus entra na vida deles, se realmente podem encontrá-lo na história familiar difícil, nos erros cometidos por eles mesmos ou por outros, nos acontecimentos às vezes maiores de quanto eles mesmos possam suportar, no absurdo da existência, às vezes frustradas. Estes desejam entender se Deus realmente se interessa por suas vidas e se tudo pode ter sentido.

Todavia, esses jovens, num caso ou outro, se calam e deixam a nós o desafio de mostrar que em nossas vidas de mulheres consagradas, na vida da Igreja, de forma objetiva, está realmente Jesus Cristo e a vida plena, felicidade e significado. Querem ver se há coerência entre o que anunciamos e a vida cotidiana e as escolhas concretas que fazemos. Não se trata de uma vida rígida, guiada pelo dever e coerência, mas uma vida reconciliada com as próprias fragilidades, vivida à luz de Cristo e estimulada pela sua presença até nas lutas e nas contradições. Uma vida capaz de dizer responsavelmente "sim" ou "não" de forma justa, capaz de florescer não como um ser solitário e amargurados, mas em comunhão com os outros; uma vida incapaz de esquecer os outros pela estrada, mas que tenha espaço para todos, sem excluir ninguém, cada um no seu lugar.

Os jovens e as jovens estão dispostos a qualquer sacrifício se o que compreendem é uma possibilidade de vida plena! Tudo isso os move à conversão e os impele à pergunta sobre a vocação, assumindo a responsabilidade por si mesmos. Acompanhá-los com a consciência viva de Jesus Cristo, nenhuma escolha é impossível para eles.

Uma experiência concreta narrada por quem, em Assis, tem as mãos ocupadas!

> *Novamente ele disse: "Com que compararemos o Reino de Deus? Que parábola usaremos para descrevê-lo? É como um grão de mostarda, que, quando plantada, é a menor semente de todas. No entanto, plantada, ela cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, com ramos tão grandes que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra» (Mc 4,30-32).*

Para mim, é sempre mais evidente que a vida de São Francisco de Assis é esta parábola vivida em primeira pessoa. É isto que o Espírito Santo me possibilita

contemplar na vida dos jovens que decidem fazer o caminho de discipulado. Deixar-se acompanhar e colocar os pés frágeis no caminho de Jesus, aprender a contemplar os seus ombros que sustentam a cruz, buscar o seu rosto em todas as coisas. "é o teu rosto que eu procuro, Senhor" (Sl 27). Muitos jovens chegam pela primeira vez a Assis, às vezes convidados por amigos, sem saber o que espera por eles, convencidos de que vão apenas fazer alguns dias de passeios ou fascinados pela bela história de Francisco e desejando conhecê-la mais profundamente.

De qualquer forma. eles chegam, antes ou depois, conscientes ou inconscientes, com resistências, contemplando nos outros também a inquietação inicial e até certo constrangimento por se hospedarem em casa de religiosas. Às vezes, eu penso que, de forma inconsciente eles dizem no coração: "é o teu rosto, Senhor que eu procuro, não escondas o teu rosto", porque quando reconhecem o rosto de Deus na experiência atual, eles erguem o olhar, ficam curados e escolhem de crescer.

Esta súplica, um grito escondido e inconsciente, é a força vital de todos os jovens, daqueles que já estão num processo, de agnósticos, de jovens que já foram provados pela vida, pela história familiar sobretudo; é o grito daqueles que permitiram que o sonho fosse roubado, queimado o futuro com todo tipo de experiências; é a súplica daqueles que sentem o desejo de reavivar a própria fé. Às vezes, parecem pequenos, não de idade mas de consistência, talvez porque caíram na beira da estrada como o grão de trigo.

Um jovem pede a um adulto, de modo particular a um (a) consagrado (a) ou padre, ser ouvido em profundidade no respeito do seu coração carregado de vida e de ideais, um coração às vezes ferido e sangrando, mas com a capacidade natural de aprender, de se predispor a sonhar o futuro e deixar-se recriar pelo amor antes que pela fé. É fundamental colocar-se na escuta desta realidade, desta história, que é aquela de sempre, que procura ser o guardião daquele grão de trigo e impedir que o vento o carregue, na esperança de que chegue o sopro do Espírito Santo e fecunde fazendo crescer.

Algumas vezes, responder a este grito significa apenas esperar e ajudar os jovens a viver esta espera, até que os gritos cessem e o silêncio permita escutar outra vez a Palavra do Pai que procura o filho perdido e que sussurra: "Onde estás?" e você que acolheu o conteúdo do grito, possa somente cuidar e entender que

aquele busca do rosto do Pai encontro na profundidade aquele "onde estás?".

Recordo-me de uma jovem, Francisca, que há dois anos, no final de uma experiência entre nós, num colóquio, disse-me: "são quinze anos que não me confesso, fugia de mim mesma, de alguma coisa, talvez de um deus juiz. Agora sei que Deus é Pai, posso me confessar".

Recordo também da Joana, que depois de cinco dias de curso, com o rosto sempre fechado, nervoso, triste, durante o anúncio do querigma, enquanto eu descrevia esta busca de Deus Pai que mandou o Filho acolher o filho perdido, que descido ao inferno, finalmente abriu um sorriso. Pensei na cruz de Cristo que esmaga a vida... assim aconteceu com ela, como se a força do amor anunciado lhe deu a força de relaxar os nervos e sorrir. Como se uma luz, desde dentro, tivesse sido acesa.

Saber compreender e responder às perguntas profundas que habitam no coração dos jovens não é simplesmente propor experiências, mas ajudá-los a entender o que trazem dentro do coração, o desejo de vida que já está latente neles mesmos. "Servir aos jovens significa considerar-se pobre e jogar para perder, significa escutar. Abandonar as certezas de nosso paternalismo e maternalismo. É preciso urgir-se da discrição para ir ao essencial, deixar curtir no cadinho das lágrimas da partilha, e não naquele da desaprovação para a nossa segurança de pregadores colocados em crise. Ungir os pés dos jovens, não como se fosse prótese dos nossos, mas aceitando com fé que percorram outros caminhos, imprevisíveis, porém não manipulados por nós" (Tonino Bello).

Quando um jovem faz a experiência de ter no adulto uma pessoa capaz de acolher e cuidar de cada fragilidade, graça e pecado, ele se deixa conduzir. É muito bonito ver como a esperança torna-se gosto pela vida em Deus. Depois de tê-lo acolhido na própria fragilidade, torna-se necessário, num acompanhamento pessoal, ajudar os jovens a encontrar a si mesmo e se reconhecer na Palavra de Deus, na Sagrada Escritura, para iniciar a fazer a releitura da própria história como história de salvação, como história abençoada por Deus.

Nessa fase, é necessário compreender que onde há o mal, o sofrimento, a perda está a possibilidade de tornar presente o Espírito Santo que faz novas todas as coisas, deixar entrar pelas próprias convicções existenciais uma coisa que muda desde dentro e que não imaginava que seria possível; que da morte pode nascer a vida. Porque lá onde

Quando um jovem faz a experiência de ter no adulto uma pessoa capaz de acolher e cuidar de cada fragilidade, graça e pecado, ele se deixa conduzir. É muito bonito ver como a esperança torna-se gosto pela vida em Deus. Depois de tê-lo acolhido na própria fragilidade, torna-se necessário, num acompanhamento pessoal, ajudar os jovens a encontrar a si mesmo e se reconhecer na Palavra de Deus, na Sagrada Escritura, para iniciar a fazer a releitura da própria história como história de salvação, como história abençoada por Deus.

há trevas, começará a passar a luz, aonde a pessoa vê somente cacos quebrados, Deus vê o broto de uma reconstrução. Onde "os homens dizem: perda, Deus diz encontro, quando dizem condenado, Deus diz salvação" (Diertrich Bonhoeffer).

Contemplar a obra de Deus na vida desses filhos converte o coração. Ver irmãos mortos que retornam à vida somente porque crêem que Deus é Pai e cuida de todos e não deixa que nenhum se perca, é um antidoto contra a incredulidade. Posso dizer com certeza que não há tempo, nem história e nem cultura que possa impedir ao pai de realizar o seu Reino. Este tempo histórico, esta cultura de pecado que é profundamente e, às vezes, estruturalmente dentro da vida dos jovens, não tem força vital; em vez disso, há o amor crucificado e ressuscitado quando é acolhido e abraçado.

Ser consciente de que a todos é anunciado que "o fim principal com o qual Deus criou, isto é a vocação, é dar a possibilidade a cada um, da melhor forma, a oportunidade de chagar a ela santamente" (Cf. Constituições das irmãs franciscanas Alcantarine, 1874, n. 1); torna-se importante verbalizar a meta, na catequese, no acompanhamento. Seria muito bom ouvir falar da vocação, sem moralismo, até mesmo nas homilias. Anunciar com franqueza que há uma meta possível a todos e que todos somos chamados a amar, em todas as condições, dentro de um projeto vocacional. Quando o coração se abre a possibilidade de vida plena, com liberdade, muda o processo, porque não é possível fechar a possibilidade de entender de que se está a salvo; o amor recebido e acolhido não é para fechar a pessoa, mas para aprender a doar. Quando uma pessoa experimenta a salvação, a libertação e decide vivê-las

todos os dias, nasce então no coração a urgência de experimentar esta liberdade na relação, no trabalho, no enamoramento, na missão. Isto acontece quando a Palavra torna-se vida, quando o cotidiano deseja comunicar-se com a vida eterna. É assim que nos tornamos discípulos.

Nessa fase do caminho tudo se torna aprendizagem porque o discípulo é aquele que compreende que aprende a amar. O discipulado, de fato, nasce do anúncio recebido, que cava os desejos mais profundos do coração. Estes desejos dão contorno ao sonho do qual também papa Francisco partiu no encontro com os jovens no dia 11 de agosto de 2018, citando o próprio Francisco de Assis: este pequeno e grande homem que foi, para seu tempo, um jovem ousado e corajoso, permanecendo humilde e último entre todos. Esta escolha não é feita apenas como sobrevivência, mas de vida plena e profunda. Não se trata somente de ser coerente com as próprias convicções, mas de sobrepor as aspirações com o discernimento devido de quem acompanha o processo.

Recordemos que é Francisco que escolhe abraçar o leproso; é o discípulo que escolhe de escutar a voz do mestre e lançar a rede para a outra margem; são os dois de Emaús que de decidem a voltar a Jerusalém; é Maria Madalena que atravessa a noite para andar à tumba do Senhor. É a semente que começa a germinar aqui. É Paulo que, recuperada a visão, pede o batismo. O batizado é um discípulo.

> Quando o coração se abre a possibilidade de vida plena, com liberdade, muda o processo, porque não é possível fechar a possibilidade de entender de que se está a salvo; o amor recebido e acolhido não é para fechar a pessoa, mas para aprender a doar. Quando uma pessoa experimenta a salvação, a libertação e decide vivê-las todos os dias, nasce então no coração a urgência de experimentar esta liberdade na relação, no trabalho, no enamoramento, na missão.

Nesta fase, é preciso fazer como Ananias fez com Paulo, que num mandato até incompreensível e delicado, o fez colaborar da Palavra do Pai para que Paulo realizasse a obra para a qual fora chamado. "Vai, porque ele é para mim um instrumento eleito para levar o meu nome diante dos povos, aos reis e aos filhos de Israel" (At 9,15). Ananias abre

os olhos de Paulo e o batiza. E Paulo naquele momento não se limitou nunca, não podia parar diante do anúncio de Cristo que lhe aquecia por dentro.

O evangelista João, o discípulo jovem, sabia que estas palavras confirmam o potencial de uma vida na plenitude de sua vida. Os jovens sabem escutar, e quando anunciam a própria vida, são dispostos a escutar por horas. É necessário falar a eles com franqueza, com parrésia. Não é verdade que não buscam a Deus, procuram incansavelmente o seu rosto, a verdade, a vida, o caminho. Desejam ter a coragem de ousar, a saber encontrar e podemos fazer nós mesmos quando nos deixamos encontrar.

Conclusão

Quando um jovem aprende a ser filho, a chamar a Deus de Pai e a viver como irmão, quando escolhe de ter como meta o Evangelho e a alcançar a comunhão vital nos sacramentos, torna-se "como uma árvore planada à margem do rio que dará fruto ao seu tempo (Sal 1). Este é Francisco de Assis, árvore que dá sombra a todos e cujos frutos ainda nutrem a história.

É muito bonito viver neste tempo no qual a Igreja está interrogando e deixando-se interrogar pelos jovens, é bonito estar em união com o corpo das irmãs Franciscanas de Alcantarine, tendo recebido este mandato do nosso fundador que numa outra época tinha intuído que a vida nova pudesse respirar do coração jovem da história.

Esta intuição é clara nas palavras do padre Tonino Bello recordado acima, e é clara na inspiração do papa Francisco em ter dedicado um Sínodo aos jovens, não tanto para analisar o problema, mas para compreender como ser Igreja sempre jovem na história.

> *"O mestre, recostado aos pés de João, o mais jovem do grupo, é o ícone esplêndido de tudo que deveria ser a Igreja, convidada por aquele gesto a considerar os jovens como últimos" (Pe. Tonino Bello).*

Para refletir

1. Você é capaz de acolher e compreender os jovens que hoje batem à porta de sua comunidade?
2. Como libertar-se dos preconceitos que anulam muitas vezes o saber acolher os jovens?

CULTIVAR A MÍSTICA PROFÉTICO-SAPIENCIAL

Fr. Moacir Casagrande, OFMCap

Resumo

Aprofecia e a Sabedoria são vertentes da relação na qual a pessoa, tomada por Deus, se faz mensageira da sua Palavra (cf. Is 6,6-8; Jr 2,1-2). Na História da Salvação é perceptível a busca de uma mística profética e sapiencial que alimentava à fé do Povo e seu protagonismo. Hoje, com a espantosa velocidade, estamos também sedentos desses elementos da profunda relação com Deus e com a história. Não é hora de nos voltar ao umbigo, mas levantar a cabeça, observando o caminho realizado e sonhar com o futuro.

Palavras-chave: mística, sabedoria, profecia, mistério.

Introdução

Este tema foi escolhido como primeira prioridade, durante a XXV Assembleia Geral Eletiva da CRB nacional, válida para o triênio 07/2019-07/2022. Elegemos a mística profético-sapiencial cientes de que os grandes desafios que enfrentamos no mundo atual, serão superados e solucionados com pequenos e efetivos gestos de amor, atuados em cada situação concreta do nosso dia a dia.

Percorrendo a História da Salvação, pela Sagrada Escritura, percebemos que cada situação histórica provocou a descoberta e o exercício de uma mística adequada para que o povo pudesse continuar o fiel protagonismo do

Espírito originário. Cada período recebeu um nome com a aplicação de uma estratégia correspondente: Mística Exodal, Profética, Deuteronômica, Sapiencial, etc.

Hoje não é diferente, a realidade continua desafiando. A Vida Religiosa Consagrada tem procurado uma mística para estar viva e ativa, superando desafios que os tempos vão suscitando e aproveitando as oportunidades que os mesmos oferecem. Nas três últimas décadas do século passado, insistimos na mística profética, chamando a conversão das estruturas e das pessoas de modo a perseverarmos na proximidade com os pobres e excluídos, em vista de uma sociedade mais justa e solidária. Já no final do milênio, voltamo-nos para a mística sapiencial, insistindo mais na percepção da manifestação de Deus no cotidiano, buscando inspiração e rezando os acontecimentos ordinários.

O novo século/milênio nos colocou numa velocidade espantosa. As mudanças, nem tanto novas, quanto envolventes, impelem na busca de uma síntese da Profecia com a Sabedoria para perseverar atentamente em ações cotidianas de sobrevivência. Isto, porém, organizado de tal forma, que possamos encarar as adversidades, que tendem a se agigantar, diante da nossa simplicidade e escassez recursos. Lamentar por que somos poucos, pequenos ou sem forças, assustados com o tamanho dos desafios, não é o caminho de quem se consagrou ao Senhor e à sua obra. Observando o caminho já feito por nossos antepassados e as respostas, por eles encontradas, queremos nos posicionar hoje da melhor forma possível.

Cultivar a mística. Mística é uma palavra relativamente nova, não encontramos nos textos bíblicos, mas encontramos na Bíblia a palavra mistério. Por ela adentramos ao sentido da mística que nos interessa. É importante ter presente que com advento do racionalismo e as chamadas certezas científicas, muitas vezes tem se colocado em contradição o mistério e a razão. Essa mentalidade racionalista tem demonstrado um certo desprezo pela dimensão mistérica da realidade. Assim me refiro, pois, o mistério faz parte da realidade. Por outro lado, também tem se exagerado ou fantasiado o mistério, a virtude está no equilíbrio, na sensatez.

A verdadeira realidade é composta por várias dimensões, vai além de tudo o que já experimentamos, comporta sempre mais, porque guarda em si a ligação com a origem. A chamada ciência religiosa caminha, às vezes, sobre o tênue fio da razão e da mística, ora descambando para a fantasia, ora trancando-se na experiência repetitiva, quando

não obsoleta. A vivência mística é dinâmica, única e sempre nova, como a seiva que ativa a nutrição da planta, como o sangue que possibilita o movimento da vida. A experiência do mistério não se repete, a inserção nele não se esgota, é infinita.

Mistagoga é a pessoa que ajuda alguém a inserir-se no mistério para atuar nele sua própria vivência. O aprendiz não faz a experiência de quem ensina, mas com a ajuda de quem ensina, o aprendiz precisa exercitar sua vivência pessoal. A narrativa da vivência do mistério feita por cada pessoa, contribui para que as ouvintes possam aprofundar a própria vivência.

Mistério

Os evangelistas Sinóticos nos dão conta de uma declaração de Jesus aos discípulos, por ocasião de um importante ensino, "Os discípulos se aproximaram de Jesus e disseram: Por que lhes falas em parábolas? Ele respondeu: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, ao passo que a eles não" (Mt 13,11; Mc 4,11; Lc 8,10). A parábola é uma comparação na qual são usadas as coisas conhecidas da terra para dar uma ideia do que é o infinito, o céu. Jesus usa a parábola para fazer o anúncio e usa a catequese para fazer o aprofundamento aos interessados. Se o anúncio desperta interesse, a pessoa se abre ao aprofundamento e nele se detém. Se não desperta interesse, a pessoa não se aplica ao aprofundamento. É neste ponto que se passa do encantamento para o engajamento, pois, o engajamento só é possível para quem se aprofunda, para quem mergulha no mistério. É o mergulho no mistério que alimenta uma espiritualidade consistente. Assim, ao ser tocada pelo mistério, a pessoa precisa se abrir e deixar-se tomar por ele. Não basta gostar, é necessário se aplicar. Não há força e perseverança mística sem protagonismo pessoal.

Percorrendo a História da Salvação, pela Sagrada Escritura, percebemos que cada situação histórica provocou a descoberta e o exercício de uma mística adequada para que o povo pudesse continuar o fiel protagonismo do Espírito originário. Cada período recebeu um nome com a aplicação de uma estratégia correspondente: Mística Exodal, Profética, Deuteronômica, Sapiencial, etc.

É nessa linha que caminha a instrução de Paulo à Igreja de Éfeso. "É pelo sangue de Cristo que temos a redenção e a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que ele derramou profusamente sobre nós, abrindo-nos a toda a sabedoria e inteligência, nos fez conhecer o mistério da sua vontade... para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo, encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra" (Ef 1,7-9).

O que se diz aqui? Que o mistério de Deus está presente, concretamente na pessoa de seu Filho Jesus, o Cristo. Que Cristo nos torna acessível o mistério de Deus e nos insere nele. Que nesse mistério prevalece uma dimensão impensável para a humanidade, mas transbordante em Deus, que é a gratuidade. Ninguém merece o sangue de Cristo. Ele toma a iniciativa de oferecer gratuitamente, em sua humanidade, de modo humano e divino ao mesmo tempo, pois Deus não cria coisa alguma para a ruina e sim para a plenitude. Entrar no mistério de Deus atuado por Cristo, é se deixar tomar pela nova prática da liberdade na gratuidade, totalmente solidária com a evolução das criaturas rumo a plenitude querida por Deus. Em Cristo, Deus escancara, na história, com seus altos e baixos do dia a dia o caminho da salvação total.

O autor de Efésios continua aprofundando seus destinatários na compreensão do mistério revelado em Cristo, "Por revelação tive o conhecimento do mistério.... Este mistério Deus não o deu ao conhecimento das gerações passadas, como acaba de revelar agora pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas: os pagãos são admitidos à mesma herança, membros do mesmo corpo e associados à mesma promessa, em Jesus Cristo, por meio do Evangelho. Disto eu fui feito ministro pelo dom da graça que Deus me concedeu" (Ef 3,3-8 e Cl 1,26-27).

O que ele nos diz? Primeiro, que cada tempo tem seu aprofundamento na revelação dos desígnios de Deus. O tempo agora está maduro. Segundo, que a ação de Cristo nos fez saber que o amor salvífico de Deus é para todas as pessoas, não apenas para os que buscam ou esperam. Trata-se de uma justiça inclusiva e não excludente. Nela prevalece a salvação aberta a todos os que quiserem. Importa acolher e acionar a graça dentro de si, no seu modo de ser e de viver, prevalecendo nela.

O mistério é que Jesus não veio dar razão a uns e excluir a outros, Ele veio chamar a todos e a todos oferecer abundância de graça. A verdade é que em cada um de nós atua aquilo que se cultiva. Quem abraça a graça, multiplica

Mistagoga é a pessoa que ajuda alguém a inserir-se no mistério para atuar nele sua própria vivência. O aprendiz não faz a experiência de quem ensina, mas com a ajuda de quem ensina, o aprendiz precisa exercitar sua vivência pessoal. A narrativa da vivência do mistério feita por cada pessoa, contribui para que as ouvintes possam aprofundar a própria vivência.

a graça e caminha na liberdade, mas quem se foca na vingança ou no vitimismo, multiplica o que cultiva e disso se torna escravo.

Por fim, o autor nos faz saber que tem consciência de que foi chamado, sem nenhum mérito ou privilégio para servir o dom que Deus lhe concedeu. Não só revelar, mas servir. Ora, servir implica dar a si mesmo no exercício da missão. Tomado pela gratuidade, ele se torna uma pessoa aberta, acolhedora, inclusiva, universal, a serviço da unidade na diversidade, a serviço da comunhão que só é possível em Cristo Jesus. Como bem expressou o apóstolo em sua vivência mística, "Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2,20).

A missão de Cristo é unicamente a salvação de todos (cf. Jo 3,17), mas ela precisa da adesão de cada pessoa ao nível que cada uma pode alcançar (cf. Jo 3,18-19). Deus completa o que falta depois de cada um ter dado o que pode.

Relação mistérica

Tratando da união esponsal, o autor de Efésios remete à relação de Cristo-esposo com a Igreja-esposa e afirma, "É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja" (Ef 5,32). A união matrimonial é figura que remete à união dos membros da Igreja: os cristãos com o Cristo, formando um só e único corpo, no qual todos são redimidos, salvos e plenificados. Assim, ser cristão é participar do mistério de Deus revelado em Cristo, o que implica abertura e adesão aos demais membros, formando com eles um só corpo, tendo Cristo como única cabeça. Algo difícil, mas certamente possível para quem se entrega ao mistério de Deus e cultiva essa entrega. Não se trata de repetir fórmulas, mas de se abrir para dinâmica criativa do Espírito pelo elo original, que

possibilita a comunhão dos diferentes, conservando cada um no seu próprio, porém, enriquecido com o que recebe do outro.

O mistério não se esgota, sua riqueza é infinita. A disposição para progredir e aprofundar-se nele precisa ser sempre ativada. Há sempre mais a aprender, usufruir, oferecer, partilhar. É a respeito disso a ordem de Jesus dada a Pedro: Avance para águas mais profundas (cf. Lc 5,4). Difícil encontrar algo valioso exposto na superfície. É preciso mergulhar na profundidade do mistério.

Reportando-se aos Colossenses, o apóstolo diz, "Quero que saibais como é grande a luta em que me empenho por vós... para que sejam confortados seus corações, unidos no amor, e para que eles cheguem à riqueza da plenitude do entendimento e à compreensão do mistério de Deus, no qual se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do entendimento" (Cl 2,1-2). A oferta dessa inesgotável riqueza é bondade do Pai, atuada em seu Filho Jesus Cristo à espera da nossa adesão. O que Ele nos oferece é sempre vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Mística Profética

Profeta ou a profetiza bíblica é quem fala em nome do Deus que se revelou a Moisés, aquilo e somente aquilo que Ele manda dizer e fala diretamente às pessoas interessadas. Profetizar, na bíblia, é anunciar diante das pessoas que precisam ouvir, o que elas precisam ouvir para si e para os que fazem parte de sua história. O profeta não anuncia o que ele quer, mas o que Deus manda dizer.

A verdadeira profecia, a que vem do Deus de Jesus Cristo, não é trágica, ela sempre aponta soluções. O profeta ou a profetisa que não aponta siadas criativas, positivas, regeneradoras, não vem do verdadeiro Deus. Basta ver o que se diz em Segundo Samuel (7,1-17). Natã profetiza a Davi sem consultar o Senhor, "Vai e faze o que teu coração diz, porque o Senhor está contigo" (2Sm 7,3). Em seguida, Natã tem que desfazer a profecia: "Vai

O mistério é que Jesus não veio dar razão a uns e excluir a outros, Ele veio chamar a todos e a todos oferecer abundância de graça. A verdade é que em cada um de nós atua aquilo que se cultiva. Quem abraça a graça, multiplica a graça e caminha na liberdade, mas quem se foca na vingança ou no vitimismo, multiplica o que cultiva e disso se torna escravo.

dizer a meu servo Davi: Assim fala o Senhor: Construirás tu casa em que eu venha habitar? Em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir do Egito os israelitas até o dia de hoje, mas andei em acampamento, errante de baixo de uma tenda e um abrigo..." (2 Sm 7,5-6).

A vontade do rei Davi e a confirmação do profeta Natã, aqui, nada tem a ver com a vontade de Deus. Natã é verdadeiro profeta, mas sua profecia é falsa, por que se resume a interesses humanos, não condiz com a vontade divina. O cultivo da mística que vem de Deus não se refere a Ele fazer a nossa vontade, mas que nos deixemos tomar pela realização da Sua vontade. Uma mística focada na realização da nossa vontade não corresponde ao ensino de Jesus na oração do Pai Nosso (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Talvez esteja aqui a dificuldade de nos tornarmos fonte que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,13-14). Aí está o segredo, jorrar sem se esgotar só é possível na comunhão com Cristo (cf. Jo 4,13-14).

Cada profeta tem sua vivência e seu resgate

Enquanto Natã se excede, Jeremias se encolhe. O profeta precisa acreditar no chamado e na missão a ele confiada. Jeremias diz: "Ah! Senhor, eu não sei falar, porque sou ainda criança" (Jr 1,6). O Senhor, porém, diz a Jeremias, "Não digas: sou jovem demais. Para onde eu te enviar, irás; tudo o que eu te ordenar falarás" (Jr 1,7). Jeremias experimenta o dom. "Estendendo sua mão, o Senhor tocou minha boca e disse: Eis, eu ponho minhas palavras em tua boca" (Jr 1,9). A verdadeira profecia não é uma força ou inspiração pessoal independente, mas força ou inspiração de Deus oferecida por ele e acolhida pela pessoa chamada.

> Assim, ser cristão é participar do mistério de Deus revelado em Cristo, o que implica abertura e adesão aos demais membros, formando com eles um só corpo, tendo Cristo como única cabeça.

Em Isaías, vemos o contraste: por um lado a disponibilidade do profeta, por outro uma missão que implica ainda mais a resistência dos destinatários. O Senhor clama, Isaías escuta e se dispõe: "Ouvi a voz do Senhor que dizia: A quem hei de enviar? Quem irá por nós? Então eu disse: Aqui estou, envia-me! Ele disse: vai" (Is 6,8-9). Esta é a missão, "embota o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, tapa-lhe os olhos para que não

veja..., não ouça..., não compreenda, não se converta e não seja curado" (cf. Is 6,10). Está claro aqui que a obediência prestada a Deus não é garantia de sucesso para o seu enviado, porque não depende só de um lado, nem do intermediário. A insistência de Deus foi desconsiderada no coração dos destinatários. A missão parece resultar sem efeito, mas o Senhor o enviou a pregar e Isaías obedeceu.

Ao profeta Oséias, o Senhor pede mais que uma fala, ele precisa se doar. O Senhor disse a Oséias, "Vai, toma para ti uma mulher que se entrega à prostituição, e filhos de prostituição, pois a terra se prostituiu continuamente, afastando-se do Senhor" (Os 1,2). A mística profética se alimenta da mais profunda confiança no Senhor, de uma consistente intimidade com ele, ao ponto de abrir mão total de si mesmo. Quem se dá ao resgate arrisca perder-se. Aqui o profeta não está somente implicado no anúncio, mas na entrega de si mesmo a fim de que a conversão, o resgate, aconteça.

O Senhor oferece capacitação para exercitar a profecia para Ezequiel, "Ele disse: Filho do homem, come este livro, depois irás falar à casa de Israel... Eu o comi, na minha boca ele tinha a doçura do mel" (Ez 3,1-3). Conforme o ditado: Deus não chama os capacitados, mas capacita os chamados.

A obediência faz abrir mão da opção pessoal. Amós declara ao sacerdote Amasias, "Eu não sou profeta, nem filho de profeta, era vaqueiro, cultivava sicômoros, mas o Senhor me tirou detrás do gado e me disse: Vai! Profetiza a Israel, meu povo" (Am 7,14-15).

O escritor da segunda carta de Pedro assegura-nos o verdadeiro alcance da profecia, "Antes de tudo ficai sabendo que nenhuma profecia da Escritura resulta de interpretação particular, pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mas homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus" (2 Pd 1,20-21).

Jesus é o profeta. Reconhecido pela Samaritana, "Vejo que és um profeta..." (Jo 4,19). Percebido pelo povo que comeu o pão à beira do mar da Galileia, multiplicado por ele, "Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo" (Jo 6,14)! Aclamado em sua entrada em Jerusalém. A cidade se agitava e perguntava: "Quem é este? As multidões respondiam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia" (Mt 21,10-11). Reconhecido e glorificado diante da ressurreição do jovem de Naim, "Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo" (Lc 7,16).

O próprio Jesus acusa, segundo Mateus, a incapacidade que

ouvintes tem de acolherem a sabedoria e a profecia de Deus, "Serpentes! Raça de víboras! Como haveis de escapar ao julgamento da geena? Por isso vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis, a outros açoitareis em vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade" (Mt 23,33-34). Mostra, porém, como é simples e cotidiano o cumprimento dos desígnios de Deus. "Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7,12).

Mística Sapiencial

Os conselhos dos sábios da antiguidade são de caráter moral, isto é, dizem respeito aos comportamentos relativos a vivência social, tais como: sinceridade, moderação, bom senso, castidade, cortesia, honestidade. Isso demonstra a dimensão prática da sabedoria em Israel, ela indica habilidade em agir, em tratar as relações com as pessoas e com as coisas. Os livros de Provérbios e Eclesiástico trazem boa parte dessa sabedoria.

A sabedoria. em Israel, traz uma particularidade, um componente de fé relacionado a Iahweh, necessário para a boa harmonia e boa vivência, mas que não se impõe. A sabedoria se oferece precisa, porém deve ser acolhida e assumida com grande aplicação (cf. Eclo. 6,18-37).

A sabedoria dom de Deus, "É Iahweh quem dá a sabedoria: de sua boca procedem o conhecimento e o entendimento" (Pr 2,6). "Feliz o homem que encontrou a sabedoria, que alcançou o entendimento. Ganhá-la vale mais do que a prata e seu lucro mais que o ouro" (Pr 3,13-14). "Iahweh fundou a terra com sabedoria e firmou o céu com o entendimento. Por seu conhecimento foram abertos os abismos e as nuvens destilaram o orvalho" (Pr 3,19-20). "A Sabedoria é mais móvel que qualquer movimento e, sua pureza tudo atravessa e penetra... Pois, ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade" (Sb 7,24.26). " Por causa dela alcançarei a imortalidade, à posteridade legarei lembrança eterna.... A imortalidade está no parentesco com a Sabedoria" (Sb 8,13.17).

Salomão pede sabedoria para governar o povo de Deus, "Por mais perfeito que seja alguém entre os filhos dos homens se lhe falta a Sabedoria que vem de ti, de nada valerá" (Sb 9,6). "Contigo está a Sabedoria que conhece tuas obras, estava presente quando fazias o mundo; ela sabe o que é agradável a teus olhos e o que é

conforme aos teus mandamentos. Dos céus sagrados, envia-a, manda-a de teu trono de glória para que me assista nos trabalhos, ensinando-me o que de fato te agrada" (Sb 9,9-10).

Cristo é a Sabedoria

A sabedoria encontra seu cumprimento em Jesus Cristo, Ele é a excelência da sabedoria. Jesus proclama ao povo cansado, "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas" (Mt 11,29). Bem como a sabedoria clamou ao povo do Antigo Testamento, "Aproximais-vos de mim ignorantes, entrai para a escola.... Abro a boca para falar: comprai-a sem dinheiro, colocai o vosso pescoço sob o seu jugo, recebam vossas almas a instrução, ela está perto, ao vosso alcance" (Eclo 51,23-26). **Há uma sabedoria escravizadora, propriedade dos que a usam em favor de si mesmos buscando vantagens sobre os demais. Há uma sabedoria libertadora, que conduz à plenitude da realização, oferecida a todos, por Cristo (cf. Lc 11,49-54).**

A sabedoria de Deus se manifesta no escândalo da cruz, na paciência e perseverança de uma entrega sem medida em favor da causa de Deus, que é a plenitude de todos os bens, só experimentada e vivida em Deus, possível na condição humana do presente histórico. Nisto, o apóstolo Paulo instrui os cristãos de Corinto, "Visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem. Os judeus pedem sinais, os gregos andam em busca da sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gregos, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus quanto gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens" (1 Cor 1,21-25). Para viver a novidade de Cristo é absolutamente necessário mudar o paradigma. O sábio não se esquiva, não foge, ele encara e transforma.

Continua Paulo, "É realmente uma sabedoria que ensinamos aos cristãos adultos, sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, votados à destruição. Nós ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa, escondida, que Deus, antes dos séculos destinara para a nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu, pois as a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (1 Cor 2,6-8).

A sabedoria é dom derramado no sangue de Cristo (cf. Ef 1,7-8). A sabedoria de Deus é multiforme, não é estática, petrificada, mas dinâmica, vivificante (cf. Ef 3,10). A Sabedoria é Cristo, por isso, cuidado com as sabedorias que não se encaixam na vida e pregação Dele. Sábio é o que está ligado à fonte e se relaciona com ela de forma a receber sempre água viva (cf. Cl 2,8-10; Jo 4,10.13-14). Sabedoria é dom que precisa ser pedido a Deus (cf. Tg 1,5). "A sabedoria do alto é, antes de tudo pura, depois pacifica, bondosa, conciliadora, cheia de compaixão e de bons frutos, simples e sem disfarce" (Tg 3,17). Importante fazer uma relação a antítese da sabedoria em Tiago (3,14-16).

Dimensão popular da Sabedoria

Para uma compreensão popular da sabedoria na bíblia precisamos considerar o sentido de várias palavras que hoje usamos: sábio, sabido, inteligente, estudado, culto, sensato, conselheiro, esperto etc. Estudado e culto são pessoas que frequentaram escola e nela adquiriram conhecimento, os demais podem ter frequentado escola ou não. Tais qualidades são um aprendizado da vivência do dia a dia, estabelecido nas relações e nas observações dos fenômenos e acontecimentos dos quais as pessoas participam de alguma forma. O que distingue o sábio do sabido é o interesse de aplicação da sabedoria. Enquanto o sábio coloca a sabedoria a serviço do bem comum, o sabido a coloca a serviço de si mesmo, tirando vantagens sobre o conhecimento que adquiriu. Sábia é uma pessoa que vive e age em comunhão com Deus, que partilha a graça e os dons que dele recebe. Sabida é uma pessoa egoísta, interesseira, aproveitadora, que usa os dons de Deus em função de si mesma.

A sabedoria é invisível, mas presente em tudo, como Deus, não tem fronteiras, nem cercas, está em tudo; é para todos. Ela sempre esteve no mundo, desde a sua origem e continuará até o fim dos tempos. Os livros sapiências nos apresentam o agir de Deus no dia a dia das pessoas, de modo simples e concreto.

Profecia com Sabedoria

O cultivo da mística profético-sapiencial é um caminho alargado para nos manter ligados aos sinais do Espírito, que se manifesta tanto no pão nosso de cada dia, quanto nos extraordinários eventos de povos nações e do planeta. Um texto iluminador para o que aqui estamos

A sabedoria de Deus se manifesta no escândalo da cruz, na paciência e perseverança de uma entrega sem medida em favor da causa de Deus, que é a plenitude de todos os bens, só experimentada e vivida em Deus, possível na condição humana do presente histórico.

propondo é a narrativa sobre as atitudes do profeta Elias (cf. 1 Rs 19,1-19). Surpreendentemente ele constata que Deus não se encontra nos fenômenos grandiosos ou terríveis como: o furacão, o terremoto ou o fogo devastador, até então ensinados (cf. 1 Rs 19,11-12). Deus o toca, sim, na brisa suave do amanhecer (cf. 1 Rs 19,12-13).

O envolvimento de Elias com a purificação do Culto em Israel levou-o ao confronto e a matança dos profetas de Baal/ídolo, mas isso não lhe garantiu a vida. A vida ele só encontrou quando se entregou à suavidade de Deus, aprendendo que Deus não depende de uma pessoa para conduzir sua causa, mas conta com muitas, se possível, com todas as pessoas, a partir das que a ele mais se confiam. "Eu poupei em Israel sete mil homens, todos os joelhos que não se dobraram diante de Baal/ídolo e todas as bocas que não o beijaram" (1 Rs 19,18). Quem são essas pessoas que Elias não tomou conhecimento? Ele disse a Deus que estava sozinho (cf. 1 Rs 19,9.14). Agora Deus responde que sete mil homens permanecem fiéis em Israel. Tais homens são os que andaram na simplicidade do coração, no dia a dia, no caminho de Deus, fazendo tudo o que estava ao seu alcance.

Esta mesma suave presença podemos constatar nas bodas em Caná (cf. Jo 2,1-11). A presença de Maria e Jesus na festa, misturada aos demais convidados, não faz barulho, mas leva a um final feliz. O vinho vem da qualificação da água, colocada nas talhas, por ordem de Jesus. Acontece de modo tão silencioso que a maioria dos presentes nada percebe. Eis porque somos convocados a nos entregar ao serviço do Deus que faz maravilhas, na simplicidade do cotidiano, como expressões de ternura e firmeza, serenidade e vigilância, disponibilidade e iniciativa, aproximação e respeito, misericórdia e justiça, descobrir os sinais do Espírito e a ele nos aplicar.

Conclusão

No estudo bíblico, sempre se distinguiu a dimensão sapiencial como relacionada ao indivíduo-pessoa e a profética relacionada à comunidade-povo-nação, mas a distinção não é assim tão rígida, pois, embora encontramos críticas aos sábios (cf. Jr 8,9; 9,22-23) encontramos sabedoria nos profetas (cf. Jr 31,29-30; Ez 18,2-20). A relação com o divino, na acolhida e no serviço, é o laço da sabedoria com a profecia.

A profecia é uma das vertentes dessa relação na qual a pessoa, tomada por Deus, faz-se mensageira da sua Palavra (cf. Is 6,6-8; Jr 2,1-2), prevalentemente focada no anúncio de algo para o bem de quem o recebe, seja por exortação, advertência ou convocação.

A sabedoria caracteriza o modo de Deus fazer as coisas e conduzir os processos na criação e na história (cf. Sb 3,19-20). Na profecia se obedece a inspiração divina, na sabedoria se observa (contempla) a relação do divino.

Cultivar algo é torná-lo fecundo, capaz de suscitar novidades significativas nas várias dimensões da vida. Retomar quem somos e tratar com simplicidade as questões do tempo demonstra sabedoria, construir um diálogo para respostas ao tempo presente também faz parte dessa mística. Sabedoria é a descoberta do Deus no cotidiano, dos milagres domésticos, a profecia é do impacto, do chegar juntos, frente a frente, da conversão, o momento e o lugar de atuação de cada um (Profeta e Sábio) no projeto de Deus exige discernimento. Quem cultiva a mística consegue.

Mística é o que nos põe em relação com o Mistério e se caracteriza também por uma atitude-postura expressa por ações e reações também corporais, de ternura, serenidade, acolhida, compreensão, etc. Atitude que expressa a disponibilidade para cultivar essa relação de reciprocidade, gratuidade e comunhão.

Para refletir

1. Em que esse artigo ajudou na compreensão da mística profético-sapiencial?
2. Em que contribuiu para identificar a mística que você cultiva?
3. Como e em que podemos contribuir para o fortalecimento de uma vida mística em nossos dias?

CONVERGÊNCIA • ANO LV • Nº 530 • AGOSTO • SETEMBRO • OUTUBRO DE 2020

SEM SAUDADE DO PASSADO, AMAR O QUE SE É

José Maria Guerrero, sj[1]

Resumo

Cuidar de religiosos na terceira idade e de enfermos é um serviço importante que suscita um estilo de vida que, necessariamente, exige otimismo, esperança e dedicação, superando as dores do tempo e sabendo dar um sentido novo à própria existência. Este artigo é fruto de anos de dedicação aos religiosos idosos e um aprendizado marcado pelo discipulado à luz de Jesus que foi, é e será sempre o Senhor da história, o oleiro que ao longo da vida molda seus amigos .

Palavras-chave: Envelhecimento, maturidade, sofrimento, oração

Introdução

Quero iniciar esta reflexão com uma breve anedota que me marcou para sempre e que me abre a

1 Padre José Guerrero é membro do conselho diretivo da Revista "Testimonio", espanhola. O artigo foi publicado na língua original em 2010, n.238, pgs. 22-32, com o título: *No añorar lo qui fui, sino amar lo que soy. Se envejece somo se vive.* A tradução italiana é do padre Giuseppe Rossi, fmi, publicado na revista "vitaconsagrata", anno 2, XLVIII, marzo-aprile 2012, pgs. 168-178. A tradução para o português padre João Mendonça, sdb.

porta para adentrar no misterioso mundo dos idosos. Os meus avós maternos eram muito idosos, todavia não se cansavam de olhar um para o outro: certamente comunicavam muita coisa num silêncio contemplativo e alegre, impregnado de intimidade e afeto.

Minha avó, com os seus 82 anos, sabia se comportar com muita elegância como se os anos não pesassem: era capaz de sonhar, sua palavra era terna e o ânimo musical. O vovô, por sua vez, era tranquilo, reflexivo, cheio de sabedoria e cordialidade pacificadora. Por isso, foi síndico durante muitos anos de um conjunto de apartamentos em Alcarria onde morávamos. A palavra do senhor Simão, nome do meu avô, era acolhida quase como um dogma de fé pelos 169 habitantes daquela cidade. Seu conselho, sempre discreto e de bom senso, era apreciado por muitos quando apareciam problemas ou preocupações. Com as mãos calejadas de camponês, com 84 anos, tocava violão para manter-se alegre. Aprendeu quando jovem, era autodidata, um Andrés Segovia em miniatura[2]. Era um homem maravilhoso, o meu melhor amigo. Desta história inicio a minha admiração e gratidão pelos mais idosos. No entanto, percebi que nem todos os idosos eram como meus avós, porém, muitos sim.

2 Andrés Segovia (1893-1987), considerado o "pai do violão erudito espanhol".

Na minha vida religiosa de jesuíta entrei em contato com muitos religiosos idosos e conservo, como uma forma de gratidão, o sorriso e a serenidade de muitos, inclusive daqueles que já partiram para a casa do Pai. Eu os vi serenos, realizados, felizes de terem vivido toda a vida no serviço incondicional e generoso a Deus e aos irmãos. Tive também o privilégio de ser superior durante seis anos de uma comunidade numerosa, com mais de 30 irmãos, entre os quais um grupo de idosos, porque aquela comunidade compreendia também uma enfermaria. Grande parte de quanto irei dizer aprendi deles. Espero ainda de poder exprimir nesta reflexão o senso de admiração, reconhecimento e ternura que sinto por estes irmãos idosos que com o testemunho de uma vida serena que refletia a paz e o rosto radiante da bondade contagiosa fizeram mais leve o meu caminho e me influenciaram a saber viver a presença de Deus de forma apaixonada pela humanidade; o testemunho desses irmãos nos ajudam a entender que tudo é possível com a força do Espírito Santo.

O que é a terceira idade? É envelhecimento, experiência, maturidade.

Diz um provérbio: "os cabelos brancos enganam; as rugas

suscitam dúvidas; cambaleiam os pés: isto é a velhice". Numa certa idade agente sobe as escadas de dois em dois degraus, o passo torna-se vacilante, aparecem as rugas, os olhos precisam de lentes sempre mais fortes, pergunta-se muito porque pouco se escuta, recordar os nomes e os eventos requer muito esforço e se procura dissimular, a sensibilidade se ofusca.

Não seriamos realistas se não confessássemos como João Paulo II: **"o outono da vida... não invoca somente as narrativas e as dores, mas também os ramos secos, a caída e a decomposição das folhas; não apenas a luz plena e suave, mas a neblina úmida e tremenda. Ao mesmo tempo a velhice não é apenas vigorosa harmonia finalmente concluída ou a síntese que reconcilia a vida, mas um tempo de decadência, um tempo em que o mundo torna-se estranho, a vida um peso e o corpo um tormento. Por isto, minhas felicitações é: "não percam a vossa dignidade".**

É necessário saber aceitar o peso dos anos e dos achaques quando eles aparecem como uma avalanche que ninguém consegue dominar; aceitar a evidente realidade do progressivo próprio deterioramento que influencia também a psique e ameaça o espírito. Devemos assumir o desafio pesado da solidão, a perda de forças e o vazio; nem o coração se salva. Se a pessoa que envelhece não reage poderá entender que o seu vazio interior pode ser uma desilusão, melancolia contagiosa e, sobretudo um sentimento de falência que nasce da evidência de que não há retorno.

No entanto, quando se consegue reagir e aceitar os limites, abre-se um caminho para uma liberdade mais criativa, uma alegria mais profunda. Uma sabedoria muito mais rica. Mesmo que a iluminação dos sentidos se apaguem, a luz do coração se acende para captar o que é essencial na vida e para comunicar em profundidade com as pessoas. A velhice aceita comporta alguns aspectos que são próprios do ethos humano; eis alguns entre os mais significativos: integração entre solidão e intimidade, afetividade mais terna, o despojamento, a gratidão, o amor desinteressado, a sabedoria, a atitude e o valor da oração, a manifestação de uma vida de fé. O idoso (a) é acompanhando da sabedoria que nasce da experiência. O bom senso é viver a própria verdade, crescendo na sabedoria da aceitação: sem saudade do passado, aceito tranquilamente aquilo que sou.

A velhice autêntica e sadia é possível somente aceitando a própria realidade. Aceitar a

velhice é aceitar a verdade de uma etapa da vida com os seus limites (falhas e dificuldade em gerenciar a própria conduta), mas tem também seus valores, que por justiça temos que mencionar. Se buscamos entender o mundo interior dos nossos irmãos idosos e irmãs, iremos descobrir quem em vasos frágeis nascem tesouros valiosos, o acúmulo de experiência e de maturidade, serenidade e paz, capacidade de não se envolver em coisas efêmeras que desorientam e desestabilizam; tudo isto mesclado com experiência e temor, acompanhado de cansaço e muitas fragilidades, que a velhice tem.

Hoje, infelizmente, sobre o mar da velhice não sopram ventos favoráveis que permitam manter a vela erguida. Vivemos num mundo que exalta a eficácia e o sucesso, no qual é mais importante aquilo que produzimos que o que somos. Alguns julgam que os idosos são um peso porque não produzem e não consomem e isto pode provocar em muitos certa tristeza e mal estar, para outros muitos rancores. Frequentemente aparece, em muitos idosos, um certo pavor, o terrível temor de se considerarem pessoais inúteis e até indesejáveis, um distúrbio que outros devem suportar.

É uma convicção generalizada que os idosos e idosas são ameaçados de alguns perigos ou de "companhias ameaçadoras" que convém abandonar o mais pronto possível, porque podem piorar seu estado de saúde e de espírito.

A velhice aceita comporta alguns aspectos que são próprios do ethos humano; eis alguns entre os mais significativos: integração entre solidão e intimidade, afetividade mais terna, o despojamento, a gratidão, o amor desinteressado, a sabedoria, a atitude e o valor da oração, a manifestação de uma vida de fé. O idoso (a) é acompanhando da sabedoria que nasce da experiência.

O livro do Eclesiastes 12,1 reafirma que a velhice é "os anos que devemos dizer: "Não tenho nenhum contentamento". Isto pode acontecer a muitos idosos, também a religiosos e religiosas: quando se perde o gosto de viver, o encanto que deriva de uma vida toda doada a serviço de Jesus Cristo e do Reino, o otimismo que nasce de reconhecer que se está nas mãos de Deus. A diminuição das energias vitais traz consigo um certo desconforto, cansaço e desilusão, enfim, ao desgosto pela vida,

que é o clássico tédio da vida do qual falavam os antigos. Isto requer grande atenção e o saber aprender a diferenciar adequadamente: mantendo vigilante o interesse pelos acontecimentos; criando e renovando o projeto de vida e atividades; cultivando relações saudáveis com os outros, a conversa sem presa e também usando com discernimento as possibilidades virtuais que a informática oferece; estabelecer o próprio horário sem relaxar ou deixar que o tempo passe de forma ociosa: unir adequadamente momentos de trabalhos e de repouso, sabendo cuidar do estado físico e do aspecto exterior. O que mais conta é ter o interesse por qualquer coisa e o desejo de viver para poder realizá-lo.

Tesouros em vasos de argila

Aqueles que Deus abençoou com longos anos (Sl 90,16) são chamados a descobrir o tesouro que levam em si mesmos, conscientes de que o levam em vasos de barro. Neste sentido, podem partilhar com os irmãos e irmãs com a alegre serenidade da esperança cristã. " Se os anos deixam a pele enrugada, renunciar a esperança deixa a anima enrugada. Na velhice existem vitaminas que alimentam a alma da pessoa consagrada: desejo de viver, não se deixar levar pela ideia de que está aposentada, a curiosidade intensa como desejo de crescer, vida interior intensa. A velhice não é a idade da aposentadoria, como se fosse algo estéril. É lógico que não se pode mais fazer tantas coisas, porém, isto não justifica não fazer absolutamente nada: aproveitar do descanso da aposentadoria não significa deixar de trabalhar. A falta de ocupação contribui para o mal-estar, a melancolia, o desequilíbrio emocional. Uma máquina que não se usa enferruja, como uma casa vazia e sem ventilação" (Carta de Carlo del Valle aos seus companheiros idosos da Província). Portanto, aposentadoria não significa ociosidade e inatividade, mas é experimentar a alegria do momento, o repouso contemplativo, o prazer sereno e humilde de tudo aquilo que Deus proporcionou e deixou que a pessoa realizasse, como antecipação do Reino definitivo.

Na velhice existem vitaminas que alimentam a alma da pessoa consagrada: desejo de viver, não se deixar levar pela ideia de que está aposentada, a curiosidade intensa como desejo de crescer, vida interior intensa. A velhice não é a idade da aposentadoria, como se fosse algo estéril.

Aposentadoria é sinônimo de liberdade e motivo de alegria, é a época na qual se pode realizar aquelas atividades desejadas e que foram limitadas devido aos muitos compromissos. Velhice, então, não é e não deve ser – como as outras fases da vida – um tempo de ociosidade; deve ser usada de forma prazerosa, um ócio sadio e é um mérito saber usá-la com proveito. Nesta fase da vida é possível se dedicar a passa tempo (hobby) inteligentes (leituras, adquirir habilidades em outras áreas, exercícios físicos) e o desejo de se dedicar a um passa tempo que antes era difícil devido ao tempo, mas agora torna-se vantajoso e sadio devido ao tempo e espaço.

A velhice é um tempo de agradecer ao Senhor por tudo o que a vida proporcionou

A velhice é o tempo de viver com a serena preocupação de passar por este mundo fazendo o bem agora, porque o bem feito continuará conosco. Os idosos e idosas não são expectadores anônimos que da poltrona da casa de repouso observam o caminho da Igreja e da Congregação, mas são protagonistas ativos e empenhados na missão, mesmo que de modo diverso. Cada idoso e idosa é um membro valioso, necessário e útil ao Instituto, que empobreceria com a ausência deles, a missão e a esperança, o bom ânimo e seus pequenos serviços.

Eles também são testemunhas do Senhor. Não são testemunhas expressas em palavras, que o vento leva embora, mas testemunhas com a vida; a notícia verbal quem dá é o jornalista, mas para ser um anúncio vivente precisa ser testemunha ocular. Neste sentido, como diz o Documento de Aparecida, evangelizam pelo contato, pela "superabundância do amor". E tudo isto num clima de silêncio, aparentemente insignificante, inútil e ineficaz aos olhos do mundo. Os anos passam, mas não nos tornamos menos religiosos. Aquilo que conta não é o fazer muito ou pouco, mas ser para Deus e para os

Os idosos e idosas não são expectadores anônimos que da poltrona da casa de repouso observam o caminho da Igreja e da Congregação, mas são protagonistas ativos e empenhados na missão, mesmo que de modo diverso. Cada idoso e idosa é um membro valioso, necessário e útil ao Instituto, que empobreceria com a ausência deles, a missão e a esperança, o bom ânimo e seus pequenos serviços.

outros uma pessoa que reconhece a vida que viveu, a alegria de se sentir amada gratuitamente e incondicionalmente por Deus. Esta é a missão do idoso e da idosa: aceitar com alegria a vontade do Pai. Não deve colocar o acento naquilo que faz pelos outros, mas sim no como pode ser para eles: poderá estar sempre aberto à comunicação, ao discernimento, ao calor humano... Poderá ser paciente e pacificador, mestre de reconciliação e de vida. Pela sua experiencia e a sua vida de oração poderá obter do Espírito Santo o carisma de oferecer a paz, de acolher, de encorajar a comunidade.

Intensificar a oração

Os irmãos e irmãs idosos de modo mais relevante vivem a vocação dedicados à oração. Segundo a idade eles têm mais tempo para dedicar à oração mais prolongadas e, sobretudo, mais tranquilos, gratuitos e espontâneos à oração e à relação direta com Deus, sem objetos particulares, simplesmente falam com Deus como um amigo fala com outro das coisas que viveram juntos por tantos anos. Numa reunião de idosos com o Provincial para conversar sobre a velhice e a contribuição deles para a missão, uns diziam: "Cultivar a amizade com o meu Senhor, meu amigo na idade avançada, através de uma relação profunda, próxima e familiar que dê sentido a preencha o vazio que a solidão criou".

Em alguns catálogos das Congregações religiosas, próximo ao nome do idoso, aparece esta frase: "Ora pela Igreja e a Sociedade". A sua missão, não menos importante, é rezar para que os irmãos vivam oferecendo ao Senhor a própria vida, realizando a missão de coração aberto, a tempo pleno e enfrentando com decisão as dificuldades. O idoso e a idosa rezam para que os irmãos que se encontram na fronteira da missão, possam ter a criatividade e a coragem de viver onde o perigo é maior, onde se é mais impotente e não tem ninguém por eles; rezam por aqueles que que experimentam a vida religiosa com desilusões e feridas, por aqueles que consideram a vida religiosa como um peso. Aos idosos pede-se também que rezem pelos jovens religiosos que são a nossa esperança e o nosso futuro; rezem para que o Senhor dê a fecundidade necessária pela missão que todos desenvolvem, de modo que a melodia divina ressoe maravilhosamente nos instrumentos que somos todos nós; orem também por aqueles que se encontram na pobreza e à margem, que em todos os lugares são considerados como intrusos; por aqueles que procuram o pão para os próprios filhos e ninguém quer partilhar. Rezem

por aqueles que têm como serviço a animação das comunidades. Recordo com pena quando um religioso jovem em crise dirigindo-se a um ancião disse: "a partir do momento padre, que o senhor já não pode fazer nada, não me admiro que fique infeliz". O padre, entristecido disse-lhe: " antes de tudo não sou infeliz e pensei que rezar muito e me sacrificar pelos irmãos fosse uma missão importante para a Congregação e para a Igreja". Sabia resposta.

Jesus redime o sofrimento

É evidente que as pessoas idosas experimentam limites e sofrimentos, que precisam se tornar oferta, mesmo que seja toda a pessoa e todos os sofrimentos que são oferecidos. Como discípulos e discípulas do Senhor, não pregamos a cruz, mas Cristo crucificado. Devemos pensar que junto a nós tem sempre alguém que sofre mais de que nós mesmos e que necessita de nossa solidariedade. Por isto, a maneira como uma pessoa idosa pode tornar isto como próprio é: "não deixa de cuidar dos outros porque Deus cuidará de ti". No 33º. Capítulo Geral dos jesuítas de 1983, Pedro Arrupe, naquela ocasião muito debilitado devido à embolia cerebral, ao serviço a Companhia e à igreja e, sobretudo, pelo silencioso sofrimento

Aos idosos pede-se também que rezem pelos jovens religiosos que são a nossa esperança e o nosso futuro; rezem para que o Senhor dê a fecundidade necessária pela missão que todos desenvolvem, de modo que a melodia divina ressoe maravilhosamente nos instrumentos que somos todos nós; orem também por aqueles que se encontram na pobreza e à margem, que em todos os lugares são considerados como intrusos; por aqueles que procuram o pão para os próprios filhos e ninguém quer partilhar. Rezem por aqueles que têm como serviço a animação das comunidades.

quando o Papa, sem avisá-lo, nomeou um seu substituto na Companhia, assim apresentava sua renúncia com comoventes palavras:

> *Como nunca me sinto nas mãos de Deus. É tudo que eu desejava desde a minha juventude. É a única coisa que ainda hoje continuo a desejar. Porém, há uma diferença: hoje cada iniciativa está nas mãos de Deus. Asseguro a todos vocês que o estar e me sentir totalmente nas mãos do senhor é uma profunda experiência.*

Escolhas que devem ser evitadas

Acredito que existem escolhas que precisam ser evitadas:

1. Permanecer preso ao passado com amargura, crítica, ressentimentos pelas mágoas que as experiencias produziram e que abriram feridas que não cicatrizam. Eu me refiro a certas incompreensões, certos desinteresses sentidos, exclusões paralisantes e talvez injustas que sofremos, e os erros que nos levaram a ser infiéis. Tudo isto pode ocorrer com as pessoas religiosas idosas. O que fazer? Nunca fechar portas e janelas, porque pode impedir a entrada de luz e ar puro. É preciso ter a coragem de contemplar com os olhos do coração o Deus misericordioso cheio de ternura, que em nossas lagrimas revela-se compreensivo com os nossos limites cuidando e curando de nossas feridas e enchendo de alegria nossa vida, tanto quando jovens quanto na velhice. A pessoa que soube envelhecer observa o tempo passado com tranquilidade e ternura, sem afundar no passado. Não tem saudade de como as coisas eram feitas no passado, mas sabe aceitar as novas formas, é aberto à vida, às pessoas e aos acontecimentos que estão gerando a nova história. É por isso que Padre Arrupe, naquele memorável adeus, dizia: "aos da minha idade recomendo abertura: conhecer as coisas como estão sendo feitas hoje e conhecê-las bem". Assim, a pessoa idosa, mestre de humanidade, conserva as recordações e entrega aos jovens o melhor das tradições.
2. Comportar-se como uma criança mimada com comodismo e condescendência para ganhar a aprovação dos jovens e dos outros membros da comunidade. Para estes o semáforo é vermelho, pois o egoísmo disfarçado que torna a pessoa idosa o centro das atenções, pretendendo que todos girem ao seu redor, é um erro. Viver para os outros significa saber sair do Eu para colocar os outros no centro, do Eu ao Nós.
3. Passar o testemunho no momento certo, sem medo de "largar o osso" e nem se fechar no que até então podia fazer, provavelmente muito bem, com competência e bons resultados, contudo hoje já não é possível realizar com a mesma qualidade que o tempo exige e o grau de responsabilidade necessária. Seria um grande equívoco fechar-se

em si mesmo, por insegurança talvez ou por medo ou comodismo, refugiando-se numa atividade estéril e nociva que somente nos isola fechando-nos em nosso umbigo, agravando nossa própria situação. Até onde for possível, devemos viver segundo um projeto de vida e uma atividade adaptada às possibilidades e habilidades que temos. É preciso saber passar o bastão para quem vem depois de nós. Isto custa muitíssimo, mas preceder de forma elegante antes que seja obrigado a fazê-lo de forma humilhante. Fazendo isto não repetiremos o que outros já fizeram: os jovens de hoje fazem o que os idosos fizeram quando eram jovens; o ideal seria ter o desconfiômetro e a generosidade para antecipar os eventos. Estar convencido de que ainda somos capazes de realizar as funções de sempre é uma tentativa de não renunciar à nossa imagem narcisista, porém, dizer e protestar em certos momentos do cotidiano, como um retiro espiritual, apenas serve para suscitar a compaixão e uma certa pena naqueles que vivem conosco. Muitos temem a aposentadoria como o início do fim; entram numa crise deprimente, matam a esperança e se consideram completamente inúteis para o resto de seus dias. Aposentar-se é uma meta e não o fim de um projeto. É um erro gravíssimo que a nossa sociedade, que empenha-se em alongar a vida, exclua as pessoas idosas das responsabilidades sociais e familiares. **O importante não é fazer muitas ou poucas coisas, mas ser para Deus e para os outros uma pessoa vibrante pela vida, feliz porque é amada incondicionalmente por Deus. Esta deve ser hoje a situação das pessoas idosas: saber aceitar com alegria a vontade de Deus. Nunca colocar o acento naquilo que posso fazer pelos outros, mas naquilo eu posso ser para os outros.**

4. Não abandonar-se à saudade do passado. A recordação melancólica e até morbosa do passado que não voltará, pode se tornar causa de frustrações que invalida a alegria do presente, até anular o sentido da vida. Aceite-se, no entanto, e estimule-se, as recordações de tudo aquilo que o Senhor fez na vida da pessoa idosa e por meio de nós, aos outros. Isto ajudará a reconhecer a felicidade de ter partilhado durante tantos anos a missão que o Senhor confiou em tempo pleno e com todo o coração.

5. Não se excluir e não se deixar excluir. Não ficar à margem, mas ter sempre as antenas erguidas e orientadas, mesmo se a velhice torne isto mais difícil, para captar os desafios que interpelam a Igreja e a Congregação, como também as repostas que são dadas, no discernimento e na fraternidade, para sempre saber dar a melhor resposta. Todos conhecemos pessoas idosas que na vida consagrada conservam, como brasas que nunca se apagam, o bom humor, uma boa dose de otimismo e um sorriso contagioso e estimulante, mesmo que a saúde exija cuidados especiais. É difícil aceitar tudo aquilo que a velhice pode agregar à vida: fragilidade biológica, perda de influência, exclusão social; todavia muitos irmãos e irmãs idosos não se dão por vencidos, sabem viver com serenidade pacífica e integrada, paz e alegria na velhice.

   Porém, não basta apenas não se excluir; não podemos excluir os nossos idosos e idosas que viveram a vocação rica de fidelidade e de amor. Devemos ter consciência da solidão da pessoa idosa – também na vida religiosa, mesmo que não sejam muitos – onde é frequente uma doença; às vezes as pessoas idosas procuram alguém com a qual querem conversar, mas não é fácil encontrar uma pessoa disponível. Este seria um presente precioso que poderíamos oferecer aos idosos e idosas: partilhar da vida sem presa, doar um pouco do nosso tempo, oferecer a nossa capacidade de escuta e de atenção bondosa a quem deseja de nós uma palavra, um silêncio, um olhar, um carinho. Às vezes na vida religiosa consagrada muitos se distanciam dos idosos e idosas, sobretudo quando estão em enfermarias. Será que ficaríamos felizes se fizessem isto conosco?

   Acredito também que muitos de nossos irmãos e irmãs idosos poderiam ser salvos da solidão e fazer alguns serviços aos irmãos de comunidade, portanto, a coisa melhor seria que ficassem nas comunidades onde pudessem desfrutar das amizades e das pequenas atividades. Uma casa sem avós é uma casa sem raízes. Precisamos estar muito atentos para não transformar as nossas enfermarias em esconderijos para idosos e idosas. Queira Deus que vivam numa comunidade com qualidade de vida para que possam ser facilmente visitados.

Por conseguinte, é dever dos superiores e superioras, como principal missão, criar um ambiente agradável no qual reine a confiança e o respeito recíproco entre os membros da comunidade. A opção preferencial pelos pobres encontra um lugar privilegiado neste tipo de ambiente, porque os nossos idosos e idosas fazem parte daquele grupo de pessoas que, pelo declínio físico, a exclusão e a solidão, necessitam de nós.

Conclusão

Quero terminar com as bem-aventuranças de um idoso que, com toda simplicidade, confessou: "pensei que, chegando a terceira idade, a vida já não seria importante ou desejada. Reconheço que mais uma vez me equivoquei". Este idoso, padre Stefano Gumucio, não agregava anos à vida, mas vida aos anos.

Bem-aventurados os idosos acolhedores, gentis e afetuosos: terão a amizade das crianças, dos jovens, dos vizinhos e dos familiares;

Bem-aventurados os idosos que sorriem da própria pouca agilidade e da pouca memória: encherão de alegria a vida daqueles que vivem eles;

Bem-aventurados os idosos que abrem os caminhos aos jovens e sabem escutá-los quando comentam as novidades e são entusiasmados: se sentirão jovens de coração;

Bem-aventurados os idosos semeadores de paz e de concórdia: viverão em harmonia;

Bem-aventurados os idosos que, antes de se lamentar, vivem amando e servindo o mais possível: serão felizes, não obstante as doenças;

Bem-aventurados os idosos que sabem ver mais as coisas boas e os valores do presente que as desgraças e as coisas negativas: viverão a primavera ainda que o céu seja cinza;

Bem-aventurados os idosos corajosos que se unem a outros para lutar em favor da vida: estarão bem nesta e na outra vida;

Bem-aventurados os idosos que sabem narrar fábulas às crianças, dar pão aos pássaros, regar as plantas do jardim, observar da janela os jogos dos mais jovens e falar com alegria do Deus misericordioso: serão reconhecidos no reino dos céus".

Para refletir

1. Lendo este artigo: será que o autor chegou ao objetivo proposto, ou seja, refazer e alimentar o teu empenho pelos idosos e idosas?

2. O que foi narrado ajuda a integrar o sentido da fortaleza e velhice?
3. Comente na sua comunidade os aspectos do artigo que mais lhe chamaram a atenção em relação ao cuidado das pessoas idosas na Congregação.
4. As bem-aventuranças de Gumucio poderiam ser transmitidas às pessoas idosas da sua Congregação?

Agrego a este artigo o discurso do papa bastante oportuno:

DISCURSO DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES DA TERCEIRA IDADE

Segunda-feira, 16 de dezembro de 2019

Clementina Hall

Queridos irmãos e irmãs:

Tenho o prazer de conhecê-lo por ocasião do 70º aniversário da fundação da sua "Associação Nacional de Trabalhadores Seniores". Saúdo todos, começando pelo Presidente, a quem agradeço a sua apresentação. Gostaria de voltar à ênfase que deu à velhice como um tempo para o presente e também como um tempo para o diálogo .

Os idosos, em nível social, não devem ser considerados um fardo, mas como realmente são, isto é, um recurso e uma riqueza. Eles são a memória de um povo! Isso é demonstrado por sua contribuição para atividades voluntárias, oportunidades valiosas para viver a dimensão da gratuidade. Os idosos com boa saúde podem oferecer algumas horas do seu tempo para cuidar das pessoas que precisam,

enriquecendo-se. O voluntariado é uma experiência que faz bem ao beneficiário e à pessoa que o faz. O comprometimento com os outros pode neutralizar a percepção da solidão, melhorar o desempenho cognitivo e aumentar o bem-estar mental. Em outras palavras, o compromisso com o voluntariado promove o que é chamado de "envelhecimento ativo", ajudando a melhorar a qualidade de vida quando faltam dimensões importantes da identidade de uma pessoa, como o papel dos pais ou do profissional devido à aposentadoria.

Nos últimos anos, assistimos a um aumento na colaboração de idosos no voluntariado e nas associações, que representam um terreno ideal para a realização de uma velhice ativa e protagonista na construção de uma comunidade de solidariedade. Os 70 anos de sua associação demonstram como as pessoas mais velhas são capazes de se organizar e participar. O maior desafio que a sociedade enfrentará nos próximos anos será promover de maneira cada vez mais eficaz os recursos humanos de que os idosos são portadores da comunidade. Trata-se de ativar redes de solidariedade no território que têm como referência os idosos como sujeitos ativos e não apenas como objeto de intervenções do tipo assistencialista. Será, então,Gl 3.1) - que os mais velhos são sonhadores - sonhos, no entanto, cheios de memória, não vazios, vaidosos, como os de alguns anúncios; Os sonhos dos idosos estão impregnados de memória e, portanto, são fundamentais para o caminho dos jovens, porque são as raízes. Dos idosos vem a linfa que faz a árvore crescer, fazendo com que ela floresça e dê novos frutos.

E assim chegamos ao segundo aspecto: a velhice como tempo de diálogo. O futuro de um povo pressupõe necessariamente um diálogo e um encontro entre anciãos e jovens para construir uma sociedade mais justa, mais bonita, mais solidária e mais cristã. Os jovens são a força do caminho das pessoas e os idosos revitalizam essa força com memória e sabedoria. A velhice é um tempo de graça, no qual o Senhor renova seu chamado: ele nos chama a preservar e transmitir nossa fé, ele nos chama a orar, principalmente a interceder; Chama-nos a estar perto dos necessitados. Os idosos, avós, têm uma capacidade única e especial de entender as situações mais problemáticas. E quando eles oram por essas situações, sua oração é forte, é poderosa! Aos avós, que receberam a bênção de ver os filhos de seus filhos (cf. Sal128, 6), eles têm uma grande tarefa: transmitir a experiência da vida, a história de uma família, de uma comunidade, de um povo.

Considerando e vivendo a velhice como o tempo do presente e o tempo do diálogo, contrasta-se o estereótipo tradicional do idoso: doente, inválido, dependente, isolado, cercado de medos, posto de lado, com uma fraca identidade pela perda de Um papel social. Ao mesmo tempo, evita-se concentrar a atenção geral principalmente nos custos e riscos, com mais ênfase nos recursos e no potencial do idoso. Infelizmente, os jovens são frequentemente descartados porque não têm emprego, e os idosos são descartados sob o pretexto de manter um sistema econômico "equilibrado", em cujo centro a pessoa humana não é, mas dinheiro. E está errado O futuro - e não é exagerado - estará no diálogo entre jovens e idosos. Se os avós não dialogarem com os netos, não haverá futuro. Todos somos chamados a combater essa cultura venenosa de descarte. Somos chamados a construir tenazmente uma sociedade diferente, mais acolhedora, mais humana e mais inclusiva, que não precise descartar os fracos do corpo e da mente, mas uma sociedade que mede seu "passo" precisamente nessas pessoas.

Caros amigos, agradeço o que fazem no campo da promoção dos idosos. Seja uma presença alegre e sábia em todos os lugares. Amanhã a Igreja começa a orar em preparação para o Natal, invocando sabedoria, o dia da sabedoria, invocando a sabedoria. Precisamos da sabedoria e experiência dos anciãos para construir um mundo mais

Foto: L´Osservatore romano

respeitoso dos direitos de todos. Continue trazendo corajosamente seu precioso testemunho para os diferentes ambientes em que trabalha. Da minha parte, eu o acompanho com minhas orações e invoco sobre você e seus propósitos e projetos de bem a bênção do Senhor. E, por favor, converse com os jovens, mas não para repreendê-los, não: para ouvi-los e depois semear alguma coisa. Esse diálogo é o futuro. E não se esqueça de orar por mim. Obrigado.

REFLEXÕES ORANTES

Subsídio CLAR julho 2019, n. 5
Campanha Vinho Novo

Esta é a hora

Senor, que horas são?

Contemplem a Jesus de Nazaré, é a hora do Reino, o tempo exato. Quem puder ser lúcido e livre para dizer:Esta é a hora. A hora em ponto, a tua, a nossa todos juntos. (Benjamím Gonzáles Buelta, sj)

Animar o desejo do encontro..

Canto-oração: Chegou a Hora da Alegria (Zé Vicente)

Chegou a hora da alegria / vamos ouvir essa palavra que nos guia

Tua palavra vem chegando bem veloz / Por todo canto hoje se escuta a sua voz

Aleluia, aleluia

Nada se cria sem a força e o calor Que sai / da boca de Deus, nosso criador

Aleluia, aleluia

O mandamento de Deus é retidão é / luz nos olhos e prazer no coração

Aleluia, aleluia

Esta é a palavra da certeza / E da justiça que nos liberta da opressão e da cobiça

Aleluia, aleluia

Bendita seja esta palavra do Senhor Mel / saboroso e alimento para o amor

Aleluia, aleluia

O céu proclama a tua glória o meu Deus / A Terra inteira canta um hino de louvor

Aleluia, aleluia

A Palavra de Deus

Narrador/a: "Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. 2.Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. 3.Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:

Leitora:"Eles já não têm vinho".

Narrador: 4.Respondeu-lhe Jesus:

Leitor: "Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou".*

Narrador/a: 5. Disse, então, sua mãe aos serventes:

Leitora:"Fazei o que ele vos disser".

Narrador/a: 6.Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas.* 7. Jesus ordena-lhes:

Leitor:"Enchei as talhas de água".

Narrador/a: Eles encheram-nas até em cima.

Leitor: 8."Tirai agora" – disse-lhes Jesus – "e levai ao chefe dos serventes".

Narrador/a: E levaram. 9.Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo 10.e disse-lhe:

Leitor/a: "É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora".

Narrador/a: 11.Esse foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. 12. Depois desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, porém, não ficaram ali por muitos dias.

Animador/a: Teremos agora um momento de oração pessoal e comunitária com o versículo 5:

Disse, então, sua mãe aos serventes: "Fazei o que ele vos disser".

Leitor/a 1: Que maravilha a reação de Maria! Dirigindo-se aos serventes a mais estupenda recomendação: "façam tudo o que ele disser".

Leitor/a 2: Estas palavras contem a fórmula que fundamenta a Aliança já usada pelo Povo de Israel (Ex 19,8. 24,7) e com ela o evangelista expressa a representação de Maria como O Israel fiel.

Leitor/a 3: Maria, se refere a Jesus como o protagonista, ela abre o espaço ao Filho, abre a

porta e os ouvidos do coração dos serventes e colabora com o milagre.

Leitor/a 1: Amria, aquela que acreditou, nos convida a fazer o que o Filho nos recomenda. Ela faz assim um ato de fé.

Para refletir juntos:

1. Quais palavras de Jesus sussurram cotidianamente em nosso coração?
2. Diante da atual conjuntura, o que Jesus nos pede?

Momento de sentir e pensar: Fazer-se discípulo/a.

Animador/a: Nas bodas de Caná foi Maria que aconselhou aos serventes para fazerem tudo o que Jesus mandasse. Imaginemos quais seriam os avisos e recomendações que ela nos daria hoje, aprendizes de discipulado que somos. Certamente ela não usaria a linguagem dos textos bíblicos que os quais estava acostumada em suas escutas na sinagoga, mas falaria desde sua experiencia de seguidora de Jesus.

Leitor/a 1: Não tire o pé da realidade, como a terra que esconde um tesouro, é portadora da presença de Deus, tê-la perto é como o pão de cada dia, como a seiva que nutre os galhos das árvores, como a sombra protetora de uma árvore frondosa. Mesmo que estejas cingido com o cinturão ou apoiado no ombro de um amigo no qual te apóias e escutas seus segredos. Se o amor é melhor que o vinho e por isso preferes degustar que pensar sobre ele. Podes até escalar o Horeb e o Tabor para buscar teu amigo, porem, terás que aprender a escutar a Palavra nas praças ou nos escritórios porque entre os filhos dos homens é onde ele prefere estar.

Leitor/a 2: Desperta teus ouvidos e teus olhos. Sua voz pode ecoar como o rugido de um leão ou como o barulho de um silêncio tênue. Se te comunica com o centro de ti mesmo e também no florecer dos frutos para recordar que és o único responsável para que chegue a primavera, tampouco és o responsável pela fecundidade da Palavra porque ele mesmo se encarrega.

Leitor/a 3: Caso te perguntes: O que estás vendo? Não tentes levantar os olhos para contemplá-lo: olha para baixo, para os lugares em que a vida de um pobre vale menos que um par de sandálias e não te surpreendas ao descobrir o quanto te inquietas que devolvas ao teu irmão ou irmã, antes do final da tarde, o lençol que o protegia e te perguntes: como

dormirá e como se protegerá do frio durante a noite?

Animador/a: Vivas sempre alerta e tranquilo. Não tenhas medo, porém, seja vigilante, porque ele pode chegar de improviso e bater na tua porta durante à noite. Se você abrir, ele entrará e sentará à mesa contigo; se deixares ele te levará ao deserto para te falar ao coração e te atrairá com as correntes do seu amor. Sua palavra será doce como o mel em tua boca, mas poderá até queimar tuas entranhas como fogo. Depois de encontrá-lo teu rosto ficará luminoso, porém, se tiveres a ousadia de lutar com ele, te deixará cicatrizes profundas.

Todos: Cuida do teu coração e escuta o Senhor porque sua voz te indicará os caminhos de volta pra casa, ao centro de você mesmo, aonde você é muito mais importane do que pensas ser. Ali encontrarás o único necessário: tu, Pai, que estás escondido e te confundes com nosso respiro para que todo nosso ser se transforme à imagem do teu Filho. Precisamos aprender a permanecer ai, para usufruir da sua misericórdia e nos apaixonar pelo seu mundo, respirando o nome de Jesus como a um perfume que se derrama.

Leitor/a1: Vai adentrando com sabedoria, deixa para trás, como se fosse um lençol velho, teus conhecimentos e tuas certezas. A semente do Reino cresce sem que você saiba como e quando os cabelos brancos comecem a aparecer, confie no teu pastor porque ele sabe aonde te leva. Segundo ele, a ganância se envereda pelo estranho caminho das perdas e a porta estreita é que nos leva à profundidade do verdadeiro prazer. Porque ele contempla a espiga do grão de trigo no profundo da terra e escuta o lamento da criança que nasce enquanto a mãe grita de dor de parto: deixa que te descubram as possibilidades de vida que escondem, às vezes, aonde a morte parece ser determinante.

Todos: Segura o teu nome: mantenha-o tatuado na palma da mão e levo-o gravado numa pedra de mosaico, como teu modo irrepetível e singular de viver em comunhão de vida com ele. Alegra-te porque estás convidado a participar no banquete do rei e no lugar de honra que a ninguém está reservado (Dolores Alexandre, sj).

Animador/a: Sintonizemos com a Palavra de vida e tenhamos os ouvidos no Filho e na realidade.

Façam tudo o que ele disser.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Mesmo que seja difícil.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: mesmo que aparentemente seja impossível.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: mesmo que ninguém consiga entender.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Tudo o que ele diga, tudo.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Tudo o que ele disser.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Mesmo que fiquemos sozinhos.

Animador/a: façam tudo o que ele disser,

Todos: Mesmo que pareça absurdo.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Mesmo que as pessoas riam de nós.

Animador/a: Façam tudo o que ele disser,

Todos: Tudo o que ele diga, tudo.

Peçamos a sua bênção.

Todos: Deus Pai-Mãe, protege nossos sonhos, para que sejamos capazes de manter viva a chama da esperança. Jesus, irmão nosso, dá-nos sempre entusiasmo, porque a vida é a única forma que temos de manifestar teu milagre. Espírito Santo de nova vida, dá-nos sempre a tua companhia e a daqueles que guardam dúvidas, atuam, e se entusiasmam a viver como se todos os dias estivessem totalmente dedicados a transformar a água em vinho novo.

Reflexões orantes

Subsídio CLAR julho 2019, n. 6

Campanha Vinho Novo

As talhas das Bodas de Caná eram de pedra..

Animador/a: Que nos falam de muitos vazios que machucam: vazios de amor, de carinho, de amizade, de reconhecimento; vazios de palavras, olhares, abraços, cercanias; vaziode sentido da vida, de projetos, de horizontes; vazios de dignidade e de direitos, de responsabilidade e compromisso; vazios de valores e de mestres, de referências e testemunhos; vazios de bem- estar e desejo de liberdade; vazios de tudo aquilo que nos nos falta para sermos plenos, felizes, íntegros (José Luis Corral, sdv)

Animar o desejo do encontro..

Canto-Oração: que a força do Espírito Santo nos desperte a

cada manhã e nos dê de presente ouvidos de discípulos e discípulas amados/as.

Prá que eu não me canse

(Pe. Zezinho)

Se meu coração ficar cansado de esperar / E se por acaso eu me esquecer de tí falar / Peço encarecido meu favor prá te encontrar / E mais uma vez o teu amor eu vou cantar

Teus caminhos conhecí desde pequeno / Tua graça me acompanha sem cessar / Meu coração vai ao compasso do amor /A minha vida te pertence meu Senhor.

O Senhor fez em mim maravilhas /Eu vou cantar os louvores de Senhor (Bis)

Prá que eu não me canse uma oração eu vim fazer / Pois a minha vida muitas vezes tem sofrer / E eu nem sempre posso teus caminhos entender Mais por teu amor eu sei que ainda é bom viver

Teus caminhos conhecí desde pequeno / Tua graça me acompanha sem cessar / Meu coração vai ao compasso do amor / A minha vida te pertence meu Senhor

O Senhor fez em mim maravilhas / Eu vou cantar os louvores de Senhor (Bis)

Palavra de Deus

Narrador/a: "Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. 2.Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. 3.Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:

Leitora: "Eles já não têm vinho".

Narrador: 4. Respondeu-lhe Jesus:

Leitor: "Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou".*

Narrador/a: 5. Disse, então, sua mãe aos serventes:

Leitora: "Fazei o que ele vos disser".

Narrador/a: 6. Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas.* 7.Jesus ordena-lhes:

Leitor: "Enchei as talhas de água".

Narrador/a: Eles encheram-nas até em cima.

Leitor: 8."Tirai agora" – disse-lhes Jesus – "e levai ao chefe dos serventes".

Narrador/a: E levaram. 9.Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que

o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo 10.e disse-lhe:

Leitor/a: "É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora".

Narrador/a: 11.Esse foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. 12. Depois desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, porém, não ficaram ali por muitos dias.

Animador/a: Teremos agora um tempo de oração pessoal e comunitária à luz do versículo 6:

Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas

Momento para sentir e pensar...

Leitor/a 1: Nas bodas de Caná, as talhas estavam imóveis, sem conteúdo e vazias, recordavam ritos antigos de purificação. Eram seis, numero que expressa o incompleto em oposição ao sete que indica totalidade. O seis, se refere aos seis dias da festa da espera. O sétimo é como o grande dia do repouso; ao contrário, o seis se refere aos maridos da Samaritana na espera do sétimo esposo que sacie seus desejos, ou como as seis festas que estão presentes no Evangelho de João, quando a Páscoa é celebrada no sétimo dia.

Leitor/a 2: As seis talhas vazias nos conectam com uma religião incapaz de comunicar alegria e prazer, não geram vida, estão somente ali, não são eficazes e recordam saudosamente atos antigos; ficam como vestígios de um sistema de aparência, onde existe somente casca externa porque foram esvaziados de conteúdo real.

Leitor/a 3: As talhas de pedra, apesar da aparência, solidez e estabilidade, mostram o quanto são frágeis e que podem se romper. Jesus não prescinde delas, exatamente com as talhas ele realiza o sinal recriando assim o valor daqueles recipientes com a capacidade de semear novas colheitas. Elas, silenciosamente, desde sua realidade de pedra gritam, esperam e aguardam a nova aurora, a misericórdia, a redenção copiosa que procede de Jesus.

Todos:A nova purificação não se realizará com a água que lava interiormente, mas será realizada pelo Espírito Santo que transforma tudo desde dentro e penetra tudo (José Luis Corral, sdv).

Para refletir

1. Que nome poderíamos dar as talhas de água que não geram vida?
2. Como nos ajudar para que a rigidez das pedras de nossas estruturas possam ser de acolhida e de sinais de novidade?

Coração de barro

Grupo 1: Dá-nos um coração de barro para romper o coração de pedra. Não tem importância o tempo que levará, mas faça-o à sua maneira. Dá-nos um coração simples, segundo o teu coração; usa o que queiras, porém, faça-o igual ao teu.

Grupo 2: Como queiras, Senhor, como queira que seja? Que seja como o de Jesus, faça-o à sua maneira. Que tenha a tua paciência, o teu amor, a tua vontade, a tua liberdade, que a paz reine. Que tenha o que me falta, que sobre o que tenho demais.

Grupo 3: Faça em nós um coração de barro, é tudo o que queremos. Que tenha simplicidade sempre cheia de luz. Saber perdoar como tu perdoas, olhar o bem como tu fazes. Faça em nós um coração de criança, um coração limpo e puro, que sejas como tu queiras, porém, que nosso coração seja como o teu.

Peçamos a benção

Todos: Deus Pai bondoso, quero fitar alto o caminho, olhar fundo e projetar o horizonte, para caminhar ao teu encontro e, contigo, ir ao encontro dos teus preferidos.

Jesus, Filho de Deus, quero permanecer em silêncio e escutar o sussurro da tua voz que traz boas novas, cada dia, para todos os que andam pela vida.

Espírito de ternura e paciência, quero estar contigo para sentir o ritmo do teu coração e aprender a viver como tu vives no coração do mundo.

57º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

IV Domingo da Páscoa - 2020

Irmã Clotilde Prates de Azevedo, IA

Leitura Orante - "AS PALAVRAS DA VOCAÇÃO"

Ambientação

Providenciar - Barco de papel (grande); pano azul e pano marrom; vela (círio); bíblia; cesto com pedaços de pães; folhas A4 coloridas, canetas e filipetas (uma para cada pessoa).

Esquentando o coração

Colocar no ambiente de oração o pano azul e o pano marrom fazendo contorno ao azul (mar e a terra). Conforme os símbolos forem entrando serão colocados no mar ou na terra.

Refrão Orante

Tudo posso naquele que me dá força! (CD Palavras Sagradas de Paulo)

(Procurar criar um clima mais orante na assembleia)

Abertura

– Verdadeiramente ressurgiu Jesus! (bis)

– Cantemos aleluia! Resplandece a luz! (bis)
(entrar com o círio acesso)

– Seu amor por nós firme para sempre, (bis)

– Sua fidelidade dura eternamente! (bis)
(entrar com a bíblia)

– Quando as mãos se juntam multiplica o pão. (bis)

– Vem, ó Deus, abençoa nossa oração. (bis)
(entrar com a cesta e pedaços de pães)

– Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. (bis)
– Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
– Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos, (bis)
– Cristo é nossa Páscoa, a Deus louvação! (bis)

(entrar com o barco grande)

Fazendo memória – "Não cesso de dar graças a Deus por vós" (Ef 1, 16)

Animador/a – "Mais do que uma escolha nossa, a vocação é resposta a uma chamada gratuita do Senhor" (Carta aos Presbíteros, 4/08/2019); por isso conseguiremos descobri-la e abraçá-la, quando o nosso coração se abrir à gratidão e souber reconhecer a passagem de Deus pela nossa vida.

Leitor 1 - GRATIDÃO é saber reconhecer a passagem de Deus em nossa vida, voltar ao primeiro amor.

Leitor 2 - Toda a vocação nasce daquele olhar amoroso com que o Senhor veio ao nosso encontro.

(Cada pessoa recebe uma folha e uma caneta. A pessoa que anima motiva os presentes a fazerem memória de seu caminho vocacional, dos momentos onde sentiu "o olhar amoroso do Senhor" que impulsionou seu caminhar. Após um tempo de silêncio, escrevem, na folha, algum destes momentos. Em silêncio constroem seu barco de papel com a parte escrita virada para dentro; ao final colocam o seu nome no barco. Este momento pode ser acompanhado por um fundo musical.)

Leitor 3 - Navegar pela rota certa não é uma tarefa confiada só aos nossos esforços, nem depende apenas dos percursos que escolhemos fazer.

Leitor 4 - A realização de nós mesmos e dos nossos projetos de vida não é o resultado matemático do que decidimos dentro do nosso «eu» isolado; pelo contrário, trata-se, antes de mais nada, da resposta a uma chamada que nos chega do Alto. É o Senhor que nos indica a margem para onde ir e, ainda antes disso, dá-nos a coragem de subir para o barco.

Leitor 1 - E Ele, ao mesmo tempo que nos chama, faz-Se também nosso timoneiro para nos acompanhar, mostrar a direção, impedir de encalhar nas rochas da indecisão e tornar-nos capazes até de caminhar sobre as águas tumultuosas.

Animador/a – No sim de cada dia, coragem e gratidão se misturam e nos impelem a lançar o barco no vasto mar das escolhas pelo amor, dos desafios da coerência, das alegrias e contradições da vida, da realidade, do mundo. Convido cada um ofertar seu barco, sua história de

encontro com Aquele olhar que transformou e transforma sua vida e seu ser cada dia.

Música

(enquanto os barcos são colocados pode-se ouvir uma das músicas)

- Por uma grande missão (Dom Pedro Brito Guimarães) https://www.youtube.com/watch?v=nIFlKIg-gsY
- Minha vocação (Juliana de Paula) - https://www.youtube.com/watch?v=gX8d6isZ-QY

Deus nos fala

Animador/a - Neste 57º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, somos convidados a contemplar o texto evangélico que nos conta a experiência singular que sobreveio a Jesus e a Pedro durante uma noite de tempestade no lago de Tiberíades.

Canto de Aclamação (a escolha)

Palavra de Deus - Mt 14,22-33

Leitor 1 - "Naquele tempo, Jesus obrigou os discípulos a entrarem no barco e precedê-lo rumo à outra margem, enquanto ele despedia as multidões. E depois de ter despedido as multidões subiu ao monte para orar, à parte. Chegada a noite, ele estava ali, sozinho. O barco já se encontrava a várias centenas de metros da terra; era açoitado pelas ondas - pois o vento lhes era contrário. Por volta do fim da noite, Jesus foi ao encontro dos discípulos caminhando sobre o mar. Vendo-o caminhar sobre o mar, os discípulos ficaram apavorados: 'É um fantasma', diziam, e, com medo, puseram-se a gritar. Logo, porém, Jesus lhes falou: 'Coragem, sou eu, não tenhais medo!' Dirigindo-se a ele, Pedro disse: 'Senhor, se és mesmo tu, ordena-me que vá ao teu encontro sobre as águas". 'Vem', disse ele. E Pedro, saindo do barco, caminhou sobre as águas e foi rumo a Jesus. Mas, à vista da violência do vento, teve medo e, começando a afundar, exclamou: 'Senhor, salva-me!' Logo Jesus, estendendo a mão, o pegou, dizendo-lhe: 'Homem de pouca fé, por que duvidaste?'E quando subiram no barco prostraram-se diante dele e lhe disseram: 'Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!'"

(Momento de silêncio interior, lembrar o que foi lido. O que diz o texto? Retomar os versículos que mais chamaram a atenção, repetir em voz alta uma palavra ou frase que mais marcou)

Trocando ideias

Leitor 2 - Depois da multiplicação dos pães, que entusiasmou a multidão, Jesus manda os discípulos subir para o barco e seguir à sua frente para a outra margem, enquanto Ele despedia o povo.

Leitor 3 - A imagem desta travessia do lago sugere de algum modo a viagem da nossa existência. De fato, o barco da nossa vida avança lentamente, sempre preocupado à procura dum local afortunado para atracar, pronto a desafiar os riscos e as conjunturas do mar, mas desejoso também de receber do timoneiro a orientação que o coloque finalmente na rota certa.

Leitor 4 - Às vezes, porém, é possível perder-se, deixar-se cegar pelas ilusões em vez de seguir o farol luminoso que o conduz ao porto seguro, ou ser desafiado pelos ventos contrários das dificuldades, dúvidas e medos.

Todos - Assim acontece também no coração dos discípulos, que, chamados a seguir o Mestre de Nazaré, têm de se decidir a passar à outra margem, optando corajosamente por abandonar as próprias seguranças e seguir os passos do Senhor.

Leitor 1 - Esta aventura não é tranquila: cai a noite, sopra o vento contrário, o barco é sacudido pelas ondas, e há o risco de sobrepor-se o medo de falhar e não estar à altura da vocação.

Todos/as - Na aventura desta travessia não fácil, o Evangelho diz-nos que não estamos sozinhos.

Leitor 2 - Quase forçando a aurora no coração da noite, o Senhor caminha sobre as águas tumultuosas e vai ter com os discípulos, convida Pedro a vir ao encontro d'Ele sobre as ondas e salva-o quando o vê afundar; finalmente, sobe para o barco e faz cessar o vento.

Animador/a - O que o texto bíblico diz para mim? O que estas palavras do Papa Francisco nos provocam?

(Deixar um tempo de silêncio para reflexão pessoal. Motivar para uma partilha. É importante não perder o clima orante)

No silêncio do ser – "Tenham ânimo nos seus corações" (Col 2,2)

Animador/a – Nos tempos atuais, à semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furiosa. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos.

Leitor 1 - Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados "vamos perecer" (cf. 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Animador/a – Toda a vocação requer empenhamento. O Senhor chama-nos, porque nos quer

tornar, como Pedro, capazes de "caminhar sobre as águas", isto é, pegar a nossa vida para a colocar ao serviço do Evangelho, nas formas concretas que Ele nos indica cada dia e, de modo especial, nas diferentes formas da vocação específica: Laical, Vida Consagrada e Ministério Ordenado.

Todos - À semelhança do Apóstolo, porém, sentimos desejo e ardor e, ao mesmo tempo, vemo-nos assinalados por fragilidades e temores.

Leitor 2 - Se nos deixarmos arrastar pelo pensamento das responsabilidades que nos esperam - na vida matrimonial, na vida consagrada ou no ministério ordenado - ou pelas adversidades que surgirão, bem depressa desviaremos o olhar de Jesus e, como Pedro, arriscamos afundar.

Leitor 3 - Quando somos chamados a deixar a nossa margem segura para abraçar uma vocação específica, muitas vezes, a primeira reação é constituída pelo "fantasma da incredulidade": não é possível que esta vocação seja para mim.

Leitor 4 - Pouco a pouco avolumam-se em nós todas aquelas considerações, justificações e cálculos que nos fazem perder o ímpeto, confundem-nos e deixam-nos paralisados na margem de embarque.

(Entregar uma pequena tira de papel a cada pessoa. Motivar para que escrevam uma realidade ou situação que lhe pesa, dá medo, limita... como uma tempestade que se aproxima. Garantir que as filipetas não serão lidas. Enquanto as pessoas escrevem o/a animador/a coloca as filipetas previamente preparadas em volta do barco. Conforme vão terminando de escrever, colocam suas filipetas no mar)

Leitor 1 – Segundo o Papa Francisco, "na vocação específica que somos chamados a viver, estes ventos podem debilitar-nos. Penso em quantos assumem funções importantes na sociedade civil, nos esposos, que intencionalmente me apraz definir 'os corajosos', e, de modo especial, penso nas pessoas que abraçam a vida consagrada e o ministério ordenado. Conheço a vossa fadiga, as solidões que, às vezes, tornam pesado o coração, o risco da monotonia que pouco a pouco apaga o fogo ardente da vocação, o fardo da incerteza e da precariedade dos nossos tempos, o medo do futuro.

Música

– Acalma a minha Tempestade (Frei Gilson) https://www.youtube.com/watch?v=2Zh5APb9w5M

Animador/a – Coragem, não tenhais medo!

Leitor 2 - A fé permite-nos, apesar das nossas fragilidades e limitações, caminhar ao encontro do Senhor Ressuscitado e vencer

as próprias tempestades. Pois Ele estende-nos a mão, quando, por cansaço ou medo, corremos o risco de afundar e dá-nos o ardor necessário para viver a nossa vocação com alegria e entusiasmo.

Leitor 3 - Quando Jesus sobe para o barco, cessa o vento e aplacam-se as ondas. É uma bela imagem daquilo que o Senhor realiza na nossa vida e nos tumultos da história, especialmente quando estamos lutando com a tempestade: Ele ordena aos ventos contrários que se calem, e então as forças do mal, do medo, da resignação deixam de ter poder sobre nós.

Todos - Jesus está ao nosso lado e, se O reconhecermos como único Senhor da nossa vida, Ele estende-nos a mão e agarra-nos para nos salvar.

Animador/a - Em silêncio, cada um, abra seu coração e escute a voz de Jesus que diz: "Coragem, sou eu, não tenhais medo! Vem!"

(O que texto diz pra mim? O que o Senhor me pede? Tempo de silêncio e retomada... Se for oportuno colocar uma música de fundo.)

Crescendo na comunhão – "Já não vos chamo servos, (...) a vós chamei-vos amigos" (Jo 15,15)

Leitor 4 - Frequentemente aquilo que nos impede de caminhar, crescer, escolher a estrada que o Senhor traça para nós são os fantasmas que pululam nos nossos corações.

Leitor 1 - O Senhor sabe que uma opção fundamental de vida – como casar-se ou consagrar-se de forma especial ao seu serviço – exige coragem.

Leitor 2 - Ele conhece os interrogativos, as dúvidas e as dificuldades que agitam o barco do nosso coração e, por isso, nos tranquiliza: «Não tenhas medo! Eu estou contigo».

Todos - Uma palavra que deve acompanhar sempre a nossa vida e o nosso caminho vocacional: "Coragem! Sou Eu! Não temais!" (Mt 14, 27).

Animador/a - Chegou a hora de apresentarmos a Deus nossos sonhos, anseios e orações. Que novo olhar este texto gera em mim?

(Deixar tempo para a partilha ou preces. Se o/a animador/a julgar oportuno, esse pode ser, também, o momento para, pessoalmente ou como grupo, assumir um gesto concreto)

Canto - (a escolha)

Rezando com os irmãos e irmãs – "A minha alma glorifica o Senhor" (Lc 1,46)

Animador/a - A nossa vida, mesmo no meio das ondas, abre-se ao louvor. É impossível falar de gratidão e encorajamento

sem contemplar Maria. Ela, mulher do coração transpassado (cf. Lc 2,35), ensina-nos o louvor capaz de abrir o olhar para o futuro e devolver a esperança ao presente. Toda a sua vida ficou condensada no seu cântico de louvor (cf. Lc 1,46-55).

Leitor 3 - Somos convidados/as a cultivar a atitude interior de Maria Santíssima: agradecida pelo olhar que Deus pousou sobre Ela, superando na fé medos e perturbações, abraçando com coragem a vocação, Ela fez da sua vida um cântico eterno de louvor ao Senhor.

Animador/a – Com Maria, a Serva do Senhor, invoquemos a Trindade pelas vocações

Todos – Maria, humilde serva do Altíssimo, o Filho que geraste tornou-te serva da humanidade.

Lado 1 – A vida foi serviço humilde e generoso: foste serva da Palavra quando o anjo te anunciou o projeto divino da salvação;

Lado 2 – foste serva do Filho, dando-lhe a vida e permanecendo aberta ao seu mistério;

Lado 1 – Foste serva da Redenção, estando corajosamente aos pés da Cruz, alo lado do Servo e Cordeiro sofredor, que se imolava por nosso amor;

Lado 2 – Foste serva da Igreja no dia de Pentecostes e, com tua intercessão continuas a gera-la em cada crente, também nestes nossos tempos difíceis e angustiosos.

Lado 1 – A ti, jovem filha de Israel, que conheceste a inquietação do coração juvenil diante da proposta do Eterno, olha com confiança os jovens do terceiro milênio.

Lado 2 – Torna-os capazes de acolher o convite de teu Filho, a fazer da vida um dom total para a glória de Deus.

Lado 1 – Fá-los compreender que servir a Deus sacia o coração e que só no serviço de Deus e do seu Reino eles se realizam, segundo o divino projeto, e a vida se transforma num hino de glória a Santíssima Trindade. Amém.

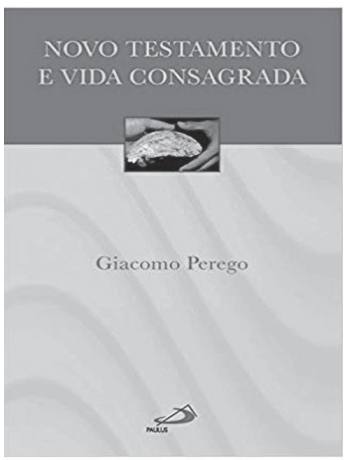
Oração conclusiva

Todos - Jesus Cristo, Amor de todo o amor, estivestes sempre comigo e eu não sabia. Estavas lá e eu esqueci-te. Estavas no fundo do meu coração e eu te procurei em outros lugares. Quando estava longe de ti, tu esperaste por mim. Chegou o dia em que te posso dizer: ressuscitado, és minha vida. A Cristo pertenço, de Cristo provenho. Amém.

Animador/a – Nos abençoe hoje e sempre o Deus Trindade que é Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Resenha

NOVO TESTAMENTO E VIDA CONSAGRADA



Pe. Jaldemir Vitório SJ

PEREGO, Giacomo. *Novo Testamento e vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 2010, 279 pp.. Tradução do original italiano por Paulo Ferreira Valério. ISBN 978-85-349-2644-7.

A Vida Consagrada (VC) configura-se como uma das infinitas encarnações do discipulado cristão ao longo do tempo. Na feliz intuição de Fábio Ciardi, "a vida consagrada é a história de como se interpretou e se viveu o Evangelho" (p. 22). Jesus de Nazaré, em seu ministério na Galileia, onde lançou as sementes das comunidades do Reino, convocou um punhado de discípulos, a quem instruiu e preparou para se tornarem apóstolos. Esse se constitui no marco zero de um dinamismo cujos frutos se podem perceber nos incontáveis projetos de vida, individuais e comunitários, cujo ponto de referência é o evento cristão, delineado, de modo especial, nas catequeses evangélicas.

No âmbito da Igreja Católica, a VC chegou ao ponto de ser considerada "caminho de perfeição", em detrimento das demais vocações, consideradas de densidade espiritual inferior. Com isso, certas perícopes evangélicas foram sequestradas para serem aplicadas aos religiosos, como se fossem destinadas apenas a eles. Pensemos Mt 19,16-22. A proposta de Jesus ao jovem rico passou a ser entendida, implicitamente, assim: "Se você quer ser perfeito,

torne-se religioso!" Entretanto, como recorda Jean-Marie Tillard, "nada autoriza a encontrar em uma ou em outra afirmação de Jesus a quase instituição ou justamente o fundamento explícito da vida religiosa" (p. 35). Tudo nos evangelhos diz respeito ao conjunto dos batizados, embora certos textos os toquem de maneira diferenciada, como foi o caso de Santo Antônio ("pai dos monges") e São Francisco de Assis, motivados a responder na contramão do jovem rico aos apelos do Senhor (p. 176).

O substrato cristão da VC exige dos religiosos e das religiosas conhecerem seus fundamentos no conjunto da revelação bíblica, a ser entendida e internalizada por quem se decide a seguir os passos de Jesus de Nazaré, nas múltiplas congregações religiosas. Sem tal consciência, torna-se grande o risco de infidelidade ao carisma da consagração ao serviço do Reino.

O biblista italiano e religioso paulino, Giacomo Perego, deu-se ao trabalho de refletir sobre os textos neotestamentários basilares para a compreensão dos eixos vertebradores da VC, sem se deter em aplicá-los às experiências históricas desse carisma eclesial, em sua identidade e missão. Sua preocupação limita-se a explicitar os fundamentos bíblicos da VC, estando fora do seu objetivo refletir o tema de fundo de cada capítulo à luz das perícopes estudadas. Essa será tarefa do leitor e da leitora, tendo diante de si os dados oferecidos pelo autor.

Embora privilegie o evangelho de Marcos, na busca dos fundamentos da VC, o autor lança mão de outros textos do Novo Testamento, que lhe parecem importantes para o objetivo de sua obra. Uma opção de fundo consistiu em romper com a postura tradicional de "avizinhar-se dos textos com a pretensão de que eles nos indiquem algo de exclusivo sobre a vida religiosa" (p. 15). Isso o permite fazer uma reflexão bíblica mais abrangente, livre e garimpar textos que, em geral, passam à margem da fundamentação cristã da VC. Como pano de fundo, está a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata* (1996), citada no início de cada um dos oito capítulos e aludida aqui acolá.

A reflexão parte de "uma viagem através dos séculos", para verificar como os textos bíblicos foram usados para fundamentar a VC, no tempo da Patrística, da Idade Média e no Concílio Vaticano II (cap. 1).

E segue, refletindo sobre o tema da "consagração", distinguindo separação e encarnação, sobre o pano de fundo da consagração de Jesus em Marcos, acontecida do Jordão ao Gólgota,

num movimento único (cap. 2). Trata-se de "um ato de 'imersão plena' na História e nas vicissitudes da humanidade, assumidas e vividas até o fundo, redimidas pela lógica do despojamento e do dom total de si" (p. 59).

A vocação, como "busca de Deus e missão do homem", é pensada à luz do chamado que Deus tem para cada ser humano, encarnada por Jesus Cristo de maneira radical e comunicada aos discípulos (cap. 3). A vocação do apóstolo Paulo, referida várias vezes (Gl 1,15-17; At 9,1-19; 22,3-21; 26,9-18), destaca-se, sobremaneira, no âmbito neotestamentário.

O tópico da comunidade, "entre ideais de vida e realidades concretas", toca um tema basilar para a VC (cap. 4). Seu "primeiro arquétipo [é] o mistério trinitário de Deus" (p. 98), explicitado com a imagem do pastor (Jo 10) e na oração de Jesus (Jo 17). A *koinonia* marcou a vida do Mestre com seus discípulos, bem como as primeiras comunidades cristãs. Os discípulos, chamados a "estar com" Jesus (Mc 3,14), vivem a comunhão com ele em três lugares privilegiados: a casa, a barca e a mesa. O retrato da comunidade ideal, "um só coração e uma só alma" (At 2,42-47; 4,32-35) é colocado em paralelo com a comunidade real (At 1,13-14), com "três correntes diferentes da Igreja das origens, em tensão entre si" (p. 120), marcada por um "pecado original" (At 5,1-11).

A castidade na VC, "reflexo do amor infinito de Deus", inspira-se no celibato de Jesus e em seu ensinamento a respeito de quem se faz eunuco "por causa do Reino do Céu" (cap. 5). Os conselhos paulinos de 1Cor 7 servem, também, de referencial.

A pobreza, uma "espoliação necessária", "acompanha como um fio condutor todos os textos, dos Evangelhos ao Apocalipse" (p. 161). O autor limita-se ao estudo de dois blocos do evangelho de Marcos (cap. 6). Por um lado, mostra Jesus revestido de pobreza, com sua "nudez extrema mas fecunda no Gólgota" (p. 191), no contexto do mistério pascal (Mc 14,51–15,47), por outro, aponta para a presença do tema na viagem para Jerusalém (Mc 9,2–10,52), mormente, no encontro com o homem rico (Mc 10,17-22) e com o cego-mendigo Bartimeu (Mc 10,46,52). Dois episódios contrastantes! A leitura de dois textos paulinos (2Cor 8,1-15 e Fl 2,5-11) enriquece a reflexão.

A obediência, como "adesão ao mistério pascal", "mais que os outros voos, encontra na Bíblia maior suporte" (p. 193), devido à obediência de Jesus ao Pai (cap. 7). A carta aos Hebreus, de modo especial, "capta na obediência de Jesus o ato supremo de sua

vocação e missão" (p. 175), por exemplo ao afirmar que "Deus o escutou, porque ele foi submisso" (Hb 5,7) e que "aprendeu a ser obediente através de seus sofrimentos" (Hb 5,8). A obediência do Mestre reflete-se na obediência dos discípulos, chamados a uma "adesão plena à lógica pascal, ao mistério que o Pai lhe confiou, um mistério que necessariamente deve passar pela via dolorosa do despojamento, entendido como experiência de desprezo e de malogro" (p. 207). Espelha-se, também, na obediência praticada nas primeiras comunidades, na relação com seus líderes, como no caso do apóstolo Paulo.

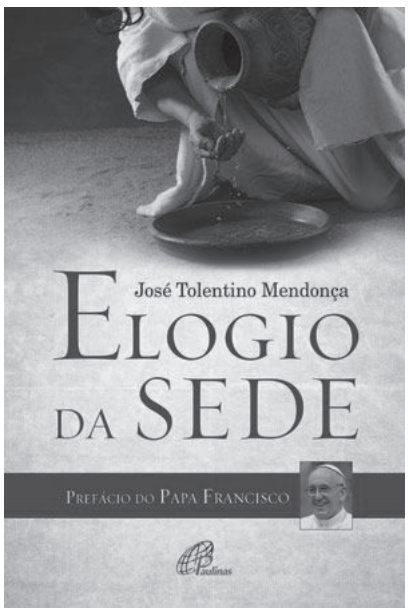
O item referente às vidas eucarísticas, "a fonte da missão", detém-se no tema da mesa, como lugar privilegiado de comunhão, não aprofundado anteriormente (cap. 8). "É, com efeito, em torno do mistério do 'pão partido' que os discípulos de ontem e os consagrados de hoje são impulsionados em um caminho de conformação ao Mestre" (p. 221). O paralelismo entre o relato da multiplicação dos pães (Mc 6,30-44) e o da instituição da eucaristia (Mc 14,22-25) mostra como Jesus cumpre, no final de sua caminhada, o que ensinou ao longo do ministério. Os verbos aplicados a si, na última ceia (Mc 14,22), são os mesmos da multiplicação dos pães (Mc 6,41). A cruz revelará "o rosto concreto do Mestre, entregue ao Pai, abençoado, partido e dado pela salvação do mundo" (p. 236-237). A perfeição dos discípulos consistirá em seguir o Mestre, até o fim, nesse caminho de consagração ao Pai a serviço da humanidade.

O capítulo conclusivo traça um paralelo entre a mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20,17-23) e a mãe de Jesus (Jo 19,25-27), para mostrar como "o 'malogro educativo' da primeira mãe parece ter sido sanado, culminado, redimido" pela segunda mãe (p. 264). Afinal, Tiago foi o primeiro discípulo a sofrer o martírio (At 12,1-2); João parece ter sido o último (Jo 21,23). "Tornaram-se pão partido" (p. 264).

Como se vê, trata-se de uma obra inspiradora para quem deseja aprofundar o sentido do carisma da VC, em seus fundamentos neotestamentários. Todavia, se o objetivo da obra é "buscar na totalidade do evento Jesus aquele 'centro', essencial e maleável, do qual germinou e continua germinar a vida consagrada em suas múltiplas formas" (p. 7), torna-se injustificável a ausência do tema da missão e do serviço aos pobres, marca da vida e dos ensinamentos de Jesus de Nazaré e das comunidades do Novo Testamento.

O ELOGIO DA SEDE

Pe. João Mendonça, sdb



José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, São Paulo: Paulinas, 2019, 2ª edição, 158 pp. 15,5 x 23 cm.

O então padre José Tolentino Mendonça, desde outubro 2019, cardeal, foi convidado pelo papa Francisco para pregar o retiro à Cúria em 2018. Ele é poeta, teólogo e passeia muito bem na literatura, citando inclusive autores não cristãos. O tema da interculturalidade está presente nos exercícios pregado por Tolentino, que agora virou livro. Com uma versatilidade e honestidade de pensamento, o autor apresenta uma tese fundamental**: A sede de Jesus**. Com esta convocação o pregador chamou os membros da Cúria a olhar para fora dos muros do Vaticano, a deixar de enxergar o próprio umbigo e contemplar a universalidade da Igreja desde as sedes do mundo.

O texto não foi escrito diretamente para e sobre a Vida Religiosa Consagrada (VRC), porém, os argumentos não podem passar despercebidos por nós, pelo esforço da intercongregacionalidade, o diálogo entre gerações, as relações mútuas entre VRC e igrejas locais, inclusive a formação das novas gerações. Há que se perguntar lendo a obra: nós religiosos e religiosas estamos sedentos de quê? Ou estamos saciados de quê? Caso contrário, ou não temos sede e, portanto, estamos à deriva.

O livro foi prefaciado pelo papa Francisco e ressaltou que

o retiro foi um exercício para "recolocar a sede de Jesus no centro do coração pulsante do Cristianismo e a sede da humanidade. A sede de Jesus é de nos alcançar para entrar em contato com nossas feridas". Assim o papa resumiu com uma grande densidade o conteúdo do livro.

Divido em 10 pregações, o conteúdo tece uma grande teia ao redor da SEDE. Jesus que finaliza sua presença terrena com o grito: *Tenho Sede* (Jo 19,28). Muito embora, de diversas formas, durante sua vida pública Jesus chamou as pessoas a beber da fonte da água viva: a Samaritana, Nicodemos, Zaqueu, a parábola dos dois irmãos, as mulheres que encontram Jesus, o saber vencer as tentações; a Igreja, discípula de Jesus, é motivada a estar sedenta e deve sair do centro, ir corajosamente às periferias, aos lugares da alma humana, e ali gerar as bem-aventuranças da sede que configuram a própria pessoa de Jesus. Jesus é o manso, o faminto de justiça, o aflito, o pacífico, o perseguido. As sedes que muitos traziam no coração e procuravam Jesus para saciar suas dores, seus cansaços, suas incertezas e decepções não foram saciadas, mas transformadas. Essas sedes ainda continuam hoje e muitos buscam saciar sua garganta ressequida e, às vezes, não encontram o poço da água viva. Não se trata tanto de uma água material, mas imaterial, ou seja, o encontro com Jesus, que de fato dá um novo sentido à vida, e as buscas da alma. Somos seres sedentos, dentro de nós há a mão de Deus que toca a nossa pele e transforma aos poucos o vaso que somos.

Para a VRC, esse livro pode ser uma fonte inspiradora de reflexão e conversão cultural, pastoral, humana, espiritual, ecológico integral, em vista de um testemunho de vida mais transparente e coerente com as exigências atuais do Evangelho. É preciso manter homens e mulheres consagrados sedentos de Deus e sedentos do humano.

Belém
São Luís
Manaus
Fortaleza
Teresina
Recife
Palmas
Porto Velho
Cuiabá
Salvador
Brasília
Goiânia
Belo Horizonte
Campo Grande
Vitória
Rio de Janeiro
São Paulo
Curitiba
Florianópolis
Porto Alegre
CRB NACIONAL
REGIONAIS

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: **convergencia@crbnacional.org**
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: **www.crbnacional.org.br**

Nome completo: .....
Congregação: .....
Endereço: .....
CEP (código postal): .....Cidade: .....UF: .....País: .....
Nova assinatura ( ) ☒Renovação ( )
Telefone: ( ) .....E-mail: .....
Forma de pagamento:
Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência: ..... C/C: .....

Valor da Assinatura:

Brasil: R$ 145,00 América Latina e Caribe: U$ 80 Europa: E 70 Outros países: U$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail **(convergencia@crbnacional.org.br)**
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).